

ANDY
McDERMOTT



EM BUSCA DA
ATLANTIDA

TRADUÇÃO DE ANA BEATRIZ MANSO



Para a minha família e amigos

PRÓLOGO

Tibete

O Sol ainda não raiara sobre os cumes dos Himalaias, mas Henry Wilde já estava a pé. Estava acordado, à espera do momento em que a luz da aurora iluminasse as montanhas, há mais de duas horas.

Mais de duas horas, pensou. Mais pareciam anos, a maior parte da sua vida. O que começou como uma curiosidade da juventude transformara-se em... hesitava em usar a palavra *obsessão*, mas era isso mesmo. Uma obsessão que lhe valera escárnio e troça por parte do mundo académico; uma obsessão que lhe consumira a maior parte do dinheiro que ganhara durante a vida.

Mas, lembrou a si mesmo, era também uma obsessão que o juntara a uma das mulheres mais espantosas que já conhecera.

— Quanto tempo falta para o nascer do Sol? — Perguntou Laura Wilde, mulher de Henry há quase vinte anos, aconchegando-se a ele dentro da sua parca grossa. Os dois tinham-se conhecido quando andavam a estudar na Universidade Columbia de Nova Iorque. Embora já tivessem reparado um no outro — como Henry era um louro com um metro e noventa e cinco e Laura tinha um cabelo com um tom de ruivo tão intenso que quase parecia artificial, era difícil que isso não tivesse acontecido —, só quando um ensaio de Henry sobre o tema da sua obsessão foi arrasado de forma trocista pelo professor deles, à frente de toda a turma, é que eles se falaram. As primeiras três palavras de Laura fizeram com que Henry se apaixonasse de imediato.

Foram elas: «Acredito em ti.»

— Deve estar quase — disse Henry, olhando para o relógio antes de a envolver com um braço terno. — Só gostava que a Nina aqui estivesse,

para o ver connosco. — Nina, a filha deles, era a segunda das mulheres mais espantosas que já conhecera.

— É o que acontece quando agendas uma expedição no meio dos exames dela — repreendeu-o Laura.

— Não me culpes a mim, culpa o governo chinês! Eu queria vir no mês que vem, mas eles não se demoveram, disseram que era isto ou nada...

— Querido?

— Sim?

— Estou a brincar. Não te culpo. Eu também não queria perder esta oportunidade. Mas, sim, também gostava que a Nina aqui estivesse.

— Receber um postal de Xulaodang não parece ser uma compensação muito justa, pois não? — Suspirou Henry. — Arrastamo-la pelo mundo inteiro para becos sem saída atrás de becos sem saída e, quando finalmente encontramos uma verdadeira pista, ela não pode vir!

— Nós *achamos* que encontrámos uma verdadeira pista — corrigiu-o Laura.

— Saberemos dentro de instantes, não é? — Apontou para a paisagem diante deles. Três cumes cobertos de neve, mais ou menos do mesmo tamanho, erguiam-se para lá do planalto acidentado onde tinham montado acampamento. No momento em que a maior cadeia montanhosa, a oriente, os deixasse à sombra, e quando o Sol trepasse sobre o obstáculo, isso iria mudar. E, se as histórias que tinham reunido fossem verdadeiras, iria mudar de forma espectacular...

Henry pôs-se de pé, oferecendo uma mão para levantar Laura. Ela expirou uma nuvem de hálito fumegante ao erguer-se; o planalto ficava a mais de três mil metros acima do nível do mar, e o ar era rarefeito e frio, de uma forma que nenhum deles testemunhara antes. Mas tinha também pureza, clareza.

De alguma forma, Henry sabia que iriam encontrar aquilo que procuravam.

A primeira luz da aurora alcançou os três cumes.

Ou melhor, alcançou *um* deles, com uma brilhante luz dourada que explodia da perfeita neve branca no topo do cume central. Quase como um líquido, a luz do Sol fluiu lentamente pelo cume abaixo. As duas montanhas de cada lado permaneceram na sombra, com a aurora ainda bloqueada pela cadeia montanhosa maior.

— É verdade... — disse Henry tranquilamente, com admiração na voz.

Laura estava um pouco menos reverente. — A mim, aquilo parece-me muito um cume dourado.

Ele sorriu-lhe antes de voltar a olhar para o espectáculo diante deles.

A montanha estava quase incandescente à luz da aurora. — Eles tinham razão. Bolas, eles tinham *razão*.

— De certa forma, é quase deprimente — disse Laura. — O facto de um monte de nazis, há mais de cinquenta anos, ter sabido primeiro, e ter estado tão perto de o encontrar.

— Mas *não* o encontraram. — Henry cerrou o maxilar. — *Nós* é que vamos encontrá-lo.

O Cume Dourado — até hoje não passava de uma lenda, um pedaço de folclore antigo — era a última peça do puzzle que Henry andara a montar toda a sua vida. Não estava certo do que iria ali encontrar exactamente. Mas do que ele *estava* certo era de que aquilo iria fornecer-lhe tudo o que precisava para atingir o seu objectivo final.

A derradeira lenda.

A Atlântida.

*

A impressionante exibição de luz no Cume Dourado durou pouco mais de um minuto, antes de o Sol subir o suficiente para atingir os dois cumes vizinhos. Quando o grupo começou a escalar a encosta oriental do cume, o Sol já estava bem alto. Com as suas companheiras agora fora da sombra, à intensa luz do dia, a montanha não se distinguia das que a rodeavam.

Havia sete pessoas na expedição: três americanos e quatro tibetanos. Estes últimos tinham sido contratados como carregadores e guias; embora conhecessem a zona, tinham ficado tão maravilhados como os seus visitantes estrangeiros com o facto de a lenda popular se ter tornado realidade. A região era desolada e isolada, até mesmo para os padrões tibetanos, e Henry apercebeu-se de que eles podiam ser os únicos ocidentais da História a terem testemunhado o que tinham acabado de ver.

Excepto, talvez, as pessoas que os haviam conduzido até ali.

Henry mandou parar o grupo. Enquanto os outros sacudiam agradecidamente a neve das rochas das redondezas e se sentavam, ele tirou a mochila e retirou cuidadosamente uma pasta delgada de uma das suas bolsas. Laura juntou-se a ele enquanto ele folheava as páginas vedadas dentro de micas de plástico.

— Outra vez a verificar? — Perguntou ela, espicaçando-o. — Pensava que, por esta altura, já os sabias de cor.

— O alemão não é das línguas que mais domino — recordou-lhe, encontrando uma página em particular. O papel estava descorado, manchado pela humidade e pelo tempo.

Os documentos secretos da Ahnenerbe — a Sociedade Alemã da He-

raça Ancestral, parte das SS de Hitler sob o comando directo de Heinrich Himmler — tinham sido encontrados escondidos atrás de tijolos numa cave do Castelo Wewelsberg, no norte da Alemanha. Wewelsberg fora o quartel-general das SS e o centro da obsessão nazi pela mitologia e o oculto. No fim da guerra, tinham sido dadas ordens para destruir o castelo e o conhecimento que continha. Em vez disso, alguém decidira desobedecer a essas ordens e esconder os documentos.

E agora eram os Wilde que os tinham.

No ano transacto, Bernd Rust, um velho amigo e colega de Henry, contactara-o por causa da descoberta. A maior parte dos redescobertos documentos das SS tinha sido entregue ao governo alemão, mas, sabendo do interesse dos Wilde, Rust — correndo um considerável risco a nível profissional — retivera secretamente algumas páginas em particular, aquelas que se referiam à Atlântida. Mesmo vindo de um amigo, não saíram baratas, mas Henry sabia que valiam cada cêntimo.

Embora sentisse um profundo desconforto por utilizar material nazi para o ajudar na sua investigação — a ponto de nem sequer ter falado nisso à filha, partilhando a informação apenas com Laura e o outro membro americano do seu grupo —, também sabia que, sem ele, nunca iria encontrar a Atlântida. De alguma forma, meio século antes, os nazis tinham descoberto algo que os fizera saltar quase para o fim do trilho.

A Ahnenerbe organizara expedições ao Tibete na década de 1930, e até mesmo na de 1940, enquanto a guerra grassava na Europa. Por ordem dos proeminentes nazis que faziam parte da sinistra Sociedade Thule, entre eles Himmler, tinham sido enviadas três expedições para a Ásia. A Sociedade Thule acreditava que por debaixo dos Himalaias se encontravam cidades subterrâneas construídas pelos lendários descendentes dos atlantes, que partilhavam uma ancestralidade comum com a raça dominante ariana. Apesar de os exploradores terem feito muitas descobertas acerca da História tibetana, não encontraram nada sobre os atlantes e regressaram à Alemanha de mãos a abanar.

Mas o que os papéis que agora estavam na posse de Henry revelavam era que existira uma *quarta* expedição, mantida em segredo até do próprio Hitler.

O Führer não se inclinava tanto como os seus seguidores a acreditar em mitos. Quando a guerra se intensificou, ele decidiu, de forma pragmática, que os recursos nacionais seriam mais bem empregues na máquina de guerra nazi do que no envio de expedições ao outro lado do mundo em busca de lendas.

Mas Himmler era um verdadeiro crente. E as descobertas da Ahnenerbe tinham-no convencido de que a lenda estava ao seu alcance.

O que deixou Henry chocado foi o facto de ele e Laura estarem no mesmo trilho... mas com meio século de atraso. Juntando pistas de dezenas, *centenas* de fontes históricas, minúsculos fragmentos de provas que gradualmente formavam uma imagem, como se fosse um puzzle, dez anos antes os Wilde tinham viajado com Nina até um local na costa de Marrocos. Para júbilo de Henry, tinham encontrado vestígios de uma colónia ancestral escondidos sob as areias africanas... mas a satisfação transformou-se em desespero quando se aperceberam de que alguém chegara primeiro. À parte alguns fragmentos sem valor, o local fora todo limpo.

Agora Henry sabia por quem.

Os nazis tinham juntado as mesmas peças do puzzle e enviado uma expedição a Marrocos. A mão-cheia de documentos da Ahnenerbe que agora tinha em seu poder dava apenas pistas daquilo que tinham descoberto, mas, com base nessas descobertas, tinha sido organizada outra expedição na América do Sul. Os documentos não revelavam o que eles lá tinham encontrado — mas revelavam o resultado final da missão. Os nazis tinham sido conduzidos ao Tibete, ao Cume Dourado.

Até este lugar.

— Só gostava de ter mais informação — queixou-se Henry. — Adoraria saber exactamente o que é que eles encontraram na América do Sul.

Laura virou-se para uma página em particular. — Sabemos o suficiente. Eles trouxeram-nos até aqui. — Leu uma frase do papel apodrecido e manchado: — «O Cume Dourado, que se diz que brilha com a luz da aurora no meio de duas montanhas escuras.» Eu diria que — ergueu o olhar para a montanha indistinta — isto corresponde.

— Até agora. — Henry examinou o texto. Embora já o tivesse lido uma centena, um milhar de vezes, verificou-o novamente, para se certificar de que não errara na tradução.

Não errara. Era este o local.

— Então, a entrada deve ser no final do Caminho da Lua... seja lá isso o que for. — Observou a paisagem elevada pelos binóculos, não vendo nada além de rochas e neve. — Porque é que as lendas têm de ter sempre nomes enigmáticos? Parece conduzir à Lua? Segue os movimentos da Lua? É o quê?

— Acho que se parece com a Lua — disse Laura com ar sério. — Mais concretamente, com um quarto crescente.

— Porque é que achas isso? — Ainda não havia nada à vista que fosse remotamente parecido com a Lua quando ele perscrutou a encosta da montanha.

— Porque — respondeu ela, pousando a mão sobre os binóculos e afastando-lhos suavemente do rosto — estou a vê-lo mesmo à minha frente.

Henry pestanejou, perguntando-se do que estaria ela a falar... até que ele próprio o viu.

Tinha ali estado desde sempre, mas ele estivera tão preocupado em procurar por algum pequeno pormenor em particular que não reparara na imagem global.

À sua frente estava um longo caminho curvo que virava para a esquerda, subindo a encosta do cume antes de dar a volta para a direita e terminar numa ampla saliência um pouco acima. Contrastando com a miscelânea de rochas negras e remendos de neve à sua volta, o caminho era um crescendo quase intacto de branco puro, indicando um terreno mais plano, mais suave. Ele nem podia acreditar que não tinha reparado nele antes.

— Laura?

— Sim?

— Este é outro daqueles momentos em que me sinto *tão* feliz por ter casado contigo.

— Pois. Eu sei. — Sorriram um ao outro, depois beijaram-se. — Então, — disse ela, quando se apartaram — a que distância achas que fica?

— Um quilómetro e meio, talvez... cerca de 150 metros de altitude. Bastante íngreme.

— Se os atlantes antigos conseguiam lá subir de sandálias, calculo que nos safemos com botas de montanha.

— Eu também. — Henry voltou a guardar a pasta na mochila, depois acenou ao resto da expedição. — Muito bem! É agora! Vamos sair!

*

O caminho revelou-se mais ardiloso de ultrapassar do que se esperava. A neve camuflava uma superfície coberta de pedras soltas por derrocadas, tornando cada passo traiçoeiro.

Quando chegaram à saliência, o Sol já passara sobre o cume da montanha, deixando toda a encosta oriental à sombra. Henry virou-se e perscrutou o horizonte, enquanto ajudava Laura a subir os últimos poucos metros do caminho. Nuvens espessas aproximavam-se vindas do norte. Ele não reparara durante o esforço da subida, mas a temperatura tinha decididamente descido.

— Mau tempo? — Perguntou Laura, seguindo o olhar dele.

— Parece que vem aí uma tempestade de neve.

— Bestial. Ainda bem que subimos até aqui antes que começasse. — Olhou para trás, para a saliência que, mesmo na parte mais estreita, tinha onze metros de largura, no sítio em que cortava a encosta da montanha. — Não deve ser difícil montar acampamento aqui.

— Manda os guias montarem as tendas antes que o tempo mude — disse Henry. O caminho terminava ali; por cima da saliência, a encosta de rocha era suficientemente íngreme para obrigar a equipamento de escalada adequado. Isso não constituía problema, uma vez que eles tinham o material necessário. Mas, se os documentos da Ahnenerbe estivessem correctos, não deveriam precisar dele...

Laura transmitiu as instruções de Henry aos tibetanos antes de voltar a ir ter com ele. — O que é que vais fazer?

— Vou dar uma vista de olhos. Se houver entradas que possam, potencialmente, conduzir a grutas, não deverão ser muito difíceis de encontrar.

Laura arqueou a sobancelha, com um esgar de divertimento nos seus intensos olhos verdes. — Qualquer coisa para te safares de montar as tendas, não é?

— Ei, é para isso que lhes pagamos! — Virou-se para o homem sentado numa rocha ali próxima. — Então e tu, Jack? Vens?

O terceiro membro americano do grupo espreitou para eles de dentro do capuz da sua parca. — Deixa-me recuperar o fôlego, Henry! Acho que vou esperar aqui, vou pôr café a fazer.

— Não consegues deixar o vício pela caféina nem no Tibete, não é? — Marido e mulher reviraram os olhos de modo trocista um ao outro enquanto subiam a encosta, deixando Jack sozinho. — Em todos estes anos, ele tem-nos dito sempre que somos loucos por andarmos à procura da Atlântida, depois encontramos *finalmente* uma pista consistente e, de repente, ele praticamente implora para vir connosco... e quando estamos mesmo à entrada da porta, ele decide fazer uma pausa para o café! — Disse Henry. — Estranho.

— Certo. E *nós* não somos estranhos por passarmos os últimos vinte anos a dar a volta ao mundo à caça de lendas.

— Bem, vamos deixar de ser quando encontrarmos a Atlântida, não é? Seremos os arqueólogos mais famosos desde...

— O Indiana Jones?

Henry abriu um sorriso. — Eu ia dizer Heinrich Schliemann, mas esse também serve. Achas que fico bem com um chapéu de abas?

Laura fingiu que o examinava da cabeça aos pés. — Acho que ficas bem com quase tudo. Ou sem nada.

— Porta-te bem, sua desavergonhada. Espera até estarmos num sítio com aquecimento central. Ou, pelo menos, com uma fogueira crepitante.

— Vou fazer-te cumprir essa promessa. E a fogueira parece ser muito mais romântica. — Continuaram a subir a saliência, com a neve a desfazer-se debaixo das suas botas.

Passados alguns minutos, Henry parou, contemplando a rocha. — Alguma coisa? — Perguntou Laura.

— Estes estratos... — disse ele, apontando. Incontáveis eternidades antes, as forças imensas que provocaram a elevação dos Himalaias no local onde as placas tectónicas da Índia e da Ásia colidiram também deformaram as próprias rochas, torcendo as camadas de modo a que se dispusessem de forma quase vertical, em vez de horizontal.

— O que é que têm?

— Se deslocássemos estas pedras, — disse Henry, dirigindo-se a uma pilha de pedras caídas — acho que teríamos uma entrada.

Laura olhou por cima do ombro dele, vendo uma fatia de escuridão absoluta no meio do estrato pregueado. — Suficientemente grande para se entrar?

— Vamos descobrir! — Puxou a rocha mais alta. Neve e calhaus soltos caíram dela quando a atirou para o lado. O buraco negro por detrás ficou mais profundo. — Ajuda-me aqui.

— Ah, então, pagas aos indígenas para montarem tendas, mas, quando se trata de deslocar rochas pesadas, arrastas a tua mulher contigo...

— Deve ter havido um aluimento. Isto é apenas a parte de cima da entrada. — Puxou mais rochas para o lado, com a ajuda de Laura. — Usa a tua lanterna, vê se consegues perceber até onde vai.

Laura tirou a mochila e retirou uma Maglite, iluminando o buraco. — Não consigo ver o fim. — Parou, depois gritou: — Eco! — Uma ligeira réplica da sua voz surgiu do meio da câmara escura. Henry ergueu o sobrolho. — Eh. Desculpa.

— Seja como for, aquilo lá dentro é grande. Quase tão grande como a tua boca. — Laura deu-lhe uma palmada suave na nuca. — Acho que, se deslocarmos esta rocha aqui, somos capazes de nos conseguir encolher para entrar.

— Queres dizer, *eu* sou capaz de me conseguir encolher para entrar.

— Ora, com certeza! Primeiro as senhoras.

— Que porcaria de cavalheirismo — queixou-se Laura, a brincar. Ambos agarraram a desagradável rocha, depois juntaram os pés e puxaram. Por instantes, nada aconteceu; depois, ela soltou-se com um som áspero. A abertura estava agora a um metro de altura e com cerca de meio metro na parte mais larga, afunilando-se para nada no topo.

— Achas que cabes? — Perguntou Henry.

Laura pôs um braço dentro do buraco e apalpou-o por dentro. — Ele alarga. Depois de eu passar, devo ficar bem. — Inclinou-se para se aproximar e dirigiu a lanterna para baixo. — Tinhas razão em relação ao aluimento. É bastante íngreme.

— Eu amarro-te com uma corda — disse Henry, retirando a sua própria mochila. — Se houver algum problema, posso puxar-te cá para fora.

Depois de a corda estar presa ao arnês de escalada de Laura, ela atou o cabelo num rabo-de-cavalo e avançou para a abertura, primeiro com os pés. Lá dentro, pôs-se de pé com cautela, sentindo a superfície frouxa a mover-se debaixo dos seus pés.

— O que é que vês? — Perguntou Henry.

— Até agora, só rochas. — Com os olhos a adaptarem-se à escuridão, Laura voltou a ligar a Maglite. — Há um piso mais plano no fundo. Parece... — Levantou novamente a luz. O feixe de luz recaiu em paredes de rocha — depois, nada mais do que negritude. — Há aqui uma passagem, bastante larga, e não faço ideia até onde chega. É uma grande distância. — O entusiasmo ergueu-se-lhe na voz. — Acho que é obra humana!

— Consegues descer?

— Vou tentar. — Experimentou dar um passo, com as duas mãos levantadas para ter equilíbrio. Pequenos pedaços de escombros deslizaram pela pilha. — É um bocado frouxo, se calhar tenho de...

Com ruído, uma grande pedra soltou-se debaixo do seu pé direito. Apanhada de surpresa, caiu de costas e escorregou indefesamente pela encosta abaixo. A lanterna retumbou à frente dela.

— Laura! *Laura!*

— Estou bem! Só escorreguei. — Levantou-se. As suas roupas grossas tinham-na salvo de uma experiência dolorosa.

— Queres que te puxe para cima?

— Não. Estou ótima. O melhor é dar uma vista de olhos, agora que estou cá em baixo. — Dobrou-se para apanhar a rija lanterna de metal...

E apercebeu-se de que não estava sozinha.

Por um instante, ficou imóvel, mais pelo choque do que pelo medo. Depois, a curiosidade levou a melhor e ela percorreu as cercanias cautelosamente com o feixe de luz.

— Querido? — Gritou a Henry.

— Sim?

— Lembras-te daquela expedição secreta nazi que foi ao Tibete e da qual nunca mais se soube nada?

— Credo, sabes, esqueci-me completamente disso — gritou em resposta, com mais do que uma ponta de sarcasmo. — Porquê?

O triunfo encheu a voz de Laura. — Acho que acabei de a encontrar.

*

Havia cinco corpos na gruta. Rapidamente se tornou claro que não tinham sido mortos pela derrocada de rochas que bloqueara a entrada; pelo aspecto quase mumificado dos cadáveres, a causa mais provável de morte fora a exposição climática, com o frio dos Himalaias a preservar e a dissecar as vítimas. Enquanto os outros membros da expedição investigavam o resto da gruta, os Wilde desviaram a sua atenção para os seus ocupantes.

— O tempo deve ter mudado, — ponderou Henry, agachando-se para examinar os corpos à luz da lanterna — por isso entraram aqui para procurar abrigo... e nunca saíram.

— Gelar até à morte não é a maneira como eu quero partir — disse Laura com uma careta.

Um dos guias tibetanos, Sonam, gritou-lhes da passagem em baixo. — Professor Wilde! Há aqui qualquer coisa!

Deixando os corpos, Henry e Laura adentraram a caverna. Tal como Laura pensara, a passagem era claramente artificial, esculpida na rocha. A cerca de nove metros de distância, as luzes dos outros membros da expedição iluminavam o que se encontrava no final.

Era um templo — ou um *túmulo*.

Jack já estava a examinar o que parecia ser um altar no centro da câmara rectangular. — Isto não é tibetano — anunciou, quando os Wilde entraram. — Estas inscrições... são glozel, ou uma variação.

— Glozel? — Disse Henry, com surpresa e encanto a misturarem-se-lhe na voz. — Eu sempre disse que essa era uma forte candidata a ser a língua atlante.

— Estão muito longe de casa — comentou Laura.

Ela iluminou as paredes com a sua lanterna. Colunas gravadas iam do chão ao tecto, o estilo angular, quase agressivo na sua funcionalidade limpa. Os nazis sentir-se-iam em casa, pensou ela. Podia ter sido o Albert Speer a conceber a arquitectura.

Entre as colunas estavam baixos-relevos, representações de figuras humanas. Henry aproximou-se da maior. Embora o desenho do relevo não lhe fosse familiar, tão forçosamente estilizado como o resto da câmara, ele percebeu instantaneamente quem se pretendia que fosse.

— Poseidon... — murmurou.

Laura juntou-se a ele. — Meu Deus, é *mesmo* Poseidon. — A imagem do deus diferia da interpretação tradicional grega, mas não havia dúvidas quanto ao tridente que segurava na mão direita.

— Bem, — disse Jack — o Sr. Frost ficará certamente satisfeito por a expedição ter sido um êxito...

— Que se dane o Frost, — bufou Laura — esta descoberta é *nossa*. Ele só ajudou com o financiamento.

— Ora, ora — disse Henry, batendo-lhe divertidamente no ombro. — Pelo menos, graças a ele não tivemos de escolher entre gastar a poupança da universidade da nossa filha e vender o nosso carro! — Olhou em volta. — Sonam, há aqui mais alguma coisa? Mais alguma sala ou passagem?

— Não — respondeu Sonam. — É um beco sem saída.

— Oh — disse Laura, desiludida. — É só isto? Quer dizer, é uma descoberta extraordinária, mas eu estava certa de que haveria mais...

— Pode ainda *haver* mais — assegurou-lhe Henry. — Pode haver outros túmulos ao longo da saliência. Vamos continuar a procurar.

Voltou atrás descendo a passagem e regressou aos corpos, com Laura e Jack a seguirem-no. Os cadáveres estavam embrulhados em equipamento antiquado contra o frio, com as órbitas vazias dos olhos a fitarem-no de dentro de uma pele escurecida e enrugada. — Será que o Krauss é um deles?

— É. — Laura apontou para uma das figuras. — Ali está o nosso líder da expedição.

— Como é que sabes?

Ela moveu o seu dedo coberto por uma luva em direcção ao corpo, quase tocando no seu peito. Henry aproximou a lanterna e viu um pequeno crachá de metal preso ao material, uma insígnia...

Um arrepiamento momentâneo, não relacionado com o frio, percorreu-o. Era a caveira estilizada da Schutzstaffel — as SS. Já passara mais de meio século desde que a organização fora destruída, mas ela ainda tinha o poder de evocar o medo.

— Jurgen Krauss — disse, por fim, espreitando mais de perto o morto. Havia uma certa ironia poética no facto de o líder da expedição nazi parecer agora o crânio da sua insígnia das SS. — Nunca pensei vir a conhecê-lo. Mas o que é que te trouxe aqui?

— Porque não descobrir? — Perguntou Laura. — A mochila dele está mesmo ali; provavelmente tem todos os seus blocos de notas lá dentro. Vai lá ver.

— Espera, queres que *eu* faça isso?

— Ora, obviamente! Eu não vou tocar num nazi morto. Argh!

— Jack?

Jack abanou a cabeça. — Estes corpos são bastante mais recentes do que aqueles com que estou habituado a lidar.

— Fraco — censurou Henry com um sorriso. Foi à parte de trás do corpo, tentando perturbá-lo o mínimo possível enquanto lhe abria a mochila.

Os conteúdos iniciais eram prosaicos: uma lanterna com bolhas de ferrugem por causa da corrosão das pilhas há muito estragadas; pedaços

amarrotados de papel vegetal que continham os últimos restos de comida da expedição. Mas, debaixo destes restos patéticos, as coisas tornavam-se mais interessantes. Mapas dobrados, blocos de notas forrados a cabedal, folhas de papel com decalques de mais caracteres glozel gravados, uma folha polida de cobre com aquilo que parecia um mapa ou uma carta gravada na sua superfície... e algo cuidadosamente embrulhado em camadas daquilo que o surpreendeu como sendo veludo escuro.

Laura pegou no pedaço de cobre. — Gasto pela erosão da areia... achas que poderão ter encontrado isto em Marrocos?

— É possível. — Os blocos de notas deviam ter sido os primeiros a ser examinados por Henry, mas ele estava tão intrigado pelo objecto-mistério — plano, com menos de meio metro de comprimento e surpreendentemente pesado — que o colocou cuidadosamente no chão, ao lado da lanterna, e descascou o material.

— O que é isso? — Perguntou Laura.

— Não faço ideia. Mas acho que é metal. — O veludo, entesado pelo tempo e pelo frio, revelou relutantemente o seu conteúdo quando Henry retirou a última camada.

— Uau — ofegou Laura. Os olhos de Jack dilataram-se de espanto.

Dentro do embrulho de veludo estava uma barra de metal com cerca de cinco centímetros de largura, com uma das pontas arredondada e marcada com uma ponta de flecha na superfície. Mesmo sob a fria luz azul da lanterna, o objecto tinha quase uma radiância própria, cintilando com um brilho vermelho-dourado, diferente de qualquer outra coisa que se encontra na natureza.

Henry, pasmado, inclinou-se para ver melhor. Ao contrário do pedaço que Laura tinha na mão, a barra não mostrava sinais de envelhecimento ou desgaste, parecendo recentemente polida. O metal não era ouro nem bronze, mas sim...

Laura também se inclinou mais, com o hálito a condensar-se por instantes na superfície fria. — Isso é o que eu penso que é?

— Parece que sim. Meu Deus, não posso acreditar. Os nazis encontraram realmente um artefacto feito de oricalco, tal como Platão descreveu. Um artefacto atlante verdadeiramente genuíno! E tinham-no há cinquenta anos!

— Deves um pedido de desculpas à Nina quando chegarmos a casa — escarneceu Laura. — Ela sempre achou que aquela peça que encontrou em Marrocos era oricalco.

— Parece que sim — disse Henry, pegando cuidadosamente na barra. — Não é possível que *isto* seja apenas bronze descorado. — A parte inferior, reparou ele, não era plana — havia uma saliência circular na ponta

quadrada. Na mesma posição, no topo da parte lateral, havia uma pequena ranhura com um ângulo de quarenta e cinco graus. — Acho que isto fazia parte de uma coisa maior — observou ele. — Como se devesse estar pendurado em alguma coisa.

— Ou pender dela — sugeriu Laura. — Como o braço de um pêndulo.

Henry percorreu a ponta de flecha gravada com a ponta de um dedo. — Um ponteiro?

— O que são aquelas marcas? — Perguntou Jack. Havia uma linha esbatida que percorria todo o artefacto, com símbolos igualmente ténues gravados no metal em cada um dos lados. Uma série de pontos minúsculos, organizados em grupos que iam até oito elementos. Também visíveis estavam...

— Mais caracteres glozel — disse Henry. — Mas não são bem iguais aos do túmulo; repara, alguns destes parecem-se mais com hieróglifos. — Comparou-os com os dos decalques. Eram do mesmo género. — Cada vez mais curioso.

Jack olhou com mais atenção. — Parecem-se muito com olmeca, ou qualquer coisa parecida. Bizarra mistura...

— O que é que dizem? — Perguntou Laura.

— Não faço ideia. Não é propriamente uma língua em que seja fluente. Pelo menos, por enquanto. — Tossiu com modéstia.

— Parece que foram acrescentados depois de o artefacto ter sido feito — comentou Henry. — As inscrições são muito mais imperfeitas do que a ponta de flecha. — Devolveu o misterioso objecto ao veludo. — Só por isto, já se justifica termos cá vindo! — Pôs-se de pé com um salto e deixou sair um triunfante grito de exultação, depois abraçou Laura. — Conseguimos! Encontrámos de facto provas de que a Atlântida não era apenas um mito!

Ela beijou-o. — Agora só precisamos de encontrar a própria Atlântida, não é?

— Bem, uma coisa de cada vez.

Um grito vindo do interior da gruta chamou-lhes a atenção. — Há qualquer coisa aqui em baixo, Professor! — Gritou Sonam.

Deixando o artefacto no chão, Henry e Laura apressaram-se a ir ter com o tibetano. — Olhem para isto — disse Sonam, apontando a luz para a parede do túmulo. — Pensei que fosse apenas uma fenda na rocha, mas depois apercebi-me de uma coisa. — Tirando uma luva, enfiou a ponta do seu dedo mindinho na fenda vertical e, lentamente, fê-lo percorrer a parede. — Tem exactamente a mesma largura até acima. E há outra igualzinha ali. — Apontou para um local na parede a cerca de três metros de distância.

— Uma porta? — Perguntou Laura.

Henry seguiu o caminho da fenda até acima, usando a sua lanterna para distinguir uma linha horizontal que mal se via, cerca de dois metros e meio acima. — *Grande* porta. O Jack tem de ver isto. — Levantou a voz. — Jack? Jack! — Só lhe foram devolvidos ecos. — Onde é que ele está?

Laura abanou a cabeça. — Que raio de hora para fazer uma mijja. A descoberta arqueológica mais importante do século e...

— Professor Wilde! — Era um dos outros tibetanos. — Há qualquer coisa lá fora! Oiça!

O grupo ficou em silêncio, mal respirando. Tornou-se audível um ruído surdo grave, com batidas rápidas enfatizadas por um zunido ribombante.

— Um helicóptero? — Exclamou Laura com incredulidade. — Aqui?

— Anda — disse Henry bruscamente, correndo para a entrada. O céu lá fora escurecera consideravelmente. Ele usou a corda para se içar por cima da pilha de pedras soltas, com Laura atrás de si.

— Militares chineses? — Perguntou Laura.

— Como é que eles sabiam onde estávamos? Nem mesmo *nós* sabemos exactamente para onde estávamos a ir, antes de chegarmos a Xulao-dang. — Henry encolheu-se para passar pela entrada e saiu para a larga saliência. O tempo estava decididamente a piorar, tendo-se levantado vento.

Mas essa não era a sua principal preocupação naquele momento. Procurou pelo helicóptero; o barulho aumentava, mas não estava à vista.

E nem o Jack.

Laura surgiu atrás dele. — Onde está?

A sua pergunta foi respondida passados instantes, quando avistaram o helicóptero.

Não eram chineses, percebeu Henry imediatamente. Não havia marcas com a estrela vermelha. Não havia marcas *nenhumas*, nem sequer uma matrícula. Apenas um ominoso gráfico pintado em cinzento-escuro, que imediatamente o fez pensar em *Forças Especiais*. Mas de quem?

Ele não percebia o suficiente de aeronáutica para reconhecer o tipo de aparelho, mas era suficientemente grande para transportar várias pessoas no compartimento dos passageiros. Conseguia ver os pilotos por detrás do vidro do cockpit, com as cabeças a virarem-se de um lado para o outro como se estivessem à procura de alguma coisa.

À procura de *alguém*.

Deles.

— Volta para a gruta! — Gritou a Laura. Com um olhar preocupado, ela desapareceu na escuridão.

O helicóptero aproximou-se. Um remoinho levantou-se do chão,

com a neve apanhada na turbulência da descida. Henry recuou para a entrada da gruta.

Um dos pilotos apontou para o chão. Para *ele*.

O aparelho rodopiou como um insecto alienígena gigante, com os enormes olhos das janelas do cockpit a olharem melhor para ele, depois deu novamente a volta. Uma porta deslizou para abrir no seu flanco. Passado um momento, dois rolos de corda caíram e chicotearam o chão como uma cobra.

Um par de figuras negras saíram do helicóptero oscilante, descendo na vertical.

Henry percebeu imediatamente que estavam armados, com espingardas automáticas a pender-lhes das costas.

A única arma que a expedição possuía era uma simples espingarda de caça, levada mais para afugentar animais do que pela sua eficiência. E nem sequer a tinham com eles — tinha sido deixada no acampamento.

Pouco mais de um segundo depois, os primeiros dois homens chegavam ao chão, com outro par a começar a descer pelas cordas. Também eles estavam armados.

Henry saltou para trás através do buraco e escorregou pela pilha de pedras, batendo com força no chão da gruta.

— Henry! — Gritou Laura. — O que é que se passa?

— Não me parece que sejam amistosos — disse ele, de rosto fechado. — Há, pelo menos, quatro homens, e têm armas.

— Oh, meu Deus! E o Jack?

— Não sei, não o vi. Precisamos de abrir aquela porta. Anda. — Enquanto Laura corria para o túmulo, Henry, por instinto, apanhou o artefacto do chão, embrulhando-o no veludo protector enquanto corria.

Os quatro tibetanos procuravam freneticamente nas paredes do túmulo. — Não há aqui nada!

— Tem de haver *alguma coisa*! — Gritou Henry. — Uma folga, um buraco de fechadura, qualquer coisa! — Olhou para trás. Via-se a silhueta de uma figura à entrada da gruta. Passado um momento, caiu, como se engolido pelo chão, e foi substituída por outra. — Merda! Eles estão dentro da gruta!

Laura agarrou-lhe no braço. — Henry!

Outra silhueta, e outra, e *mais outra*...

Cinco homens. Todos armados.

Estavam encurralados.

Linhas vermelhas trespassaram a escuridão. Miras laser, seguidas pelos feixes intensos de lanternas de halogéneo. As luzes ofuscantes andaram para a frente e para trás, antes de repousarem no pequeno grupo de pessoas no túmulo.

Henry ficou imóvel, quase cego pelos feixes de luz, sem saber o que fazer. Não tinham para onde fugir, e os pontos laser que dançavam pelos seus corpos significavam que também não podiam lutar...

— Professor Wilde!

Henry estava abismado. Eles conheciam-no pelo nome?

— Professor Wilde! — Repetiu a voz. Profunda e rica, com sotaque — grego? — Fique onde está. A senhora também, Dra. Wilde — acrescentou para Laura.

Os intrusos avançaram. — Quem são vocês? — Perguntou Henry. — O que é que querem?

Os homens com as lanternas pararam, apenas uma única figura alta continuou em direcção aos membros da expedição. — O meu nome é Giovanni Qobras — disse o homem, com luz suficiente a reflectir-se das paredes do túmulo para que Henry distinguisse os seus traços. Um rosto duro, angular, com um proeminente nariz aquilino, cabelo preto alisado para trás da testa quase como um barrete. — O que eu quero, lamento dizer... são vocês.

Laura fitou-o, desnorçada. — O que é que isso quer dizer?

— Quer dizer que não posso permitir que continuem com a vossa investigação. O risco para o mundo é demasiado grande. As minhas desculpas. — Baixou a cabeça por um momento, depois recuou. — Não é nada pessoal.

As linhas laser fixaram-se em Henry e Laura.

Henry abriu a boca. — Esperem!

Nos confins do túmulo, o barulho das armas automáticas foi ensurdecido.

Qobras fitou os seis corpos crivados de balas enquanto esperava que os ecos do tiroteio desaparecessem, depois emitiu ordens rápidas. — Reúnam tudo o que se relacione com a expedição deles — mapas, notas, tudo. E façam o mesmo com aqueles corpos ali atrás. — Apontou para os nazis mortos. — Presumo que sejam os restos da expedição Krauss. Um mistério histórico resolvido... — acrescentou, quase para si mesmo, enquanto os seus homens se separavam para examinarem os cadáveres.

— Giovanni! — Gritou um homem passado um minuto, agachado sobre o corpo de Henry.

— O que foi, Yuri?

— *Tens* de ver isto.

Qobras caminhou até lá. — Meu Deus!

— É oricalco, não é? — Perguntou Yuri Volgan, iluminando o objecto que acabara de desembrulhar. Um profundo brilho cor-de-laranja reflectiu-se nos rostos dos dois homens.

— Sim... mas nunca tinha visto um artefacto completo feito dele, só fragmentos.

— É lindo... e deve valer uma fortuna. Milhões de dólares, dezenas de milhões!

— No mínimo. — Qobras observou o artefacto por um longo instante, vendo os seus próprios olhos reflectidos no metal. Depois, endireitou-se abruptamente. — Mas deve ser mantido escondido. — Retirou uma lanterna e examinou as paredes do túmulo, mas não viu nada a não ser baixos-relevos de deuses antigos. Virando-se para o altar, examinou rapidamente as inscrições. — Glozel... mas nada acerca da Atlântida.

— Talvez devamos inspecionar o túmulo — sugeriu Volgan, lançando um longo último olhar ao artefacto antes de voltar a embrulhá-lo cuidadosamente no veludo.

Qobras tomou a ideia em consideração. — Não — disse, por fim. — Aqui não há nada, isto deve ter sido saqueado. Pensava sinceramente que os Wilde nos pudessem conduzir mais longe no caminho para a Atlântida em si, mas este é apenas mais um beco sem saída. Temos de sair daqui antes que chegue a tempestade. — Virou-se e caminhou de volta à entrada da gruta.

Atrás dele, Volgan olhou de relance por cima do ombro para se assegurar de que ninguém estava a ver, depois guardou o artefacto embrulhado dentro do seu casaco grosso.

*

Qobras pôs-se à beira da saliência, acenando um foguete de sinalização para chamar o helicóptero em círculos, depois virou-se para o homem parado ao pé do acampamento da expedição condenada. — Tomaste a atitude certa.

A cara de Jack estava escondida dentro do capuz. — Não me orgulho disto. Eles eram meus amigos; e o que é que vai acontecer à filha deles?

— Tinha de ser feito — disse Qobras. — A Irmandade nunca poderá permitir que a Atlântida seja encontrada. — Franziu o sobrolho. — Muito menos pelo Kristian Frost. A financiar intermediários como os Wilde... ele sabe que estamos de olho nele.

— E se... e se o Frost desconfia que eu estava a trabalhar para ti? — Perguntou Jack com nervosismo.

— Vais ter de convencê-lo de que houve um acidente. Podemos levar-te de helicóptero até dez quilómetros para fora de Xulaodang — deve haver um risco muito pequeno de seres visto connosco. Depois podes voltar a pé à aldeia e contactar o Frost, dar-lhe as más notícias: que foste o único

sobrevivente de uma avalanche, uma derrocada de pedras, o que preferires.
— Qobras estendeu uma mão. — O rádio?

Jack meteu a mão na mochila e devolveu ao seu dono o robusto transmissor que usara para dar à equipa de Qobras a localização do Cume Dourado. — Vou ter de falar com outras pessoas também. Com as autoridades chinesas, com a Embaixada dos EUA...

— Mantém a consistência da tua história e o teu pagamento estará à tua espera quando regressares à América. Se descobrires que, de futuro, mais alguém está a tentar seguir o caminho dos Wilde, informas-me imediatamente, certo?

— É para isso que me pagas — disse Jack, de forma taciturna.

Um sorriso frio e Qobras olhou para cima para ver o helicóptero a aproximar-se, com as suas luzes de navegação acesas contra o céu que escurecia.

Cinco minutos depois, partia, deixando para trás nada mais do que corpos.

1

Cidade de Nova Iorque: Dez Anos Depois

A Dra. Nina Wilde respirou fundo quando parou à porta, com o seu reflexo a contemplá-la pensativamente de volta no vidro escurecido. Estava vestida de maneira mais formal do que o normal, com um fato de calças e casaco azul-escuro raramente usado a substituir as suas habituais confortáveis e casuais camisolas e calças da tropa, o cabelo arruivado pelo ombro puxado mais rigidamente para trás do que o seu habitual rabo-de-cavalo despenteado. Esta era uma reunião decisiva, e, muito embora ela conhecesse todos os envolvidos, queria deixar uma impressão o mais profissional possível. Satisfeita por cumprir o papel e por não ter acidentalmente esborratado batom pela cara, mentalizou-se para entrar na sala, levando a mão quase inconscientemente ao pescoço para tocar no seu pendente. O seu amuleto de boa sorte.

Encontrara o fragmento de metal, curvo e de arestas afiadas, com cerca de cinco centímetros de comprimento e polido pelas abrasivas areias de Marrocos, vinte anos atrás, numa expedição que fizera com os seus pais quando tinha oito anos. Na altura, com a cabeça cheia de histórias sobre a Atlântida, acreditara que era feito de oricalco, o metal descrito por Platão como uma das características distintivas da civilização perdida. Agora, olhando para ele com um olhar adulto mais crítico, começara a aceitar que o pai tinha razão, que não era mais do que bronze descorado, um fragmento sem valor ignorado ou rejeitado por quem quer que tivesse chegado antes deles ao local. Mas era decididamente obra humana — as marcas gastas na aresta exterior curva comprovavam-no — e, uma vez que era a sua primeira descoberta genuína, os seus pais, depois de muita persuasão do típico género altamente repetitivo de uma criança de oito anos, acabaram por deixá-la ficar com ele.

Ao regressarem aos Estados Unidos, o pai transformou-o num pendente para ela. Impulsivamente, ela decidira que ele lhe traria boa sorte. Embora isso tivesse ficado por provar — o seu sucesso académico devera-se inteiramente à sua inteligência e trabalho árduo, e certamente não ganhara nada na lotaria —, de uma coisa tinha a certeza: o único dia em que não o usara, esquecendo-se acidentalmente dele numa louca correria matinal quando dormira na casa de uma amiga durante os exames de admissão à universidade, foi o dia em que os pais morreram.

Desde então, muitas coisas relacionadas com ela tinham mudado. Mas uma coisa que não tinha mudado era o facto de nunca deixar passar um dia sem usar o pendente.

De forma mais consciente, apertou-o novamente antes de deixar cair a mão. Hoje precisava de toda a sorte que pudesse arranjar.

Endurecendo-se, abriu a porta.

Os três professores que estavam sentados à imponente secretária de carvalho envelhecido ergueram o olhar quando ela entrou. O Professor Hogarth era um velhote corpulento e afável, cuja postura segura e a antipatia em relação à burocracia significavam que era conhecido por aprovar um pedido de financiamento com base, simplesmente, numa apresentação ligeiramente interessante. Nina esperava que a sua fosse muito mais do que isso.

Por outro lado, nem a mais cativante apresentação da história, concluída com a revelação de um dinossauro vivo e a cura para o cancro, serviria de nada para ganhar o apoio da Professora Rothschild. Mas, como a velhota misantrópica de lábios cerrados não suportava Nina — nem nenhuma mulher com menos de trinta anos —, ela já a descartara como uma causa perdida.

Portanto, havia um «não» e um «talvez». Mas, pelo menos, podia apoiar-se no terceiro professor.

Jonathan Philby era um amigo da família. Era também o homem que lhe dera a notícia da morte dos seus pais.

Agora, tudo dependia dele, uma vez que ele não só tinha o voto decisivo, como era o director do departamento. Se conseguisse convencê-lo, teria o seu financiamento.

Se falhasse...

Não se podia permitir a sequer pensar assim.

— Dra. Wilde — disse Philby. — Boa-tarde.

— Boa-tarde — respondeu ela, com um sorriso iluminado. Pelo menos, Hogarth respondeu bem ao sorriso, mesmo que Rothschild mal tenha contido um olhar de desagrado.

— Sente-se, por favor. — Nina sentou-se na cadeira isolada em frente

do painel. — Bem, — disse Philby — todos tivemos oportunidade de digerir os contornos da sua proposta. É bastante... invulgar, devo dizer. Não é exactamente uma sugestão quotidiana para este departamento.

— Oh, eu achei-a deveras interessante — disse Hogarth. — Muito bem pensada, e bastante ousada também. É uma agradável mudança ver um pequeno desafio à ortodoxia habitual.

— Receio não partilhar da sua opinião, Roger — interrompeu Rothschild, com a sua voz sincopada e rígida. — Menina Wilde, — não Dra. Wilde, apercebeu-se Nina. *Velha desgraçada* — tinha a impressão de que o seu doutoramento era em arqueologia. Não em mitologia. E a Atlântida é um mito, nada mais.

— Tal como eram Tróia, Ubar e os Sete Pagodes de Mahabalipuram — até serem descobertos — retorquiu Nina. Uma vez que Rothschild já se tinha obviamente decidido, ela não ia desistir sem dar luta.

Philby assentiu com a cabeça. — Então, se quiser elaborar a sua teoria?

— Claro. — Nina ligou o seu portátil Apple, desgastado pelas viagens mas fiável, ao projector da sala. O ecrã iluminou-se com um mapa que cobria o mar Mediterrâneo e parte do Atlântico para oeste.

— A Atlântida — começou ela — é uma das lendas mais persistentes da História, mas essas lendas têm todas origem num número muito pequeno de fontes — os diálogos de Platão são as mais conhecidas, claro está, mas existem referências noutras culturas ancestrais a um grande poderio na região do Mediterrâneo, sendo as mais notáveis as histórias dos Povos do Mar, que atacaram e invadiram as zonas costeiras do que são agora Marrocos, Argélia, Líbia e Espanha. Mas a maior parte do que sabemos sobre a Atlântida vem de *Timeu* e *Crítias*, de Platão.

— Que são ambos indubitável ficção — interrompeu Rothschild.

— O que me leva à primeira parte da minha teoria — disse Nina, tendo antecipado a crítica. — Indubitavelmente, existem elementos em todos os diálogos de Platão — não apenas em *Timeu* e *Crítias* — que são *ficcionados*, para lhe facilitar a apresentação dos seus pontos de vista, da mesma maneira que as cronologias são condensadas e as personagens combinadas nos actuais filmes biográficos. Mas Platão não escrevia os seus diálogos como ficção. As suas outras obras são aceites como documentos históricos; então, porque não as duas que referem a Atlântida?

— Então, está a dizer que tudo o que Platão escreveu acerca da Atlântida é absolutamente verdade? — Perguntou Philby.

— Não propriamente. Estou a dizer que ele *achou* que era. Mas quem lhe falou nisso foi Crítias, a partir dos escritos do seu avô, Crítias, o Ancião, que ouviu falar da Atlântida quando era criança por Sólon, e *ele* ouviu falar

dela por sacerdotes egípcios. Portanto, o que temos é um jogo do telefone — bem, um jogo do telefone helénico, suponho eu — Hogarth riu-se entre dentes da piada —, em que haverá inevitavelmente uma distorção da mensagem original, como quando se faz uma cópia de uma cópia de uma cópia. Ora, uma das áreas em que é mais provável terem sido introduzidas inexactidões com o passar do tempo é a das medidas. Ou seja, há uma coisa estranha em *Critias*, que contém quase todas as descrições pormenorizadas que Platão fez da Atlântida, que é *tão* óbvia que nunca ninguém parece reparar nela.

— E qual será ela? — Perguntou Hogarth.

— Que todas as medidas que Platão dá da Atlântida estão não só arredondadas, como em unidades gregas! Por exemplo, ele diz que o plano onde ficava a capital atlante media três mil estádios por dois mil. Em primeiro lugar, isso é um plano de proporções exactas, e, em segundo lugar, é espantosamente conveniente que correspondesse com tanta exactidão a uma medida grega — principalmente se considerarmos que proveio de uma fonte egípcia! — Nina apercebeu-se de que estava a ficar entusiasmada e tentou refrear-se para um nível mais profissional, mas teve dificuldades em controlar o seu entusiasmo. — Mesmo que a civilização atlante usasse algo *chamado* estádio, é improvável que tivesse o mesmo tamanho do egípcio — ou do grego, que era maior.

Rothschild contraiu os lábios azedamente. — Isto é tudo muito interessante, — disse ela, num tom de voz que sugeria que pensava exactamente o contrário — mas como é que isto lhe possibilita encontrar a Atlântida? Uma vez que não sabe quais eram as verdadeiras medidas atlantes, nem mais ninguém sabe, não vejo como nada disto possa ajudar.

Nina respirou fundo e silenciosamente antes de responder. Sabia que o que estava prestes a dizer era o potencial ponto fraco da sua teoria; se os três académicos que a fitavam atentamente não aceitassem o seu raciocínio, então, estava tudo acabado...

— Na verdade, é crucial para a minha proposta — disse ela, com o máximo de confiança que conseguiu reunir. — Posto de uma forma simples, se se aceitarem as medidas de Platão — com um estádio a ser cento e oitenta e cinco metros, ou um pouco menos de seiscentos e sete pés —, então, a Atlântida era uma ilha muito grande, com, pelo menos, quinhentos e noventa e cinco quilómetros de comprimento e quatrocentos quilómetros de largura. É maior do que a Inglaterra! — Indicou o mapa no ecrã. — Não há muitos sítios onde se possa esconder uma coisa desse tamanho, mesmo debaixo de água.

— Então e a Madeira? — Perguntou Hogarth, apontando para o mapa. A ilha portuguesa ficava a cerca de seiscentos e quarenta quilóme-

tros ao largo da costa africana. — Poderia ser uma localização para o que restasse da ilha depois de afundar?

— A certa altura, tomei isso em consideração. Mas a topografia não o sustenta. Na verdade, não há nenhum lugar na parte leste do Atlântico onde pudesse estar localizada a ilha que Platão descreve.

Rothschild bufou de forma triunfante. Nina lançou-lhe o olhar mais mordaz que conseguiu antes de voltar ao mapa. — Mas é este facto que forma a base da minha teoria. Platão disse que a Atlântida estava localizada no Atlântico, para lá dos Pilares de Hércules — que hoje conhecemos como o Estreito de Gibraltar, à entrada do Mediterrâneo. Também disse que, convertida para medidas modernas, a Atlântida tinha quase seiscentos e cinquenta quilómetros de comprimento. Uma vez que não existe nenhuma prova que possa conciliar estas duas afirmações, ou a Atlântida não fica onde ele disse que ficava... ou as medidas dele estão erradas.

Philby acenou silenciosamente com a cabeça. Nina ainda não conseguia avaliar o seu estado de espírito — mas, subitamente, teve a sensação de que ele já tomara a sua decisão, de uma maneira ou de outra. — Então, — disse ele — onde *fica* a Atlântida?

Não era uma pergunta que Nina esperasse que lhe fizessem tão cedo, já que planeava revelar a resposta com um floreado adequadamente teatral no final da sua apresentação. — Hã, fica no Golfo de Cádiz — disse ela, um pouco aturdida enquanto apontava para um ponto no oceano a cerca de cento e sessenta quilómetros a oeste do Estreito de Gibraltar. — Acho eu.

— Acha? — Zombou Rothschild. — Espero que tenha mais do que um mero palpite para apoiar essa afirmação.

Cabra! — Se me deixar expor o meu raciocínio, Professora Rothschild, — disse Nina, esforçando-se por manter a boa educação — mostrar-lhe-ei como cheguei a essa conclusão. A premissa central da minha teoria é a de que Platão estava certo e que a Atlântida existiu, de facto. No que ele errou foi nas medidas.

— Mais do que na localização? — Perguntou Hogarth. — Está a descartar algumas das teorias modernas que defendem que a Atlântida era, na verdade, Santorini, ao largo de Creta, e que a suposta civilização atlante era, na verdade, minóica?

— Absolutamente. Em primeiro lugar, os gregos antigos já sabiam dos minóicos. Além disso, os intervalos temporais não coincidem. A erupção vulcânica que destruiu Santorini deu-se cerca de novecentos anos antes do tempo de Sólon, mas a queda da Atlântida deu-se *nove mil* anos antes.

— O erro do «exponente dez» de Sólon tem sido amplamente aceite como uma forma de relacionar os minóicos com o *mito* da Atlântida — realçou Rothschild.

— Os símbolos egípcios para uma centena e um milhar são completamente diferentes — disse-lhe Nina. — Só um cego ou um completo idiota é que os confunde. — Rothschild franziu o sobrolho, mas não disse nada. — Além disso, Platão afirma explicitamente em *Timeu* que a Atlântida ficava no Atlântico, não no Mediterrâneo. Platão era um tipo bastante inteligente; suponho que conseguisse distinguir o leste do oeste. Acredito que, na passagem da história dos próprios atlantes para os antigos egípcios, dos sacerdotes egípcios de quase nove mil anos depois para Sólon, de Sólon para Platão, depois de passadas várias gerações da família de Crítias... as medidas tenham sido baralhadas.

Philby levantou uma sobrancelha. — Baralhadas?

— Tudo bem, talvez não seja a maneira mais científica de explicar, mas dá para perceber. Muito embora as designações fossem as mesmas — pés, estádios, e por aí em diante —, as diferentes civilizações usavam diferentes unidades de medida. De cada vez que a história passava de um sítio para o outro, e os números eram arredondados, e até mesmo exagerados, para mostrar o quão incrível era realmente esta civilização perdida, o erro crescia. O meu pressuposto é o de que, fosse qual fosse a unidade usada pelos atlantes que foi traduzida como estádio, ela era consideravelmente mais pequena do que a unidade helénica.

— É um grande pressuposto — disse Rothschild. Nina percebeu que ela estava mortinha por acrescentar a velha máxima: *a mim não me enganas*.

— Tenho um raciocínio lógico para o defender — disse ela. — *Crítias* fornece várias medidas da Atlântida, mas as mais importantes têm a ver com a cidadela na ilha, no centro do sistema de canais circulares da capital atlante.

— Onde ficam os templos de Poseidon e Cleito — comentou Philby pensativamente, esfregando o bigode.

— Sim. Platão disse que a ilha tinha cinco estádios de diâmetro. Se utilizarmos o sistema grego, isso é pouco mais do que oitocentos metros de largura. Mas, se um estádio atlante é mais pequeno, não pode ser muito mais pequeno, porque *Crítias* diz que havia muita coisa para caber naquela ilha. O templo de Poseidon era o maior, com um estádio de comprimento, mas havia também outros templos, palácios, balneários... Ficava quase tão apinhada como Manhattan!

— Então, quão grande — ou melhor, quão pequeno — deduziu que era um estádio atlante? — Perguntou Hogarth.

— O mais pequeno que penso que podia ser seria dois terços do tamanho da unidade grega — explicou Nina. — Cerca de cento e vinte metros. Isso faria com que a cidadela tivesse mais de quinhentos metros de

extensão, o que, quando se reduz também o templo de Poseidon à escala, deixa espaço suficiente para caber lá tudo.

Hogarth fez alguns cálculos numa folha de papel de rascunho. — Por essas medidas, a ilha teria, vamos a ver...

Nina fez instantaneamente as contas de cabeça. — Teria trezentos e oitenta e seis quilómetros de comprimento e quase duzentos e sessenta de largura.

Hogarth rabiscou por alguns segundos para chegar ao mesmo resultado. — Humm. Isso não seria apenas no Golfo de Cádiz... seria o Golfo de Cádiz.

— Mas tem de ter em conta a probabilidade de outros erros — disse Nina. — O número de três mil por dois mil estádios que Platão forneceu para o plano central da ilha está claramente arredondado. Podia também ter sido exagerado para impressionar, se não por Platão, certamente pelos egípcios, que tentavam impressionar Sólon. Penso que temos de assumir um factor de erro de, pelo menos, quinze por cento. Talvez até mesmo vinte.

— Outro pressuposto, Menina Wilde? — Disse Rothschild, com um brilho maléfico nos olhos.

— Mesmo com uma margem de vinte por cento, a ilha ainda teria mais de trezentos quilómetros de comprimento — acrescentou Hogarth.

— Também ainda há a possibilidade de confusão se os números tiverem sido convertidos a partir de uma base numérica diferente... — Nina sentia a situação a escapar-se-lhe. — Não estou a dizer que todos os meus números estão correctos. É por isso que aqui estou — tenho uma teoria que coincide com os dados disponíveis, e quero... gostaria — corrigiu — de ter a oportunidade de testar essa teoria.

— Um reconhecimento com sonar de todo o Golfo de Cádiz seria uma forma bastante dispendiosa de a testar — disse Rothschild, com arrogância.

— Mas, se eu estiver certa, terei feito a maior descoberta arqueológica desde Tróia! — Protestou Nina.

— E, se estiver errada, o departamento terá potencialmente desperdiçado milhões de dólares em busca de um mito, de um *conto de fadas*.

— Não quero desperdiçar os recursos do departamento mais do que vocês! Tenho documentação completa que sustenta a minha teoria, todas as referências históricas — passei dois anos da minha vida a investigar isto. Não teria vindo falar convosco se não estivesse totalmente convencida de que estou *certa*.

— Porque é que estás a fazer isto, Nina? — Perguntou Philby.

O tom pessoal da pergunta apanhou-a de surpresa. — Como assim?

— Quer dizer, — disse Philby, com um ar de solidariedade triste na cara — estás a perseguir este objectivo por ti própria... ou pelos teus pais?

Nina tentou falar, mas a voz ficou-lhe presa na garganta.

— Eu conhecia o Henry e a Laura muito bem, — prosseguiu Philby — e eles podiam ter tido uma carreira espectacular — se não andassem obcecados com uma lenda. Agora tenho seguido a tua carreira desde que andavas na universidade, e algum do teu trabalho tem sido bastante notável. Pessoalmente, acredito que tens um potencial ainda maior do que o teu pai. Mas... corres o risco de te ires abaixo da mesma forma que ele e a tua mãe.

— Jonathan! — Nina gritou quase involuntariamente, num misto de choque, ultraje — e sofrimento.

— Lamento, mas não posso deixar que desperdices tudo o que alcançaste nesta... nesta caça aos gambozinos. Um fracasso tão dispendioso iria provocar enormes danos à tua reputação, possivelmente irreparáveis.

— Estou-me nas tintas para a minha reputação! — Contrapôs Nina.

— Mas nós importamo-nos com a reputação desta Universidade — disse Rothschild, com um ligeiro sorriso nos seus lábios finos.

— Maureen — advertiu Philby, antes de voltar a olhar para Nina. — Dra. Wilde... *Nina*. Os teus pais *morreram* por causa disto. Se os seguirem, pode acontecer-te o mesmo. E para quê? Pergunta a ti mesma, sinceramente — valerá a pena morrer por causa de uma lenda?

Ela sentiu-se como se alguém tivesse acabado de lhe dar um murro no estômago, tal foi o terrível impacto das palavras de Philby. Entre dentes cerrados, perguntou-lhe: — Isso significa que a minha proposta foi rejeitada?

Os três professores trocaram olhares e palavras silenciosas antes de voltarem a olhar para ela. Philby demorou um instante a olhar Nina directamente nos olhos. — Receio que sim.

— Estou a ver. — Ela virou-se e desligou o seu portátil do projector, deixando o ecrã vazio. De lábios cerrados, encarou o painel. — Bem, nesse caso, obrigada pelo vosso tempo.

— Nina — disse Philby. — Por favor, não leves isto a peito. Tens potencial para desfrutares de uma verdadeiramente grande carreira.

— Se?

— Se... não caíres na mesma armadilha que os teus pais. A Professora Rothschild tem razão, sabes? História e mitologia são duas coisas diferentes. Não desperdices o teu tempo, o teu *talento*, na coisa errada.

Nina fitou-o por um longo momento antes de falar. — Obrigada pelo conselho, Professor Philby — disse ela, amargamente, antes de virar costas e sair, fechando a porta com estrondo.

Foram precisos dez minutos de esconderijo num compartimento da casa de banho das senhoras antes que Nina se sentisse preparada para voltar a mostrar a cara ao mundo. O seu choque inicial fora substituído por uma raiva atordoada. Como é que Philby se *atrevia* a chamar os seus pais à conversa? Ele devia estar a avaliar a proposta dela pelos seus próprios méritos, não com base nos seus sentimentos pessoais!

Desde a morte da mãe e do pai dela, Philby tinha sido... não uma figura paternal substituta, certamente — ninguém podia substituí-los —, mas uma presença que dava apoio, um mentor, enquanto ela terminava os estudos académicos.

E ele rejeitara-a. Parecia nada menos do que traição.

— Filho da *puta!* — Explodiu, esmurrando a parede do cubículo.

— Dra. Wilde? — Disse uma voz familiar no compartimento ao lado.

A Professora Rothschild.

Merda!

— Hã — não, não falar bem inglês! — Balbuciu Nina, abrindo freneticamente a porta e apressando-se a sair da casa de banho, de portátil debaixo do braço. Com o constrangimento a substituir a raiva, cedo deu por si à entrada principal do edifício. A linha familiar do horizonte da alta de Manhattan acolheu-a quando saiu.

Bem, e agora?

Recusara sequer considerar a hipótese de fracasso, quanto mais uma derrota tão esmagadora, e estava agora completamente perdida face ao que fazer em seguida.

Ir para casa era provavelmente o melhor a fazer. Comer demasiada comida de consolo, embebedar-se e depois preocupar-se com as consequências no dia seguinte.

Desceu os degraus até ao passeio e procurou um táxi. Havia alguns parados nos semáforos do quarteirão seguinte; com sorte, algum havia de estar disponível.

Foi quando levantou a carteira para ver se tinha dinheiro suficiente que se apercebeu de que estava a ser observada.

Olhou em volta. A pessoa — um homem — manteve os olhos nela por demasiado tempo antes de descobrir algo fascinante para examinar do outro lado da rua. Estava encostado à parede do edifício da Universidade, uma figura larga com cabelo muito curto e escasso, com calças de ganga e um casaco de cabedal preto muito gasto. O seu nariz liso parecia ter sido partido mais do que uma vez. Embora não fosse muito mais alto do que a própria Nina, pois não tinha mais de um metro e setenta e cinco, a sua estrutura muscular indicava uma força considerável — e havia um indefinível

indício de perigo na sua cara quadrada que sugeria que não hesitaria muito em usá-la.

Vivendo em Nova Iorque, as personagens de aspecto ameaçador não eram estranhas a Nina, mas havia algo nesta que a deixou nervosa. Ergueu o olhar para a rua, para o trânsito que se aproximava, mas manteve o homem ao canto da sua visão.

Estava bastante certa de que ele estava novamente a observá-la. Embora fosse hora de ponta numa rua agitada, Nina não pôde deixar de sentir uma ponta de preocupação.

Um táxi! Graças a Deus!

Abanou um braço com um considerável maior rigor do que o necessário para o mandar parar. Para seu alívio, ele encostou. Ao entrar e dar o seu destino, olhou pela janela de trás. O homem — calculou que estivesse na casa dos trinta, mas a rudeza dos seus traços fazia com que fosse difícil de dizer exactamente — olhou fixamente para trás, com a cabeça a virar-se para a seguir enquanto o táxi arrancava... depois deixou de se ver por causa de um autocarro. Ela deixou sair um suspiro de alívio.

Com que então, um assediador, humilhação e fracasso deprimente. Deixou-se cair no banco. — Que porcaria de dia.

*

Já em casa, no seu pequeno mas acolhedor apartamento na East Village, Nina decidiu seguir pelo menos parte dos seus instintos e iniciar-se na comida de consolo. Havia duas garrafas de vinho no frigorífico, mas — depois de pensar por momentos — optou por guardá-las para mais tarde.

Armada com um enorme saco de batatas fritas e um balde de gelado, foi para a sala de estar, olhando de relance para o atendedor de chamadas enquanto passava. Nenhuma mensagem. Nenhuma surpresa.

Soltou o cabelo e aconchegou-se no sofá, debaixo de uma grande manta de tricô. Para completar o retrato de uma fracassada triste e solitária, só precisava de um CD com músicas foleiras e depressivas. E talvez de três ou quatro gatos.

Brevemente divertida com a ideia, enrolou as pernas contra o peito e abriu o pacote de batatas fritas. A sua mão roçou no pendente.

— Grande sorte que me deste — queixou-se, erguendo-o. Embora o fragmento de metal estivesse altamente desgastado, ainda cintilava com o seu estranho brilho avermelhado quando ela o segurava contra a luz. As marcas num dos lados, grupos de minúsculos sinais parecidos com após-trofos que iam de um a oito por debaixo de linhas curtas inscritas em comprimento, realçavam-se com clareza. Não pela primeira vez, pensou no que

representariam, mas a resposta foi tão impropriedade como sempre.

Nina quase decidiu tirar o pendente, calculando que a sua sorte já não poderia piorar naquele dia — mas mudou de ideias e deixou-o voltar a cair sobre o seu peito. Não valia a pena desafiar o destino.

Tinha acabado de esmigalhar a primeira batata na boca quando o telefone tocou. Não estava à espera de nenhum telefonema — quem poderia ser?

— ‘Tá lá? — Balbuciu quando atendeu, ainda a mastigar.

— Estou a falar com a Dra. Nina Wilde? — Perguntou uma voz de homem.

Que bom. Um vendedor.

— Sim, o que foi? — Encheu a boca com mais duas batatas fritas, pronta para desligar.

— O meu nome é Jason Starkman e trabalho para a Fundação Frost.

Nina parou de mastigar.

A Fundação Frost? Trabalho filantrópico pelo mundo inteiro, desenvolvendo medicamentos e vacinas, financiando todos os tipos de investigação científica...

Incluindo expedições arqueológicas.

Engoliu as batatas semimastigadas. — Hã, sim, olá!

— Tive pena de saber que a Universidade rejeitou a sua proposta hoje — disse Starkman. — Foi muito tacanho da parte deles.

Nina franziu o sobrolho. — Como é que soube disso?

— A Fundação tem amigos na Universidade. Dra. Wilde, vou directo ao assunto. Os seus colegas podem não ter ficado interessados na sua teoria sobre a localização da Atlântida, mas nós estamos, certamente. Kristian Frost, o director da Fundação, pediu-me pessoalmente que a contactasse e descobrisse se estaria disposta a discuti-la com ele esta noite.

O coração de Nina deu um salto. *Kristian Frost?* Não conseguia lembrar-se da sua posição exacta na lista dos homens mais ricos do mundo, mas ele estava decididamente nos primeiros vinte. Obrigou-se a permanecer calma. — Eu, hã, estou certa de que estaria disposta a discuti-la, sim. Com que, hã, finalidade?

— Com a finalidade de financiar uma expedição completa de reconhecimento oceanográfico, para perceber se a sua teoria está correcta, claro está.

— Ah, bom, nesse caso... sim! Sim, decididamente disposta a discuti-la!

— Excelente. Nesse caso, vou providenciar um carro para a trazer aos escritórios da Fundação em Nova Iorque para uma reunião e jantar. Às sete

horas está bem para si?

Ela olhou de relance para o relógio do seu leitor de vídeo. Passava pouco das cinco e meia. Uma hora e meia para se preparar. Seria uma correria, mas... — Sim, sim, eu... está ótimo, sim!

— Nesse caso, até logo. Ah, e se puder trazer os seus apontamentos, será uma grande ajuda. Tenho a certeza de que o Sr. Frost terá imensas perguntas.

— Não há problema, não há problema nenhum — balbuciou, enquanto Starkman desligava. Pousando o telefone, sentou-se quieta por instantes, antes de dar um pontapé na manta e deixar sair um grito de alegria.

Kristian Frost! Não apenas um dos homens mais ricos do mundo, mas também... Bem, normalmente não se sentia atraída por homens mais velhos, mas, pelas fotografias que vira dele, Kristian Frost podia fazê-la mudar de ideias.

Nina ergueu novamente o seu pendente, depois beijou-o. — Afinal de contas, parece que dás mesmo sorte!

2

Nina dava passadas nervosas, olhando de relance para a rua em baixo, que escurecia de cada vez que passava pela janela. Apressara-se a sair depois do telefonema de Starkman e sujeitara o seu cartão de crédito a um rombo ao comprar um vestido azul decotado, adequado para um jantar com um bilionário. Assim esperava ela.

Ainda mal podia acreditar. Kristian Frost queria *conhecê-la*! Discutir as teorias *dela* sobre a localização da Atlântida! Parou de dar passadas e percorreu mentalmente todos os argumentos que precisava de apresentar. Se convencesse Frost de que estava certa, lutar pelas migalhas financeiras que a Universidade podia oferecer seria uma coisa do passado. Não seria necessário fretar navios dispendiosos de reconhecimento. Frost era *dono* de navios de reconhecimento.

Olhou novamente para a janela. Não havia sinal de nenhum carro a encostar lá fora, mas...

Quem era aquele?

O seu prédio ficava na esquina de um quarteirão. Do outro lado da rua, alguém se agachava para se esconder na parte lateral dos apartamentos do lado oposto.

Alguém com um casaco preto de cabedal.

Observou o passeio com atenção. Havia pessoas a passar, mas o homem não voltou a aparecer.

Era apenas uma coincidência, disse a si mesma. Nova Iorque era uma cidade grande, e havia muitos homens a usar casacos pretos de cabedal.

Houve outra coisa a chamar-lhe a atenção: um grande carro pratea-

do a encostar diante do seu prédio. Olhou para o relógio. Eram quase sete horas.

Um homem saiu e encaminhou-se para a porta da frente. Passado um momento, o intercomunicador soou.

— Sim?

— Dra. Wilde? — Disse a voz ecoante vinda da rua. — É Jason Starkman.

— Vou descer! — Disse-lhe ela, pegando na pasta de documentos impressos que preparara anteriormente. Parou para se ver ao espelho ao pé da porta — cabelo cuidadosamente escovado e penteado, maquiagem elegante mas sem exageros — eliminados todos os vestígios de batatas fritas — e apressou-se a sair.

Starkman aguardava lá em baixo. Ela não construía grande imagem mental dele a partir da voz, que revelara pouco para além de uma ponta de sotaque do Texas, mas ficou impressionada com o que encontrou. Starkman era alto, bem constituído e vestia um fato azul caro e uma imaculada camisa branca. Parecia estar perto dos quarenta, e algo na pele à volta dos seus olhos deu a Nina a impressão de que já viajara muito. Já vira o mesmo tipo de rugas queimadas pelo Sol noutros homens, nomeadamente no seu pai.

Ele estendeu uma mão grande. — Dra. Wilde. Prazer em conhecê-la.

— Igualmente. — Apertou-lhe a mão; tinha a pele áspera.

Ele olhou de relance para o pendente dela, que exibia sobre o decote do seu vestido, antes de desviar a atenção para a pasta que ela tinha debaixo do braço. — São as suas anotações?

— Sim. Tudo de que necessito para convencer o Sr. Frost de que tenho razão, espero eu! — Disse ela, rindo de forma nervosa.

— Por aquilo que já ouvimos da sua teoria, duvido que ele precise de ser muito convencido. Está pronta para ir?

— Claro que sim!

Ele conduziu-a ao carro, que, inicialmente, ela pensou ser um Rolls-Royce, antes de se aperceber de que era, na verdade, um Bentley. Igualmente luxuoso, mas mais desportivo — não que ela o soubesse por experiência própria.

— Belo carro — comentou.

— Bentley Continental Flying Spur. O Sr. Frost compra sempre o melhor. — Abriu-lhe a porta de trás.

O interior do Bentley era tão opulento como ela imaginara, com os bancos e os acabamentos num suave cabedal creme-claro. Havia outro homem de fato ao volante. Starkman fechou-lhe a porta e entrou para o lugar

do passageiro à frente. Fez um gesto e o motorista desencostou do passeio, parando no cruzamento. Nina, por hábito, viu se havia trânsito... e, do outro lado da rua, viu o homem que a estivera a observar à porta da Universidade. Estava a falar ao telemóvel mas tinha os olhos fixos nela.

Ela respirou de modo assustado.

— Passa-se alguma coisa? — Perguntou Starkman, virando-se para trás para olhar para ela.

— Eu... — O Bentley arrancou e virou a esquina, deixando para trás o homem que já não se avistava. Ela pensou em falar do seu aparente assediador a Starkman, mas decidiu não o fazer. Se ele constituísse alguma ameaça, era para isso que servia a polícia — e, além disso, ela conhecia Starkman pouco melhor do que conhecia o homem do casaco de cabedal. — Pareceu-me ver alguém conhecido.

Starkman acenou com a cabeça e desviou o olhar. O Bentley virou novamente, dirigindo-se agora para oeste.

Nina estranhou alguma coisa naquilo. Tinha ido à Internet ver onde era a sede de Nova Iorque da Fundação Frost — era na parte leste da baía, não muito longe das Nações Unidas. O caminho mais simples do seu apartamento até lá teria sido ir em direcção a *este* e depois subir a Primeira Avenida...

Decidiu esperar antes de falar nisso. O Bentley tinha um sistema de navegação por satélite; era possível que houvesse algum problema no trânsito mais acima que significasse que um desvio era mais rápido.

Mas continuaram para oeste por mais um quarteirão, e por um segundo...

— Onde é que vamos mesmo? — Perguntou, com uma ligeira finta.

— À Fundação Frost — respondeu Starkman.

— Isso não é na Parte Leste?

No espelho, Nina vislumbrou os olhos do motorista. Traíam um lampejo de... *preocupação*? — Primeiro, vamos fazer um pequeno desvio.

— A onde?

— Não vai demorar muito.

— Não foi bem isso... que perguntei.

Os dois homens trocaram olhares. — Ora, bolas — disse Starkman, com o seu sotaque do Texas a aumentar. — Queria lá chegar primeiro, mas... — Virou-se no banco, vasculhando o casaco e tirando para fora...

Uma arma!

Nina fitou-a com incredulidade. — O que é isto?

— O que é que lhe parece? Pensava que vocês, os doutores, fossem supostamente espertos.

— O que é que se passa? O que é que quer?

Starkman estendeu a outra mão. — Para começar, as suas anotações. — A arma estava apontada ao peito dela. Entorpecidamente, ela entregou-lhe a pasta. — Foi pena não ter trazido o seu portátil. Acho que temos de ir buscá-lo depois.

— Depois do quê? — O silêncio e expressão carregada dele levaram-na a um horrível entendimento. — Oh, meu Deus! Vocês vão *matar-me*?

— Não é nada de pessoal.

— E devo sentir-me melhor por isso? — Desesperada, olhou freneticamente em redor, em busca de alguma maneira de fugir.

Puxou o manípulo da porta. Este moveu-se, mas só um pouco. Trancas para crianças. Apesar de saber que era inútil, atirou-se para o outro lado do banco e experimentou a outra porta. Também essa se recusou a abrir.

Encurralada!

O pânico aumentou dentro dela, comprimindo-lhe o peito. Com os olhos verdes dilatados de medo, olhou para trás, para Starkman.

A expressão dele tinha mudado para a surpresa, com o olhar a desviar-se de Nina para o vidro retrovisor...

Bum!

Nina foi projectada para a frente quando algo colidiu por trás contra o Bentley. A respiração de Starkman silvou quando ele foi atirado contra o tablier. Endireitou-se furiosamente e apontou a arma ao vidro retrovisor. Nina guinchou e atirou-se para fora da linha de fogo.

— É o *Chase*! — Gritou Starkman. — Filho da mãe!

— Como diabo é que ele nos encontrou? — Perguntou o motorista.

— Não quero saber! Atira com o desgraçado daquele *bife* para fora da estrada e tira-nos daqui!

O Bentley guinou bruscamente. Nina deslizou pelo cabedal macio, batendo com a cabeça na porta. Por cima dela, Starkman oscilava a arma, apontando a algo do lado de fora.

Outro embate!

Desta vez veio da parte lateral, com o carro de duas toneladas a dar um violento solavanco enquanto o metal era esmagado e retorcido. Pela janela, Nina viu outro veículo: um grande todo-o-terreno preto.

Starkman disparou. Nina gritou e tapou os ouvidos com as mãos quando o vidro lateral se desfez numa chuva de fragmentos cintilantes. O todo-o-terreno abrandou bruscamente, com os pneus a chiar. O vento fustigou a janela partida.

Mais dois tiros da arma de Starkman e o pára-brisas de trás despedaçou-se e salpicou Nina com pedaços de vidro temperado. Buzinas tocavam furiosamente, com o som a desvanecer-se atrás deles à medida que o Ben-

tley acelerava. O motorista praguejou e voltou a guinar para se esquivar a alguma coisa, fazendo Nina escorregar pelo banco.

— Vira à direita! — Gritou Starkman. Nina mal teve tempo de se preparar antes de o Bentley guinchar numa curva brusca.

— Merda! — Ofegou o motorista quando o carro bateu nalguma coisa com um baque seco. Uma *pessoa*, apercebeu-se Nina com horror. Gritos e berros surgiram do lado de fora quando alguém tombou do capô do carro. Em vez de parar, o motorista esforçou-se por manter o Bentley controlado enquanto voltava a acelerar.

Starkman disparou mais dois tiros. Nina ouviu o potente motor do outro veículo a rugir atrás deles. Quando ele voltou a fazer pontaria, a arma estava mesmo por cima dela.

Ela agarrou-lhe no pulso com as duas mãos e puxou-lhe a arma para baixo, afundando os dentes na carne da mão dele com toda a força que conseguiu.

Ele deixou sair um urro de dor — e disparou.

O clarão foi ofuscante, e o barulho, a apenas centímetros da cabeça dela, dominou momentaneamente todos os seus sentidos. A bala chocou contra as costas do seu banco.

Starkman libertou a mão com um puxão. Enormes salpicos coloridos dançavam na visão de Nina, efeitos visuais da chama da boca da arma. A sua audição começou a regressar, a tempo de ouvir mais disparos.

Mas não da arma de Starkman.

O encosto de cabeça do banco do condutor rebentou numa saraivada de cabedal e estofos desfeitos, seguido da cabeça do motorista, um milésimo de segundo depois. Sangue vermelho-escuro e matéria cerebral cinzenta salpicaram os pálidos acabamentos do tejadilho e os vidros da frente.

O Bentley guinou quando o cadáver do condutor caiu para o lado. Starkman gritou e agarrou no volante. O veículo endireitou-se, atirando a ainda perplexa Nina novamente para o outro lado do banco de trás.

Pum!

O todo-o-terreno chocou novamente contra eles.

Praguejando, Starkman inclinou-se sobre o motorista morto e agarrou no manípulo da porta. A porta abriu-se. Esfaqueou o fecho do cinto de segurança e atirou o cadáver para o meio da rua, depois passou por cima da consola central e deixou-se cair no banco do condutor, no preciso momento em que o todo-o-terreno batia novamente, com mais força. O Bentley cirandou de um lado para o outro antes que Starkman recuperasse o controlo, girando o volante e atirando o carro para uma curva difícil à esquerda enquanto carregava no acelerador. Os pneus chiaram em protesto, com o carro pesado a revolver-se.

A cabeça de Nina embateu novamente contra a porta da direita quando a curva a atirou de um lado para o outro do carro. Endireitou-se. Se Starkman estava ocupado com a condução, não podia usar a arma...

O outro veículo, um Range Rover, aproximou-se deles. Ela reconheceu o rosto ao volante — o homem do casaco de cabedal!

Com uma enorme arma prateada numa mão, apontada ao Bentley.
— *Abaixe-se!* — Gritou ele.

Ela deitou-se novamente no banco quando dois estrondos que pareciam disparos de canhão surgiram do exterior. Starkman abaixou-se e protegeu a cara enquanto o pára-brisas se desfazia, com o vento a lançar os fragmentos para dentro do carro.

Segurando o volante com uma mão, virou-se e disparou três tiros por cima do seu ombro esquerdo. Nina ouviu os pneus do Range Rover a chiar enquanto guinava para se abrigar mesmo atrás da sua presa.

Mais buzinas soaram quando Starkman serpenteou o carro através do trânsito nocturno, um enervante guincho metálico a atacar os ouvidos de Nina enquanto ele abalroava outro carro. Ela ergueu o olhar. Estavam algures entre a Décima Sétima ou Décima Oitava rua e aproximavam-se rapidamente da parte oeste de Manhattan, apenas com as largas faixas da West Side Highway à frente e, para lá delas, as águas frias do rio Hudson.

Starkman apalpava a arma, mal segurando no volante. Nina percebeu o que ele estava a fazer. O carregador automático estava puxado para trás; estava a recarregar...

O que significava que não podia disparar!

Sentou-se num ápice e enclavinhou-se na cara de Starkman. Ele atacou-a, tentando usar a arma como bastão. Ela baixou-se para um lado e prosseguiu com o seu ataque, sentindo qualquer coisa mole por debaixo do dedo intermédio da sua mão direita.

O olho dele.

Empurrou a unha contra ele. Starkman gemeu, batendo-lhe violentamente com a arma.

— Pare o carro! — Gritou ela. Um olhar de relance ao conta-quilómetros disse-lhe que o Bentley ia a noventa e cinco e ainda estava a ganhar velocidade, enquanto guinava pela rua abaixo, em direcção a uma amálgama de trânsito parada nos semáforos.

Ela gritou novamente, desta vez em pânico, e arrancou as mãos da cara de Starkman. O sangue cobria-lhe os dedos. Ele apercebeu-se do perigo mesmo a tempo e guinou o volante para a direita, de modo a não acertar no último carro da fila por meros centímetros, embatendo com o Bentley no passeio. Um caixote do lixo rodopiou no ar quando chocaram contra ele, mas essa foi a menor das preocupações de Nina,

porque agora estavam a dirigir-se para a faixa de aceleração da West Side Highway...

Para seu horror, Starkman acelerou.

O Bentley saiu disparado do passeio e voltou a embater na estrada, com a parte de baixo do carro a raspar o asfalto. Nina viu sinais de luzes e ouviu o chiado desesperado dos travões. Havia carros a guinar em todas as direcções para evitar uma colisão, mas outros condutores batiam-lhes por trás, por estarem demasiado perto para conseguirem parar a tempo.

Aceleraram pelas faixas em direcção a norte, chegando ilesos à faixa do meio — mas Starkman deu a volta e foi *contra* o trânsito do lado contrário, dirigindo-se à alta da cidade em contra-mão!

— Oh, meu *Deus!* — Nina guinchava enquanto ele passava com o Bentley por entre as faixas de carros e camiões. Outros veículos passavam repentinamente dos dois lados a poucos centímetros de distância, com os seus condutores a guinarem freneticamente para evitarem o maluco que se dirigia directamente a eles. Mais buzinas apitaram à frente e atrás, numa orquestra de fúria e pavor. — Pare o carro antes que nos mate aos dois!

Ela atacou-lhe novamente os olhos — mas, desta vez, ele estava preparado.

A arma bateu-lhe na testa, levando-lhe uma pontada de dor intensa ao crânio. Ela caiu para trás, zozna e enjoada, enquanto Starkman lançava o Bentley para a esquerda com força e chocava contra um portão de metal para o atravessar em direcção a um dos pontões que se projectavam para o Hudson.

O vento atravessava as janelas estilhaçadas enquanto o Bentley acelerava pelo cais. Nina endireitou-se a custo para ver os armazéns a passarem de um lado e os flancos enferrujados dos navios do outro.

E, mesmo em frente, não havia nada a não ser água e, mais à frente, as luzes distantes de Nova Jérсия.

Ela ofegou, apercebendo-se do que Starkman estava prestes a fazer.

Ele virou-se para olhar para ela por um instante. O seu olho direito estava comprimido, com arranhões fundos a atravessá-lo, sangue a pingar-lhe pela cara.

Então, abriu a porta e atirou-se a rolar para fora, dobrando os braços para se proteger durante a queda. Desapareceu num ápice — deixando o Bentley ainda a acelerar em direcção à extremidade do pontão, com o controlo de velocidade activo a manter a velocidade a quase oitenta quilómetros por hora!

Nina mal teve tempo de gritar antes de o carro irromper pela frágil barreira de arame na ponta do cais e cair em arco para a água escura em baixo.

A desaceleração repentina esmagou-a contra as costas do banco do condutor. Água gelada caiu em cascata sobre ela, como um tsunami a irromper pelas janelas partidas. Bolhas borbulhavam à medida que a pesada dianteira do Bentley se inclinava para baixo, empurrando o carro e a sua ocupante para o fundo do rio.

Nina tentou sair pelo vidro traseiro, mas os encostos de cabeça demasiado altos do banco de trás bloquearam-lhe a fuga. Com os olhos a arder, puxou desesperadamente o manípulo da porta mais próxima, mas este continuava sem se mexer.

A janela lateral...

O vidro estava estilhaçado, e era suficientemente largo para ela caber. Agarrou-se ao caixilho da janela e deu impulso para passar através dela. Os ombros passaram a porta, mas o peito...

Estava entalada!

O seu vestido ficara preso nas hastes de metal que sustentavam o descanso de cabeça destruído do banco do condutor.

Nina pontapeou, tentando libertar-se. Sem sorte. O maldito vestido ainda estava preso. Pontapeou com mais força, empurrando o caixilho da janela com os braços para ter mais margem de manobra. O tecido deu ligeiramente de si, mas recusou-se a rasgar.

Tinha o peito prestes a explodir. Só queria poder respirar, mas a única coisa que conseguia levar aos pulmões era água.

Ia morrer afogada! O Professor Philby tinha razão: a sua busca pela Atlântida havia de a matar...

Não, ela não haveria de o deixar ter razão, de maneira nenhuma!

Mas não podia fazer nada para o impedir. Estava encurralada num carro que mergulhava para o fundo do Hudson, e a pressão na sua cabeça iria, a qualquer momento, toldar-lhe o raciocínio e obrigá-la a inspirar um fôlego fatal...

Alguém a agarrou.

Ficou tão surpreendida que o fôlego se imobilizou nos seus lábios. Um braço apertou-a à roda da cintura, puxando-a. O vestido rasgou-se e o seu salvador arrastou-a pela janela, dando aos pés para cima de forma impetuosa enquanto o Bentley desaparecia na escuridão em baixo.

Com o coração aos saltos desesperados dentro do peito, Nina chegou à superfície e inspirou um fôlego convulso e doloroso, sem se importar com o sabor podre da água. Com um braço ainda à sua volta, o seu salvador puxou-a para a costa. Ainda com dor e pânico, Nina olhou em volta para ver quem era.

O homem do casaco de cabedal sorriu-lhe, revelando uma falha proeminente entre os dois dentes da frente. — Tudo bem, Sotôra?

— *Você?*

— Tchê! Isso é que é gratidão!

Chegaram ao pontão e o homem conduziu-a a uma escada enferrujada. Nina subiu-a com esforço, arrastando-se para uma doca de cimento por baixo do nível principal do próprio cais. O homem seguiu-a, com água a escorrer-lhe do casaco. — Belo vestido.

— O quê? — Perguntou Nina, confusa, antes de se aperceber de que a sua saia se rasgara praticamente até à virilha. — Oh, meu Deus! — Pôs as mãos entre as pernas para se proteger.

— Bem, — disse o homem, passando uma mão pelo cabelo curto — se é só isso que a preocupa, é porque deve estar bem. — O sotaque dele era inglês, mas não de nenhuma região que Nina conseguisse discernir. — O que é bom, porque precisamos de sair daqui. Agora mesmo. — Estendeu uma mão. Nina fitou-a com estupefacção por um instante, depois aceitou-a. Com uma força considerável, ele pô-la em pé. Só nessa altura é que ela percebeu que tinha perdido os sapatos.

— Quem é você? — Perguntou ela, enquanto ele a encaminhava rapidamente para um lanço de degraus que iam dar ao cais. — O que é que se passa?

— Chamo-me Chase. Eddie Chase. Não se preocupe, não sou nenhum maluco. — Olhou para trás para lhe lançar um sorriso que não era inteiramente reconfortante. — Só suficientemente doido para mergulhar num rio para salvar a mulher que fui contratado para proteger.

— Contratado?

— Sim. Sou o seu guarda-costas.

Chegaram ao cimo dos degraus. Um pequeno grupo de pessoas esperava por eles, com um ar espantado. Algumas delas aplaudiam. — Já estive no SAE — sabe, no Serviço Aéreo Especial. Agora sou... uma espécie de *freelancer*. — Nina viu que o Range Rover dele, com a parte da frente em péssimo estado, estava estacionado no cais com uma porta aberta e o motor ainda a trabalhar.

Um homem obeso com a farda de uma empresa de segurança correu em direcção a eles, ofegando. — Ei! O que diabo se passa aqui?

— Está tudo bem, companheiro — disse Chase. — Está tudo sob controlo.

— O tanas! Um carro acabou de rebentar com os portões e cair do fundo do pontão! Eu quero algumas respostas!

Chase suspirou e depois tirou do casaco a sua enorme arma. Vista de perto, pareceu ainda mais ameaçadora a Nina, com o cano longo reforçado por uma barra de ferro deslizante ao longo da parte de cima. — Aqui o Sr. Magnum vai responder a todas as perguntas — disse ele, acenando-a

na direcção do guarda. A pequena multidão apressou-se a recuar. — Quer fazer alguma?

O guarda esforçou-se para manter o medo afastado do rosto, com pouco êxito. — Podem esperar.

— Ainda bem. Mas, se calhar, há-de querer encontrar o tipo que fugiu do carro antes do acidente — ele é que é o mau da fita. Mas agora tenho de levar esta senhora para um sítio seguro. Pode ser?

— Claro! — Concordou o guarda, recuando.

Ainda de arma levantada, Chase abriu a porta do passageiro do Range Rover a Nina, depois correu para o lado do condutor e saltou lá para dentro. Arrancou pelo cais abaixo a grande velocidade. No fim, fez uma curva apertada e acelerou pelo passeio vazio durante umas centenas de metros, antes de passar o emaranhado de carros parados e guinar para a West Side Highway. — Acho que é melhor ligar o aquecimento — disse ele, olhando de relance para a trémula Nina enquanto acelerava. À distância, o som das sirenes gemia pelo ar da noite.

Ela cerrou os dentes. — O que diabo se passa?

— A versão abreviada? Os maus da fita querem matá-la. Os bons da fita querem impedi-los. Eu sou um dos bons da fita.

— Porque é que querem matar-me? O que é que *eu* fiz?

— Não é o que fez, Sotôra. É o que eles receiam que *possa* fazer. Aquele fulano do Bentley, o Starkman? Já foi meu colega, em tempos — trabalhamos juntos em operações conjuntas pelo mundo inteiro — até ele se tornar um patife.

— Ele disse que trabalhava para a Fundação Frost, para o Kristian Frost — disse Nina.

Chase riu-se. — Bem, eu tenho a certeza de que não trabalha.

— Como?

— Porque *eu* é que trabalho para o Kristian Frost. Quer conhecê-lo?

3

Noruega

— **V**eja bem, Sotôra — disse Chase. — Bonito, não é?
— Se é — concordou Nina, contemplando a paisagem absolutamente bela em baixo.

A casa e o quartel-general empresarial de Kristian Frost eram ambas em Ravnsfjord, a cerca de cinco quilómetros da costa norueguesa, a sul de Bergen. O fiorde que deu o nome à região dividia a sua extensa propriedade. Na parte sul havia uma área de edifícios de escritórios que, apesar de terem um design ultra-moderno, complementavam na perfeição a paisagem que os cercava. Havia uma estrada que partia dali até uma estreita ponte rodoviária em arco do outro lado do fiorde. Encimando a ponte — encimando toda a área, apercebeu-se ela — estava outro grande edifício vistoso, cujas cores e curvas se misturavam no promontório onde se erguia.

— É a casa do Frost — disse-lhe Chase.

— Aquilo é uma *casa*? — Nina ofegou. — Meu Deus, é enorme! Pensava que fosse outro edifício de escritórios!

— Um bocadinho maior do que o seu apartamento, hã?

— Só um bocadinho. — O avião — um jacto particular Gulfstream V da frota empresarial de Frost — inclinou-se para atravessar o fiorde. Nina detectou outro aglomerado de edifícios ultra-modernos mais a leste da casa, na base de uma falésia, e depois, na parte norte do curso de água, o seu destino — um aeroporto privado. — Tudo isto pertence a Kristian Frost?

— É verdade, sim. Ele dirige todos os negócios a partir daqui; quase nunca sai de cá. Palpita-me que não gosta de viajar.

Nina deitou um último olhar pela janela do avião antes de se recostar.

O Gulfstream efectuava a descida final. — É um belo sítio para se viver, lá isso é. Um bocadinho isolado, no entanto.

— Bem, quando se é bilionário, suponho que o mundo venha até nós. Tal como nós estamos a fazer.

O avião aterrou e abrandou até ao pequeno terminal. Nina enrolou mais o casaco à sua volta enquanto descia para o betão. — Friozinho? — Perguntou Chase.

— Está a brincar? Estou habituada aos Invernos de Nova Iorque. Isto não é nada! — Na verdade, estava quase um gelo, mesmo sem o vento gelado a soprar da costa, mas agora que ela abriu a sua grande boca, tinha de o aguentar.

— Bem, em breve iremos para um sítio bem mais quente. — Nina olhou para Chase à espera de uma explicação, mas ele limitou-se a sorrir. — Cá está a nossa boleia.

Um jipe branco Grand Cherokee encostou perto do avião. Um homem louro de cabelo curto rente, pescoço grosso e músculos que praticamente rebentavam com as bainhas do seu elegante fato escuro saiu para os cumprimentar. — Dra. Wilde — disse ele, com sotaque alemão. — Sou o chefe de segurança do Sr. Frost aqui em Ravnsfjord, Josef Schenk. — Estendeu a mão, que Nina apertou. Apesar de o seu aperto de mão ser fraco, ela percebeu que, se ele quisesse, podia esmagar-lhe todos os ossos da mão. — Prazer em conhecê-la.

— Obrigada — disse Nina. Apercebeu-se de que Chase e Schenk se olhavam de alto a baixo quase como pugilistas antes de um combate. Tinham constituições semelhantes; ela questionou-se sobre se também teriam passados militares semelhantes — ou rivais.

— Joe — disse Chase.

— Sr. Chase — respondeu Schenk, antes de abrir a porta de trás do jipe. — Faça favor, Dra. Wilde. Vou levá-la ao Sr. Frost.

Nina entrou. Chase seguiu-a com um ligeiramente sarcástico «À nossa», fechando a porta atrás de si. Schenk lançou-lhe um olhar antes de dar a volta ao todo-o-terreno para ir para o lado do condutor.

— O que é que foi aquilo? — Perguntou Nina.

— É um homem da empresa — explicou rapidamente Chase, enquanto Schenk estava fora do alcance da sua voz. — Não gosta de *freelancers*, acha que eu vou enganar o patrão.

— E vai? — Nina não resistiu a perguntar.

— Sou um profissional — respondeu Chase, totalmente sério por um momento. — Levo sempre o trabalho até ao fim.

Schenk entrou e arrancou. Nina viu vários hangares na ponta oeste da pista. Estacionado da parte de fora do maior estava um avião enorme,

com o logótipo da empresa de Frost — o desenho de um tridente dentro do «O» do nome — apenas terminado até meio da parte lateral, enquanto minúsculas figuras em cima de guindastes o pintavam. — Ena. É um *grande* avião.

— Um cargueiro Airbus A380 — disse Schenk. — A última aquisição para a frota do Sr. Frost.

Nina olhou para a pista comprida. Falésias íngremes erguiam-se para lá da sua distante ponta leste. — Espero que tenha bons travões! Aquelas montanhas parecem estar algo próximas.

— Só pode descolar em direcção a oeste. É incómodo, mas, felizmente, quando estiver a uso, há-de passar mais tempo a voar pelo mundo inteiro do que aqui.

O jipe deixou o aeroporto e atravessou a ponte. Nina estava à espera que virassem para oeste, para os edifícios da empresa, mas, em vez disso, dirigiram-se para uma estrada em ziguezague em direcção à casa no promontório. Vistas de perto, as suas linhas simples e elegantes pareciam ainda mais impressionantes.

Schenk estacionou à porta, depois conduziu Nina e Chase ao interior da casa. — Por aqui.

Nina ficou enormemente impressionada com a sala aonde ele os conduziu. A parede do fundo era curva, com uma janela gigante a toda a largura a revelar a vista em baixo, desde as montanhas que emolduravam o aeroporto do outro lado do fiorde até aos edifícios da empresa em baixo, e, mais ao longe, o Mar do Norte.

E a vista não era a única coisa impressionante que a sala tinha. Era quase uma combinação de um átrio luxuoso com uma galeria de arte. Uma escultura de Henry Moore, um quadro de Picasso num nicho cuidadosamente protegido da luz solar directa, um Paul Klee... e vários outros que ela não reconheceu de imediato, mas que tinha a certeza de serem igualmente valiosos.

— É uma casa espantosa — disse ela, maravilhada.

— Obrigada — disse uma nova voz, de mulher. Nina virou-se para ver uma loura alta e extremamente bela a entrar na sala, de cabelo lustroso a cair para baixo dos ombros. Parecia ter mais ou menos a idade de Nina, ou ser ligeiramente mais nova, e a sua postura majestosa era contraposta pela roupa cheia de estilo — um top branco justo por cima da barriga que revelava um abdómen perfeitamente tonificado e calças pretas de cabedal igualmente justas com botas de salto alto. Enquanto se aproximava, olhou para Nina de cima a baixo, como se não tivesse bem a certeza do que pensar dela.

— Dra. Wilde, — disse Schenk — esta é Kari Frost, a filha do Sr. Frost.

— Prazer em conhecê-la — disse Nina, estendendo a mão. Kari apertou-a com firmeza. Chase, reparou Nina, divertida, tentava não tornar demasiado óbvio o facto de estar a tirar-lhe as medidas.

— Igualmente, Dra. Wilde — respondeu Kari. — Sr. Chase. Ouvi dizer que precisaram dos seus serviços em Nova Iorque?

— Sim, pode-se dizer que sim. Belo emprego que me arranjou! — Lançou um olhar arrogante a Schenk. Schenk franziu o sobrolho.

— Ainda bem que gosta da casa — disse Kari, virando-se novamente para Nina. — Fui eu que a desenhei. A arquitectura é um dos meus... bem, poderia dizer passatempos, mas isso seria falta de modéstia. Tenho uma licenciatura no tema. — Falava num inglês perfeito, com apenas um ligeiro vestígio de sotaque.

— É linda — disse-lhe Nina.

— Obrigada. — O nome de Kari era-lhe familiar, mas Nina não conseguia lembrar-se de onde.

— Então, o seu pai anda por cá? — Perguntou Chase, enganchando os polegares nos bolsos do casaco.

Kari pareceu ligeiramente incomodada com a sua informalidade. — Não. Ele está no laboratório biológico. Vim cá para vos levar até ele.

Nina recordou-se. — Desculpe estar a perguntar, mas... a Kari não apareceu nas notícias no ano passado, em África? A ajuda médica na Etiópia?

— Sim, era eu — disse Kari. — Ajudei a organizar a ajuda humanitária.

— A Menina Frost faz mais do que apenas ajudar — disse Schenk. — É responsável pelos programas médicos da Fundação Frost em todo o mundo. Não me parece que exista um único país que ela não tenha visitado nos últimos cinco anos.

— É uma maneira de acumular milhas aéreas — gracejou Chase.

— Está a trabalhar em programas de erradicação de doenças, não é? — Perguntou Nina.

— Sim. A Fundação Frost faz o que pode para tornar o mundo um lugar melhor. É um objectivo ambicioso, admito — mas estou certa de que conseguiremos atingi-lo.

— Espero que consigam — disse Nina.

— Obrigada — respondeu Kari. Fez sinal para a porta. — Se me acompanhar, levo-a ao meu pai.

*

Kari conduziu-os ao piso de baixo, a uma enorme garagem debaixo da casa. Nina estava maravilhada com o seu conteúdo; o espaço estava atafalhado

de dispendiosos carros desportivos e motos, que iam dos velhos clássicos aos últimos protótipos italianos.

— A minha coleção privada — disse Kari. — O meu pai não aprova totalmente, mas eu adoro a liberdade e o júbilo da velocidade.

— Belas rodas — disse Chase, enquanto admirava em primeiro lugar um Ferrari F430 Spider descapotável de cor escarlate e depois a moto estacionada ao seu lado, uma máquina lustrosa azul e prateada.

— Suzuki GSX-R1000 — disse-lhe Kari, com mais do que uma ponta de orgulho — o primeiro sinal de verdadeira emoção que revelara desde que conheceu Nina. — A moto de fábrica mais rápida do mundo. Uma das minhas preferidas. Tenciono levá-la em breve para a Europa para as corridas. Isto é... se o meu calendário assim o permitir. Mas isso depende da Dra. Wilde.

— Como assim? — Perguntou Nina. Kari limitou-se a lançar-lhe um olhar enigmático, conduzindo-os a uma limusina Mercedes.

Schenk foi a guiar, levando-os aos edifícios futuristas a leste da casa, que Nina vira a partir do avião. À medida que se aproximavam, ela reparou que o complexo era, na verdade, constituído por duas secções: as estruturas interligadas de dois pisos no terreno junto ao fiorde e outras secções acima delas, localizadas na própria falésia.

— O nosso laboratório biológico — explicou Kari. — A secção subterrânea aloja a área de isolamento. Há lá amostras que são potencialmente perigosas, portanto, toda essa secção do laboratório pode ser completamente selada em caso de emergência. — Apontou para uma estrutura curva que se projectava da encosta da falésia. — Ali em cima é o escritório do meu pai.

— O escritório do seu pai fica mesmo por cima da área de isolamento? — Perguntou Nina, com nervosismo. A ideia de entrar num edifício cheio de doenças contagiosas e vírus arrepiou-lhe a pele.

— Foi ideia dele, para demonstrar a sua confiança no projecto de construção. Além disso, ele gosta de estar atento aos nossos avanços.

Desceram por uma rampa em direcção a um parque de estacionamento sob o edifício principal, depois saíram e apanharam um elevador para um átrio no piso térreo. Uma grande secretária em forma de ferradura, feita de aço preto e mármore, estava guardada por três seguranças fardados, que cumprimentaram Kari respeitosamente. Atrás da secretária, havia portas que iam dar a um corredor alto com um tecto de vidro, através do qual Nina conseguiu ver o escritório de Frost, em cima. Estava movimentado.

— Quantas pessoas trabalham aqui? — Perguntou ela.

— Varia, — disse Kari — mas, geralmente, à roda de cinquenta ou sessenta investigadores, mais o pessoal da segurança.

Nina localizou mais um posto de segurança ao fundo do corredor, ao lado das grandes portas de vidro e aço. — Vocês, hã... vocês têm muita segurança aqui, não é?

— Precisamos dela — respondeu Kari, de forma directa. — Algumas das amostras com que trabalhamos poderiam ser usadas para terrorismo biológico, se caíssem nas mãos erradas. E, infelizmente, a Fundação Frost tem inimigos. A Nina já conheceu alguns deles.

— Não se preocupe, Sotôra — disse Chase. — Eu mantenho-a em segurança.

O avistar do logótipo em forma de trevo do risco biológico na porta fez com que Nina abrandasse o passo. — Tem... tem a *certeza* de que é seguro?

— Absoluta — assegurou-lhe Kari. — Estas portas fazem parte de uma câmara-de-ar. São feitas de oxinitreto de alumínio cerâmico — alumínio transparente, equivalente a sessenta centímetros de placa de aço. Praticamente inquebráveis. A única maneira de alguma coisa entrar ou sair da secção de isolamento, quer seja um micróbio ou uma pessoa, é com a nossa autorização.

— Fico feliz por ouvir isso!

Kari falou com os guardas e as pesadas portas da câmara-de-ar abriram-se com um silvo. O grupo atravessou-as, esperando que as portas interiores se abrissem. A secção de isolamento diante deles era puramente funcional no seu conceito, quase crua. As paredes eram ladrilhadas a branco, os soalhos revestidos por borracha não escorregadia, para facilitar a limpeza. Fortes luzes fluorescentes iluminavam cada canto com um brilho regular, e, a juntar-se ao ar estéril, Nina viu também o sinistro clarão roxo de fontes ultravioletas.

Lá dentro, Kari conduziu-os a um elevador que os fez subir ao escritório de Frost. Ao entrar, Nina sentiu-se subitamente como se tivesse sido transportada de volta à casa, tal era a similitude do design. Conseguia mesmo ver a própria casa pelas janelas, empoleirada no cimo do seu penhasco.

Mas não foi a vista, nem a arquitectura, nem os objectos de arte que lhe chamaram a atenção. Foi o homem que os aguardava.

Kristian Frost era ainda mais imponente e atraente na vida real do que nas fotografias. Medindo bem mais do que um metro e oitenta, e ainda impressionantemente musculoso, apesar dos seus sessenta anos, com a sua camisola azul-escura de gola enrolada mais parecia um pescador robusto do que um empresário bilionário. Tanto o cabelo como a barba estavam a ficar grisalhos, mas os seus olhos ainda continham uma energia jovial e inteligência profunda.

— Dra. Wilde — disse ele, pegando-lhe na mão. Ela ficou um pouco desconcertada quando, em vez de a apertar, ele baixou a cabeça para a beijar. Vindo de qualquer outra pessoa, o gesto teria parecido algo tolo, mas, vindo dele, pareceu perfeitamente adequado. — Bem-vinda a Ravnsfjord.

— Sr. Frost — respondeu ela.

— Por favor! Trate-me por Kristian. — O inglês dele não era tão correcto como o de Kari, havendo uma articulação na sua voz que revelava as suas origens escandinavas. — Tenho muito gosto em conhecê-la. E também estou muito contente por *poder* conhecê-la. Contratar o Sr. Chase já compensou.

— Nesse caso, acho que devo agradecer-lhe por, bem, ter salvo a minha vida!

Frost abriu um grande sorriso. — Ainda bem que pude ser útil.

— Mas... porque é que alguém haveria de *querer* matar-me? O que é que vem a ser tudo isto?

— Por favor, sente-se, que eu explico-lhe — disse Frost, encaminhando-a para um sofá comprido. Ela sentou-se, com Kari a juntar-se-lhe na outra ponta. — Receio que as suas teorias acerca da Atlântida a tenham levado a tornar-se no alvo de um homem chamado Giovanni Qobras.

— E quem é Giovanni Qobras? — Perguntou Nina.

— Um louco — disse Kari.

— Ah. — Não apenas um assassino, mas um assassino *louco*. Bestial.

— Qobras e os seus seguidores, — começou Frost — que se auto-intitulam de Irmandade, acreditam no mesmo que eu — que você. Se há coisa que todos temos em comum é que acreditamos que a lenda da Atlântida é *verdadeira*. Tenho estado convencido disso a vida inteira, e investi uma quantia bastante substancial da minha fortuna na tentativa de o provar. — Atravessou até à vasta janela. Lá longe, o mar reluzia como minúsculos diamantes. — Infelizmente, sem grande êxito. Como sabe, há muito pouca informação a partir da qual trabalhar... e aquela que há é objecto de muitas interpretações.

— A quem o diz — disse Nina. — Então, e esse tal de Qobras?

Ele virou-se para a encarar. — Nós os dois queremos *encontrar* a Atlântida, devolver uma antiga maravilha ao mundo. O Qobras, por outro lado... — O seu rosto ensombrou-se. — Ele quer mantê-la escondida, proteger o segredo, no seu próprio interesse. E está disposto a recorrer ao assassinio para o fazer. A sua nova teoria acerca da sua localização pode não ter convencido a comissão da sua universidade, mas convenceu certamente o Qobras. Ele acredita que você está no caminho certo — tal como eu, a propósito — e quer impedi-la de o provar.

— Espere — disse Nina. — Como é que *o senhor* sabe da minha teoria?

— A Fundação Frost tem amigos no mundo académico por esse mundo fora. Eles sabem que quaisquer ideias novas acerca da localização da Atlântida irão ser do meu interesse, portanto mantêm-me informado. E as suas ideias... — Ele sorriu. — Vou directo ao assunto. Estou disposto a financiar a cem por cento uma expedição de reconhecimento para testar a sua teoria.

Nina mal conseguiu conter o entusiasmo. — A sério?

— Absolutamente. Mas com uma condição. — Ele viu a expressão dela a fechar-se, e riu-se. — Não é nada de mal, garanto. Mas o Golfo de Cádiz é muito grande, e, embora eu tenha muitos recursos, eles não são infinitos. Gostaria que afinilasse a busca, que escolhesse uma localização.

— Mas o problema é esse — disse-lhe Nina. — Há tão pouca informação com que trabalhar que não sei como *conseguirei* afinilá-la.

— Se calhar há mais do que pensa. — Ela ergueu o olhar para ele, intrigada. — Explicarei mais tarde. Mas, por agora... está interessada?

— Se estou interessada? — Disse, ofegante. — Completamente!

Frost dirigiu-se a ela e estendeu-lhe a mão direita. Ela hesitou, mas depois apertou-a. — Ótimo — disse ele. — Dra. Wilde, juntos, vamos encontrar a Atlântida.

*

O objecto reluzente pendia no espaço, sem que a gravidade o afectasse.

Nina fitava-o maravilhada. Nunca tinha visto um holograma em movimento, nem sequer imaginara que isso fosse possível fora da dimensão da ficção científica ou do cinema.

— O que é isso? — Perguntou, por fim, desviando relutantemente o olhar do holograma para as outras pessoas na sala obscurecida.

— É uma coisa que poderá ajudá-la a afinilar a sua busca — disse Frost. — Pelo menos, é isso que afirma o homem que mo quer vender.

— Vender? — Nina virou-se novamente para o holograma. A projecção, que pairava sobre um pedestal cilíndrico no qual luzes coloridas tremeluziam mais depressa do que os seus olhos conseguiam acompanhar, estava, supostamente, em tamanho real, com cerca de trinta centímetros de comprimento e cinco centímetros de largura. Era uma barra lisa de metal, com a ponta de baixo arredondada e a parte de cima direita, e uma saliência circular a projectar-se dela. A cor era quase a do ouro, mas com uma invulgar tonalidade avermelhada...

Tal como o seu pendente.

Tocou distraidamente na peça de metal que pendia do seu pescoço enquanto se inclinava para se aproximar do holograma, andando em redor

do pedestal para ver o outro lado. Para sua decepção, não havia lá nada, a não ser uma inversão bizarra e desafiadora da perspectiva da parte da frente, através da qual conseguia ver Frost, Kari e Chase.

— O vendedor só quis que tivéssemos um gostinho — disse Kari. — Ele afirma que a parte da frente do artefacto tem marcas que nos podem ser úteis — mas não nos deixa vê-las enquanto não concordarmos em pagar-lhe.

— Quanto é que ele quer? — Perguntou Chase.

— Dez milhões de dólares.

— Chiça! Isso é muito por uma régua extravagante.

— Pode até valer mais do que isso — disse Nina. Apesar de saber que não havia ali nada, não conseguiu evitar estender um dedo para tentar tocar-lhe. A ponta da sua unha mergulhou no holograma, e parte da imagem desapareceu no sítio em que o seu dedo obstruiu os raios laser que a geravam. — É oricalco, não é?

— Assim parece. — Frost mostrou-lhe um pequeno prato de vidro com uma pequena peça de metal da mesma cor da barra. — Juntamente com o holograma, ele enviou-nos uma amostra. Afirma que a cortou da parte lateral do artefacto. — Nina viu um pequeno entalhe num dos lados do holograma. — Fiz um teste metalúrgico. É uma liga de ouro e cobre, mas com níveis muito invulgares de carbono e enxofre, o que explica a sua cor.

— Consistente com vulcanismo?

— Sim.

— O que bate certo com o que Platão disse acerca do oricalco no *Critias*! — O entusiasmo de Nina aumentou, à medida que percebeu as implicações.

— Esperem! O quê? — Perguntou Chase. — Desculpem, mas quando alguém me fala em vulcanismo, eu penso no Sr. Spock.

— Segundo Platão, o oricalco — um metal raro — era extraído de minas na Atlântida — explicou Nina. — Mas não há espaço na tabela periódica para elementos desconhecidos, o que significa que teria de ser uma liga de outros metais. Mas as ligas não se extraem das minas, produzem-se — *a menos* que tenham sido formadas por algum processo natural. A actividade vulcânica pode ter provocado uma fusão de depósitos de ouro e cobre, transformando-os numa nova substância, e, se esta existisse em quantidade suficiente, poderia ter sido escavada da rocha.

— Os atlantes usavam o oricalco para cobrir as paredes da sua cidade — disse Kari. — Consideravam-no quase tão valioso como o ouro — o que, de facto, é, devido ao elevado conteúdo de ouro —, mas um objecto como este valeria muito mais do que apenas o seu peso em termos de me-

tais preciosos. Se for genuíno, será o primeiro verdadeiro artefacto atlante alguma vez descoberto — a prova de que a Atlântida existe.

Frost fez sinal com a cabeça a Schenk, que ligou as luzes. O holograma desvaneceu-se, perdendo a sua ilusão de solidez. — Então, onde está? Quem é que o tem? — Perguntou Nina.

— O vendedor chama-se Yuri Volgan — começou Frost. — Era um dos homens do Qobras. Aparentemente, quer abandonar a Irmandade e também quer dinheiro suficiente para se esconder do Qobras com a venda deste artefacto. Enviou-nos o fragmento de oricalco e o holograma através de um intermediário, um iraniano chamado Failak Hajjar.

Nina franziu o sobrolho. — Já ouvi esse nome.

— Não me surpreende. Ele vende artefactos antigos persas — que não devem, supostamente, estar à venda.

— Um ladrão de túmulos — disse ela, com aversão.

— Dantes era, embora eu duvide que ele tenha sujado as próprias mãos durante anos. Ele tornou-se num homem muito abastado com a venda dos tesouros do seu país a colecionadores privados no estrangeiro. Suficientemente abastado para poder comprar um certo grau de imunidade ao governo iraniano.

— Além disso, alicia os seus rivais — acrescentou Chase — e denuncia-os, para a polícia ir atrás deles em vez dele. Não o conheço pessoalmente, mas conheço pessoas que negociaram com ele. Não é um fulano popular, mas, se está a vender essa coisa, é porque deve achar que é genuína. Ele pode ser um monte de esterco, mas é um monte de esterco que preza a sua reputação.

— Ele tem recursos para tratar da venda deste artefacto e para proteger o Volgan do Qobras — disse Frost. — E é por isso que me inclino a acreditar que é genuíno. Mas não vou entregar dez milhões de dólares sem algum tipo de prova. E é aí que você entra.

Nina pestanejou. — Eu?

— Quero que examine o artefacto e decida se é o que o Volgan afirma.

— Quer que eu vá ao Irão? — Engoliu em seco. — Aquele que faz parte do Eixo do Mal e que odeia a América; esse Irão?

Chase riu-se. — Eu vou estar lá para a proteger. Eu e alguns colegas. Não há motivo para preocupações.

— Já foi ao Irão?

Ele pareceu evasivo. — Oficialmente, não...

— O Sr. Chase e os seus colegas irão protegê-la — disse Frost. — E a Kari também vai, como minha representante.

— Mas o que é que o leva a pensar que eu conseguirei perceber se

este artefacto é ou não verdadeiro? — Perguntou Nina, gesticulando para o spectral holograma.

— Você é especialista em línguas antigas, não é? — Perguntou Kari.

— Eu não diria *especialista* — protestou ela. — Isto é, fiz estudos nesse campo, consigo distinguir o fenício da língua nómida, mas não sou especialista.

— Pelo que ouvi dizer, é bem melhor do que isso. Talvez até ainda melhor do que a sua mãe. — Nina olhou fixamente para Frost, surpreendida. — Eu conheci os seus pais — na verdade, financiei a expedição ao Tibete, onde eles... — Parou, desviando o olhar dela. — Uma grande tragédia. Uma grande perda.

— Eles nunca me disseram que os tinha financiado — disse Nina.

— A meu pedido. Agora que sabe do que o Qobras é capaz, compreende porque é que dou tanta importância à segurança. O Qobras fará tudo o que estiver ao seu alcance para impedir que alguém encontre a Atlântida, e ele dispõe de recursos consideráveis — e de alguns amigos poderosos por esse mundo fora.

— Tais como?

— Provavelmente, é mais seguro que não saiba. Mas, em relação ao artefacto, se o que o Yuri Volgan diz é verdade, você deverá conseguir perceber se é autêntico pela leitura do texto. E, imagine só, — prosseguiu Frost, com uma certa teatralidade a entrar-lhe na voz — vai poder segurar na sua mão um verdadeiro objecto da Atlântida!

— Se for genuíno.

— E você é a pessoa mais qualificada do mundo para o determinar.

Nina tomou em consideração as palavras dele. Ainda não lhe agradava a ideia de ir a um país que era abertamente hostil aos ocidentais, e aos americanos em particular, mas já estivera em expedições em países menos do que amistosos e, neste caso, o potencial prémio excedia em muito o valor de qualquer outra coisa que já tivesse descoberto.

Além do mais, tal como Frost dissera, não iria sozinha.

E se decidisse não ir, o que faria em vez disso? Regressaria a Nova Iorque, onde lhe acabara de ser negado o financiamento... e onde teria de andar constantemente a olhar por cima do ombro, no caso de os homens de Qobras irem outra vez atrás dela?

— Está bem, — decidiu — eu vou. Então, quando é que partimos?

Frost sorriu. — Assim que estiver preparada.

— Gosto da sua maneira de pensar — disse Nina, sorrindo em resposta. — Lá porque a Atlântida esperou durante onze mil anos, não quer dizer que *nós* tenhamos de esperar.

— Então, — disse Kari — vamos lá prepará-la.

4

Irão

Nina esfregou o braço com irritação. — Isto ainda dói.
— Não quer apanhar uma doença esquisita do Médio Oriente, pois não? — Perguntou Chase, divertido. — Mais vale prevenir do que remediar.

— Eu sei disso. Mas é desconfortável, é só isso. — A vacina tinha sido uma parte antipática do acordo, administrada no ambiente anti-séptico do laboratório biológico. Embora menos dolorosa do que outras que levara no passado, parecia que a pequena bolha de sangue demorava séculos a secar.

— Isso não foi nada! Credo, devia ter visto algumas das injecções que eu levei no SAE. Agulhas *deste* tamanho! — Ele estendeu as mãos com vinte centímetros a separá-las. — E não vai querer saber onde é que eles as espetaram.

— Tenho a certeza que não.

O Gulfstream acabara de passar sobre o Mar Negro e a Turquia a caminho do Irão. Não seguira uma rota directa desde a Noruega, tendo feito um desvio até Praga para ir buscar outro passageiro. No avião, com Nina, Chase e Kari, que estava sentada sozinha na parte de trás da cabina, a trabalhar num computador portátil, ia outro homem, que Chase apresentara como Hugo Castille. Pela maneira como gozaram um com o outro, tornou-se claro que eram velhos amigos.

— Sim, eu e o Edward já nos conhecemos há muito tempo — confirmou o exuberante europeu de rosto alongado — francês, pensou Nina, por causa do sotaque — quando ela lhe perguntou. — Trabalhámos juntos em muitas operações especiais conjuntas para a NATO. Estritamente confidenciais, como vocês dizem — acrescentou, batendo na aba do seu nariz pontiagudo.

— Então, estive no exército francês?

Castille endireitou-se no seu assento com um ar de enorme ultraje, com um punho cerrado contra o peito. — Francês? Por favor! Eu sou *belga, madame!*

— Peço desculpa! Não percebi — disse Nina, num apressado pedido de desculpas, antes de perceber que Chase estava a rir-se. O rosto de Castille cedeu num sorriso. — Espere, está a gozar comigo?

— Estou só a gozar o prato — disse Chase. — O Hugo já faz esta cena do «*Francês? Como se atreve!*» há anos. Quer dizer, ele é da Bélgica, é o único truque que sabe.

— Filisteu inglês — fungou Castille. Tirou uma lustrosa maçã vermelha de um bolso do casaco e examinou-a cuidadosamente antes de lhe dar uma dentada.

— Então, o que posso esperar no Irão, Sr. Chase? — Perguntou Nina.

— Trate-me por Eddie. — A expressão dele tornou-se profissional. — Com sorte, não deverá ter de lidar muito com os habitantes. Deverá ser um trabalho simples: entrar, conhecer o Hajjar, decidir se esta coisa é verdadeira, e depois a patroa — fez sinal com a cabeça para Kari, ainda ocupada com o seu computador — transfere o dinheiro e saímos. Isto se for tudo legítimo.

— E se não for?

Ele deu uma palmadinha no seu casaco de cabedal, que estava pendurado no braço do seu assento. A coronha da sua pistola era visível dentro dele. — Nesse caso, vai haver sarilho. Mas não se preocupe, não há-de ser nada. Eu protejo-a, Sotôra.

— Nós protegemo-la — corrigiu Castille, com a boca cheia de maçã.

— Obrigada — disse Nina, mantendo as preocupações para si mesma.

O portátil de Kari apitou. Ela observou o ecrã com surpresa, depois os seus olhos azuis ergueram-se e apanharam o olhar de Nina por um instante, antes de voltarem a olhar para o computador. Ela digitou rapidamente qualquer coisa, premiu com firmeza a tecla de *enter* e depois fechou o portátil e mudou-se para o lugar vazio diante de Nina.

— Passa-se alguma coisa? — Perguntou Nina.

— Não — era apenas um e-mail do meu pai, uma coisa de que não estava à espera. Mas nada de preocupante — aliás, até são boas notícias. Mas agora não tem importância, portanto... — Inclinou-se para a frente, sorrindo pela primeira vez desde que Nina a conhecera, revelando imaculados dentes brancos. — Achei que devia pedir-lhe desculpa, Dra. Wilde.

— Porquê?

— Não tenho sido a melhor anfitriã. Tenho andado preocupada com o meu trabalho na Fundação, com esta expedição... Peço desculpa se pareço fria e distante.

— Não, não precisa de desculpar-se — assegurou-lhe Nina. — Anda muito ocupada, estou certa de que tem muitas coisas a acontecer ao mesmo tempo.

— Agora já não. A partir de agora, vou dedicar toda a minha atenção a si e a esta missão. Quero que seja um êxito — e também quero garantir que se mantém em segurança.

— Obrigada — disse Nina, sorrindo em resposta. Então, Kari olhou de relance para Chase.

— Sr. Chase, — disse ela, fixando-o com um olhar desaprovador — está a tentar olhar para debaixo do meu top?

Nina abafou uma risada, enquanto Castille encobriu o seu próprio gozo com uma dentada apressada na sua maçã. Chase tinha sido inegavelmente apanhado com a boca na botija, mas, em vez de tentar negá-lo, limitou-se a recostar-se e a levantar uma sobrancelha. — Se eu consigo, também os fulanos iranianos que a virem conseguem, e eles são um bocadinho esquisitos em relação a mulheres com roupas sensuais. Não queremos chamar mais a atenção do que o necessário. Estava só a pensar que, provavelmente, vale a pena vestir outra coisa um pouco mais desmazelada antes de aterrarmos.

Kari estava a usar um top branco justo e umas calças de cabedal parecidos aos que tinha vestidos em Ravnsfjord. — Não deixa de ter razão. Felizmente, vim preparada.

— Mas aqui a Sotôra está bem. Só precisa de um casaco.

Nina lançou-lhe um olhar penetrante. — Está a dizer que eu tenho um ar *desmazelado*, Sr. Chase? — Ela teria usado a palavra «discreta» ou «prática» para descrever a sua fatiota de calças de ganga, camisola e botas robustas.

— Você está ótima — sorriu Kari, em pé. — Se precisar de alguma coisa, basta pedir-me. — Entrou no compartimento traseiro.

Castille terminou a maçã. — Ah, a Inglaterra — proclamou. — Um país de encantadores, de sofisticados, de românticos. E depois há o Edward Chase.

— Ah, vai-te lixar, Hugo.

Castille atirou-lhe com o caroço da maçã, que Chase apanhou sem esforço, com a mão a lançar-se no ar como uma cobra prestes a atacar.

— Ele é sempre assim? — Perguntou Nina a Castille.

— Receio bem que sim.

— E as damas adoram — disse Chase, deixando cair o caroço da

maçã no seu copo de água vazio. Castille desdenhou e revirou os olhos. Chase olhou para o relógio, depois estirou-se no seu assento.

— Está a pôr-se à vontade? — Perguntou Nina.

— Estou só a aproveitar ao máximo — respondeu ele. — Vamos aterrar daqui a meia hora. E aposto consigo que a viagem não vai ser nem um bocadinho tão suave como esta quando estivermos no chão.

*

Chase estava completamente certo quanto a isso, pensou Nina. O Land Rover que havia de os levar ao encontro com Failak Hajjar já tinha visto melhores dias, e, aparentemente, a estrada sob ele nunca tinha visto um dia bom na sua vida inteira.

O Gulfstream aterrou no aeroporto que servia a cidade iraniana de Esfahan, nos montes Zagros, no lado ocidental do país. Embora o grupo não tenha tido problemas em passar na alfândega, nem mesmo quando Nina apresentou o seu passaporte americano — afinal, a Fundação Frost fornecera uma ajuda considerável a seguir ao devastador terramoto de 2003, ganhando a gratidão do governo iraniano —, ainda assim, eles receberam muitos olhares desconfiados. Todas as mulheres que Nina viu à saída de Esfahan usavam, pelo menos, lenços na cabeça, e uma boa percentagem delas usava véu. Embora o Irão não fosse tão rígido como os seus vizinhos islâmicos, como a Arábia Saudita, na forma como obrigava as suas mulheres a vestirem-se, os complementos que escondiam as formas femininas eram obrigatórios, até para as visitantes.

A preparação de Kari estendera-se a ter algo adequado para Nina vestir, um casaco castanho-claro que lhe chegava aos joelhos. Embora Nina instintivamente se indignasse com a presença de qualquer regime que ditasse o que ela podia ou não vestir em público, pelo menos não tinha de se enterrar dentro de uma burca. No entanto, não conseguia evitar sentir uma ponta de inveja pelo casaco comprido que Kari escolhera para si própria. Apesar de, sem dúvida, estar de acordo com a *letra* da lei iraniana, no mínimo o traje fluido e de cintura estreita tornava-a numa figura ainda mais impressionante.

Embora tivesse usado um lenço na cabeça no aeroporto, assim que o Land Rover começou a andar, Kari tirou-o. Nina fez o mesmo — assim que o veículo se afastou em segurança da cidade.

A conduzir o Land Rover estava um homem que Chase apresentou como sendo um colega — ou, como ele disse, «um velho amigo meu». Uma boa década mais velho do que Chase ou Castille, Hafez Marradejan era um homem forte, de tez escura, com uma barba grisalha que se esticava até

uns impressionantes bons dez centímetros abaixo da ponta do seu queixo. Além disso, fumava como uma chaminé, para desgosto de Nina — ainda para mais quando ela soube que tinham, pelo menos, uma hora de viagem pela frente.

— Então, — disse Hafez, e embora Nina falasse um pouco de árabe, ele optou por falar em inglês — estás de volta ao trabalho, há, Eddie?

— Sim — respondeu Chase. Ele ia no banco do passageiro da frente, Nina ia entalada entre Kari e Castille na parte de trás. — O mesmo negócio, patrões novos. — Inclinou a cabeça para trás em direcção a Kari.

— Ah! Eu diria bem-vinda ao Irão, Menina Frost, mas o actual governo? Bah! Não merece respeito. — Hafez continuou a olhar para trás, para Kari, enquanto falava, fazendo Nina estremecer de cada vez que ele tirava os olhos da estrada preocupantemente agitada. — Finalmente arranjamos um governo que, pelo menos, *tenta* ser progressista, e depois o que acontece? Perdem as eleições seguintes! Democracia, há? É inútil, quando as pessoas são idiotas! — Fez um barulho que estava entre uma gargalhada e uma tosse catarral. — Mesmo assim, é bom ver-te novamente, Eddie.

— Então, já *esteve* no Irão antes? — Perguntou Nina.

— Não, népia, nunca — disse Chase rapidamente. Castille pôs um ar inocente, olhando pela janela.

Hafez riu-se novamente com a sua gargalhada tússica. — Os ocidentais e os seus segredos! O que aconteceu foi...

— Absolutamente nada — interrompeu Chase. — As forças especiais da NATO nunca organizaram operações no Irão. Nunca. — Lançou um olhar penetrante a Hafez, que se limitou a rir entre dentes e a inspirar mais uma golfada de fumo.

— Ei, então eu devo ter estado a ajudar fantasmas. A propósito, uma das caixas que nunca trouxeste contigo está lá atrás, como pediste.

Castille esticou-se pelos bancos de trás e levantou um recipiente metálico imundo do tamanho de uma caixa de sapatos grande. — Tesouro enterrado! — Anunciou, abrindo-o e retirando uma pistola automática preta, algumas munições e, para horror de Nina, uma granada de mão. — Tome, segure aqui.

Nina guinchou quando ele deixou cair casualmente a granada na sua mão. Castille verificou a arma com rapidez e perícia, carregou-a e guardou-a no casaco.

Chase olhou de relance para Nina, que, petrificada, ainda olhava fixamente para a granada. — Não há motivo para pânico — disse ele, tirando-lha. — Ela não explode se não lhe tirarmos a cavilha. Assim.

Ele puxou a cavilha. Nina guinchou.

— Esta tem uma espoleta de cinco segundos — comentou Chase.

— Mas, não se preocupe, não pode rebentar se não soltarmos também esta argola. — Voltou a colocar a cavilha no lugar, depois tirou o polegar do gancho curvo de metal que se projectava de um dos lados da granada. — Está a ver? — Castille e Hafez riram-se entre dentes.

— Não teve *graça!* — Gritou Nina.

— Meus senhores, — acrescentou Kari — eu preferia que não aterrorizassem o membro mais importante da nossa expedição. — As palavras foram suaves, mas não havia dúvida da autoridade na sua voz.

— Desculpe, patroa — disse Chase. Devolveu a granada a Castille, que voltou a pô-la na caixa. — Só achei que podia ser uma maneira de passar o tempo.

Nina fez uma careta. — Para a próxima, traga um iPod!

*

Depois de viajar durante uma hora, Nina desejou ter, *ela própria*, um iPod.

Ao início, as montanhas eram impressionantes, mas, passado um bocado, cada pico castanho assemelhava-se muito ao que se seguia. A acidentada estrada nacional tinha sido tão suave como uma viagem de tapete voador, comparada com a estrada esburacada e sinuosa em que estavam agora, que, em certos sítios, era pouco mais do que uma faixa de terra sobre uma encosta perigosamente íngreme. Uma desajeitada locomotiva a gasóleo na linha de caminho-de-ferro em baixo expelia fumo enquanto puxava uma longa cadeia de imundos vagões-cisterna. Seguindo as duas linhas de aço ao longo do vale, ela viu ramais que saíam delas a um quilómetro e meio de distância, e outro comboio parado num deles.

— Ainda falta muito, Hafez? — Perguntou Chase.

— Não — disse Hafez, apontando para o interior do vale. — É a seguir ao pátio de manobras dos comboios.

— Graças a Deus — suspirou Nina. Os bancos ralos e os constantes solavancos do velho Land Rover estavam a transformar-se num literal desconforto para o rabo. — Mas porque é que este tipo quis encontrar-se aqui tão longe? Não podíamos ter-nos encontrado no Hilton de Teerão?

— Céus! Quem me dera — disse Chase. — Não, ele está a ser cauteloso. O que significa que nós também temos de ser.

— Está à espera de problemas? — Perguntou Kari.

— Vamos gastar dez milhões de dólares para comprar um artefacto antigo roubado a um maluco por um fulano muito pouco confiável numa zona remota do Irão. Você não está?

Ela levantou uma sobrancelha. — Mais uma vez, não deixa de ter razão.

Dez acidentados minutos depois, Hafez parou o Land Rover à porta de uma quinta abandonada. O pátio de manobras já não se via atrás deles, depois de uma curva no vale; até as linhas de caminhos-de-ferro tinham desaparecido num túnel em baixo. Uma elevação íngreme e poeirenta sobre a casa era encimada por árvores cobertas de mato, enquanto do outro lado da estrutura a encosta mergulhava bruscamente para o fundo do vale. Não havia mais nenhum vestígio de habitação humana à vista.

— Hugo, vai ver a parte de trás da casa — disse Chase, novamente severo e profissional. — Hafez, fica com a Dra. Wilde e a Menina Frost. Se houver algum sinal de problemas, tira-as daqui.

— Aonde vai? — Perguntou Kari.

— Assegurar-me de que a casa está vazia. — Saiu do Land Rover e tirou do bolso uma poderosa lanterna de LED. — Se eu não estiver cá fora dentro de dois minutos, — disse ele a Hafez — é sinal de problemas. — O iraniano acenou com a cabeça enquanto os outros dois homens corriam para a quinta.

Na verdade, passaram bem menos de dois minutos até que Chase reaparecesse, com Castille a completar a sua ronda ao edifício pouco tempo depois. — Está limpa — disse Chase, regressando ao Land Rover. — Há apenas duas divisões, e não há sítio para ninguém se esconder.

— Não há ninguém lá atrás — acrescentou Castille.

— Não achei que houvesse, mas queria ter a certeza. Então, está bem, — continuou Chase — esta estrada é a única maneira de entrar ou sair. Se chegar alguém, teremos muito tempo de aviso.

— Não me parece que ele venha pela estrada — disse Castille, com uma estranha expressão de aversão no rosto.

— Porquê?

— Não estás a ouvir?

Chase inclinou a cabeça para o lado e sorriu. — Ah, sim — disse ele, dando uma palmada no ombro do belga. — É o som dos teus pesadelos! Buu, vem aí para te apanhar!

— Como tão elegantemente vocês dizem em Inglaterra... vai dar banho ao cão!

Nina deslocou-se até à porta aberta para escutar. — O que é que se passa? — Já conseguia ouvi-lo, um inconfundível som ressonante que ecoava desde as montanhas circundantes.

— O Hugo já teve uma má experiência com um helicóptero — disse Chase. — Por isso, agora tem fobia deles. Helicopterofobia! Sempre que vê um, supõe que algo vai correr mal e matá-lo.

— Eles voam com enormes lâminas giratórias a velocidades loucas! — Protestou Castille. — Como é que podem *não* ser perigosos?

— Bem, mantém a cabeça baixa aqui e eu vou ter com ele quando aterrar, está bem? — Chase piscou-lhe o olho, depois acrescentou, com uma voz mais baixa e mais séria: — Mantém um olho aberto. — Castille acenou com a cabeça.

O helicóptero passou a rasar a elevação sobre a quinta. O tipo de helicóptero era familiar a Nina, de centenas de filmes e séries de TV e até mesmo de umas duas viagens como passageira: um Bell Jet Ranger, um aparelho civil muito usado que existe em todo o mundo. Fez um círculo rápido sobre a casa, depois parou e aterrou a cerca de trinta metros do Land Rover.

Chase esperou que os rotores abrandassem e depois dirigiu-se a ele. Hajjar trouxera companhia. Além do piloto, havia mais três pessoas no Jet Ranger. Rolou os ombros, sentindo o peso da Wildey .45 Winchester Magnum no seu coldre debaixo do casaco, pronta a usar num instante. Se fosse o caso.

As portas de trás do helicóptero abriram-se, com dois grandes homens barbudos com fatos escuros e óculos de sol a saltarem primeiro e a examinarem a área antes de fixarem os seus olhares vazios em Chase. Ele olhou-os fixamente em resposta, sem se sentir intimidado. Pela postura deles, percebeu que eram antigos militares — mas apenas soldados normais, não das forças especiais. Decididamente, nada que se assemelhasse ao nível do SAE. Ele podia com eles.

Um dos homens inclinou-se para se aproximar do helicóptero e falou em farsi. A porta abriu-se e Failak Hajjar apareceu.

Ao contrário dos seus guarda-costas, Hajjar tinha vestidas as vestes tradicionais árabes. Mas, tal como eles, usava óculos de sol — embora os dele fossem muito mais caros.

Outro homem seguiu-o na saída. Era branco, com o cabelo curto à escovinha, barba de vários dias e um distintivo ar atento. Chase calculou que fosse Yuri Volgan.

— Você é o Chase? — Gritou Hajjar.

— Sim!

— Onde está a Menina Frost?

— Onde está o artefacto? — Perguntou Chase. Hajjar pôs um ar grave e voltou ao Jet Ranger, para ir buscar uma pequena pasta preta de cabedal. Acenando com a cabeça, Chase recuou, dirigindo-se ao Land Rover.

— Dentro de casa — disse Hajjar, fazendo sinal com a pasta. — Longe do vento, sim?

— Qual vento? — Resmungou Chase. Agora que os rotores tinham parado, havia apenas uma brisa intermitente. Verificou novamente a área, em busca de sinais de que não estariam sozinhos, mas não viu nada.

Chegou ao Land Rover. — Então? — Perguntou Kari.

— Parece tudo bem, mas... — Olhou novamente em redor, examinando a paisagem. Não havia sinais de ninguém — não que não *pudesse* haver alguém escondido nas redondezas. — Tenham cuidado, está bem?

— Não confia nele? — Perguntou Nina.

— Credo, não. Só não tenho exacta certeza do *quanto* não confio nele. Muito bem, Hafez, tu esperas aqui fora. Se houver algum problema, toca a buzina.

— Assim farei. — Hafez esticou-se para debaixo do tablier e tirou de lá um revólver, que colocou sobre o colo.

Chase abriu a porta a Nina, e Castille fez o mesmo a Kari. — Tenho de confessar que estou um pouco nervosa com todas estas armas — disse Nina a Chase.

— O quê? Pensei que vocês, os arqueólogos, andassem sempre por aí a disparar sobre as pessoas, como o Indiana Jones.

Ela encolheu os olhos. — Dificilmente. Os únicos disparos que faço são com uma máquina fotográfica.

— Espero que seja sempre assim — disse Kari, enquanto se encaminhava para a quinta, com a bainha do seu casaco branco a fluir em volta dela enquanto andava. Hajjar e os seus companheiros pararam à porta do pequeno edifício, incapazes de tirar os olhos de cima dela. — Façam favor — disse-lhes ela, fazendo um gesto para dentro da casa com a sua própria delgada pasta de metal.

O interior da quinta era escuro, e a única luz provinha de uma única janela. Embora os conteúdos da sala tivessem sido, na sua maioria, retirados quando os seus proprietários a abandonaram, havia ainda uma mesa comprida ao centro, feita de madeira grosseiramente talhada.

Castille tirou um grande tubo fluorescente do casaco e dobrou-o para partir o vidro lá dentro, deixando os químicos misturarem-se para libertarem uma vívida cor laranja, como a do brilho de uma lareira. Nina sabia que uma reacção tão forte só conseguiria aguentar-se durante quinze minutos, no máximo, portanto, presumivelmente, esperava-se que toda a transacção estivesse completa antes disso. Ela não se sentia confortável com isso. Significava que teria de determinar a autenticidade do artefacto à pressa — e, se estivesse errada, os Frost perderiam dez milhões de dólares. Ela bem podia passar sem esse tipo de pressão.

Portanto, só teria de estar certa.

Hajjar e os seus guarda-costas estavam em pé, numa das pontas da mesa, Chase, Kari e Castille na outra. Nina deu por ela de frente para Volgan. O russo parecia preocupado, com os dedos a pulsar com uma energia nervosa.

— Está pronta para fazer a transferência do dinheiro? — Perguntou Hajjar.

— Assim que vimos a peça — respondeu friamente Kari. — E assim que a Dra. Wilde confirme que é genuína.

— Wilde? — Perguntou Volgan, chocado. Nina reparou que, subitamente, ele deixou de conseguir olhar directamente para ela. — Familiar do Henry e da Laura Wilde?

— Sim, eram os meus pais. Porquê?

Volgan não respondeu, mas Hajjar interrompeu impacientemente antes de Nina conseguir fazer mais perguntas. — O objecto é genuíno. Veja. — Colocou a pasta em cima da mesa e accionou o fecho com combinação. Nina ficou surpreendida ao ver que ele não tinha a mão direita, substituída por um gancho de metal. Não conseguiu evitar olhá-la fixamente.

— Acha que eu sou um ladrão, talvez? — Perguntou ele friamente.

— Hã, não, eu...

Hajjar abanou a cabeça. — Os ocidentais, sempre com os seus chavões e preconceitos — disse ele, enquanto abria o fecho. — Perdi-a num acidente de moto. Não sou nenhum ladrão.

— Bem, não no sentido trivial — comentou Chase alegremente. — Pelo menos, foi o que ouvi dizer.

Hajjar parou e lançou-lhe um olhar penetrante. — Está a tentar insultar-me, Sr. Chase?

— Não. Você *perceberia*, se eu estivesse a insultá-lo.

— Podemos ver a peça agora? — Incitou Kari. Hajjar lançou a Chase um último olhar furioso antes de fazer estalar o fecho e abrir a pasta.

Lá dentro, pousado numa camada de espuma de protecção, estava o artefacto atlante.

Tinha de ser feito de oricalco, Nina sabia. Nada mais teria reluzido com um tão singular brilho avermelhado.

Tinha sido cuidadosa e diligentemente polido. Não tinha uma única marca, nem dedadas nem manchas. A única falha era o pequeno entalhe num dos lados, de onde Volgan retirara uma amostra do metal. Era, sem dúvida, a mesma peça que ela vira em holograma.

E agora podia ver a peça inteira. Na parte da frente, mesmo por cima da saliência na parte inferior, estava uma pequena ranhura angulada. E, por baixo, havia marcas...

— Posso examiná-la? — Perguntou ela a Hajjar, com a voz quase transformada num murmúrio maravilhado.

— Claro que sim.

Nina calçou um par de luvas cirúrgicas de látex e retirou cautelosamente o artefacto da pasta. Era mais pesado do que parecia, o que condizia

com um elevado teor de ouro. Uma ponta de flecha estava inscrita na ponta curva da peça, bem como uma linha ondulante com uma espécie de marcações minúsculas em cada um dos lados, a todo o comprimento, mas o que lhe chamou a atenção foram as inscrições paralelas à linha. Ela virou a barra, para apanhar a luz que vinha da janela.

— O que são? — Perguntou Kari.

— São caracteres glozel, ou uma variante muito próxima. Pelo menos, a maior parte deles. — Nina apontou para certos símbolos com a ponta do dedo coberto pela luva. — Mas estes são outra coisa. Um alfabeto diferente.

— Sabe qual?

— Parece-me familiar, mas não consigo localizá-lo bem. Mas é outra variante, não é um alfabeto-padrão. Talvez uma variante regional, ou qualquer coisa de um período de tempo ligeiramente diferente? Teria de verificar as minhas obras de referência.

— Terá tudo aquilo de que precisa — disse Kari. — Mas é uma peça genuína?

Nina virou o artefacto ao contrário. A parte inferior era exactamente como ela tinha visto no holograma, com a saliência de metal a projectar-se da parte de cima. À parte disso, não tinha mais marcas.

Os seus dedos pressionaram a ponta curva quando ela o virou novamente.

Memória sensorial...

A forma fazia-a lembrar alguma coisa, a curva do metal quase instintivamente familiar...

— Dra. Wilde? — Kari tocou-lhe levemente no braço e ela encolheu-se, apercebendo-se de que estivera a fitar o artefacto durante vários segundos, perdida em pensamentos. — É genuíno?

— Há, parece ser, certamente. Mas devia fazer uma análise metalúrgica para o confirmar.

— Receio não ter trazido o meu cadinho e o espectógrafo — disse Kari com um sorriso ténue. — É a sua opinião que conta.

— Muito bem... — Nina respirou fundo, com a garganta seca. Dez milhões de dólares era *muito* dinheiro, mais do que ela veria em várias vidas. — Se for uma falsificação, é uma falsificação muito cara. E extremamente bem feita — não há muitas pessoas no mundo que saibam escrever em glozel.

— Consegue ler? — Perguntou Chase.

— Partes. — Nina tocou em certas palavras. — «Vindos do norte», «foz», «rio». Eu diria que esta linha aqui — indicou a marcação que percorria o comprimento do artefacto — é um mapa ou algum tipo de guia. Indicações.

Kari sorriu-lhe por um momento antes de voltar a colocar um ar profissional. — Isso para mim chega-me. Sr. Hajjar, temos negócio.

— Esplêndido — disse Hajjar, sorrindo também, embora de forma consideravelmente mais gananciosa. — A transferência do dinheiro?

Kari fez sinal a Nina para voltar a colocar o artefacto na sua bandeja de espuma, depois fechou a pasta. Nina sentiu uma ponta de desilusão quando o metal reluzente desapareceu de vista. Chase fê-la deslizar para o seu lado da mesa enquanto Kari abria a sua própria pasta.

Nina quase esperara que estivesse repleta de notas, mas, em vez disso, viu um pedaço de hardware electrónico do tamanho e com a forma de um PDA, com um robusto conjunto de auscultador e microfone ligado a ele. Kari pegou no telefone e puxou uma antena grossa para fora, depois premiu um botão e colocou-o ao ouvido.

— Transferência — disse ela, quando alguém atendeu; depois, passados alguns segundos: — Transferência, número de conta 7571-1329 para número de conta 6502-6809. Combinada anteriormente, código de autorização dois-zero-um-tango-foxtrot. Dez milhões de dólares americanos. — Fez uma pausa, escutando atentamente enquanto lhe repetiam as suas palavras. — Sim, confirmo. — Pressionou o polegar direito no ecrã em branco do mecanismo dentro da sua pasta e acenou com a cabeça a Hajjar.

— Eu vou ter de usar o meu polegar *esquerdo* — sorriu maliciosamente, acenando a mão de gancho a Nina.

Kari esperou pela confirmação da sua impressão digital, depois voltou a acenar com a cabeça a Hajjar. O iraniano parecia imensamente satisfeito consigo mesmo, virando-se para Volgan. — Pronto. O seu fundo de reforma está prestes a melhorar em sete milhões de dólares.

— Você fica com trinta por cento? — Perguntou Chase. — Chiça! Parecia-me que tinha dito que não era ladrão.

Hajjar franziu o sobrolho, mas não lhe disse nada, virando-se, ao invés, novamente para Kari. — Só falta fazer uma coisa, Menina Frost...

— Eu sei — disse ela, com uma ponta de impaciência, antes de voltar a desviar a atenção para o telefone. — Pronta para a verificação de segurança final. — Lançou um olhar cúmplice a Nina antes de falar. — «No templo colocaram estátuas de ouro; havia o próprio deus, de pé, em cima de uma biga, o condutor de seis cavalos alados, e de tal tamanho que tocava no tecto do edifício com a cabeça.»

Nina reconheceu imediatamente o trecho de *Crítias*, mas não conseguia imaginar porque é que Kari o citara. Se calhar, era uma espécie de palavra-passe — mas a sua impressão digital e todos os outros códigos que ela dera não seriam suficientes para confirmar a sua identidade?

Fosse qual fosse a razão, funcionou. — Obrigada — disse Kari, antes

de fechar a antena do telefone. Reparou no olhar intrigado de Nina. — É um identificador de voz e um sistema de análise de tensão — explicou. — O último grito em medidas de segurança. Se a minha voz demonstrar que estou sob tensão, que estou a ser coagida, a transferência será cancelada.

— Mas estava tudo em ordem — disse Hajjar. — Obrigado, Menina Frost. — Por um rápido instante, os seus olhos viraram-se para o tecto. — O nosso negócio está agora concluído com sucesso. — Virou-se para sair...

A mão de Chase levantou-se subitamente, com a Wildey apontada directamente à cabeça de Hajjar. — Quietos!

Hajjar ficou imóvel, e os seus guarda-costas imitaram-no quando Castille sacou da sua própria arma e a apontou a eles. — O que é que se passa? — Silvou.

— Sr. Chase? — Perguntou Kari, preocupada.

— Onde é que está a escuta? — Perguntou Chase. — Essa era uma frase combinada, vocês têm alguém a ouvir-nos.

— Eu não...

— Diga-me onde está a escuta, senão mato-o. — Puxou o cão da arma para trás com um estalido enfático.

Hajjar olhou novamente para cima, respirando pesadamente através dos seus dentes cerrados. — Naquela viga.

Chase fez sinal com a cabeça a Castille, que saltou para cima da mesa e percorreu com a mão uma viga do telhado. Saltou para baixo alguns segundos depois com uma pequena caixa preta numa mão. — Transmissor.

Nina olhou por entre eles, confusa. — O que é que se passa?

— É uma emboscada — disse Chase. — Ele ia esperar que o dinheiro fosse transferido e depois ficar com aquilo para ele. Parece que isso prova que é mesmo genuíno. — Olhou novamente para Hajjar, com a arma fixa na sua cara. — Quantos homens tem lá fora?

— O único homem que tenho lá fora é o meu piloto — grunhiu Hajjar.

O brilhante ponto vermelho de um apontador laser apareceu no peito de Chase, seguido um momento depois por outro, feixes idênticos que brilhavam através da janela encardida. Lá de fora vinha o som de passos de corrida.

O sorriso de desdém de Hajjar transformou-se em sorriso de escárnio. — Mas o meu bom amigo Capitão Mahjad, do exército iraniano, tem cerca de vinte soldados com ele.

Nina deu um salto para trás, com medo, quando a porta se escancarou. Quatro homens fardados apressaram-se a entrar, de metralhadoras em punho.

— Bem, — disse Chase — estamos lixados e fodidos.

5

Depois de confiscarem os pertences do grupo, os soldados encaminharam os seus prisioneiros para o exterior de metralhadoras apontadas, réplicas produzidas no país da G3 alemã Heckler e Koch. Seguiu-se Hajjar, com a pasta que continha o artefacto e um sorriso sádico na cara rechonchuda.

Chase viu Hafez ajoelhado com as mãos atrás da cabeça ao lado do Land Rover, que tinha todas as portas escancaradas. Havia mais dois soldados a guardarem-no. Outras tropas cercavam o edifício. Ele percebeu imediatamente o que se passara: os soldados tinham estado escondidos no cimo da íngreme encosta sobre a quinta, utilizando cordas para fazerem uma descida rápida.

Viu que dois dos iranianos levavam Dragunovs, espingardas de franco-atirador de fabrico russo equipadas com apontadores laser e miras telescópicas. Isso explicava o facto de Hafez não ter emitido um aviso. Estar imobilizado sob a linha fina como uma agulha de um laser, com a noção de que uma bala a alta velocidade poderia explodir contra o reluzente ponto vermelho a qualquer instante, incitava uma pessoa a ficar muito, muito quieta e calada.

— Desculpa, Eddie — disse Hafez. — Eles eram muitos. — Um dos seus guardas deu-lhe um pontapé.

— Acho que, desta vez, todos nós lixámos tudo — respondeu Chase. A possibilidade de Hajjar ter recrutado apoio militar nem sequer lhe ocorrera. A corrupção do negociante espalhava-se a muito mais longe do que ele pensara.

À distância, detectou uma carrinha castanha-escura a ribombar pela

estrada de terra acima. Devia ter estado estacionada longe da vista, respondendo à chamada agora que a missão dos soldados estava terminada.

Hajjar aproximou-se de um oficial, com a pasta a pender-lhe do gancho enquanto lhe dava um aperto de mão. — Comandante Mahjad! Permite-me que lhe apresente os meus... colegas de negócio?

Mahjad, um homem alto, magro e barbudo, sorriu ao grupo de prisioneiros. — É um prazer. Então, Failak, o que queres que seja feito deles?

— A mulher loura e o russo, vou levá-los comigo.

Mahjad olhou de soslaio para Kari, que lhe lançou um olhar gélido em resposta. — Em relação a ele, não sei, mas decididamente percebo porque a levaste a ela!

— Não é nada disso. Se bem que... — Hajjar pareceu pensativo, depois riu-se novamente. — Quanto aos outros, não quero saber. Desde que não venham atrás de mim.

— Não há problema. O ministro da Cultura tem andado em cima dos estrangeiros que tentam roubar os nossos tesouros. Devem apanhar, pelo menos, vinte anos de cadeia — se sobreviverem para chegarem a julgamento.

— Deixo isso consigo. — Hajjar estalou os dedos aos seus guarda-costas. — Algemem-nos — disse ele, indicando Kari e Volgan.

— Para onde a leva? — Gritou Chase. Um dos soldados bateu-lhe com a coronha da metralhadora nas costas, fazendo-o cambalear.

— Para a minha casa. Não se preocupe, não lhe vai acontecer nada. Desde que o pai dela colabore.

— Vai pedir um *resgate* por mim? — Perguntou Kari, horrorizada. Um dos guarda-costas puxou-lhe as mãos para trás das costas, fechando um par de algemas à volta dos seus pulsos.

— Parece-me que mais dez milhões de dólares é um preço justo, não acha? — Disse Hajjar a Chase, ignorando-a. — Se eu tivesse uma filha tão bonita, acharia uma pechincha. — Baixou a voz para um tom mais ameaçador. — Para garantir que ela se *mantinha* bonita.

— Se lhe fizer alguma coisa, — grunhiu Chase — eu mato-o.

— Essa é a melhor ameaça que consegue arranjar? — Zombou Hajjar.

— *Depois de* você me pedir.

Hajjar encolheu os ombros. — Assim está melhor. Vou preocupar-me com isso... daqui a vinte anos.

— Sr. Chase, — disse Kari, quando os guarda-costas a afastaram a ela e a Volgan com um puxão — lembre-se para que é que foi contratado. Proteger a Dra. Wilde. *Essa é* a sua principal prioridade.

— Mas...

— Percebe?

Chase acenou relutantemente com a cabeça. — Sim.

— Ainda bem. — Ela desviou a atenção para o helicóptero, depois para Hajjar. — Só há cinco lugares, e nós somos seis. Ou vai pendurar-se nas pás com o seu gancho?

— Você pode ir ao colo do Yuri — disse Hajjar com um sorriso lascivo. — Ele merece um último prazer... antes de eu o vender de volta ao Qobras.

O sangue esvaiu-se do rosto de Volgan. — O quê? *Não!* Não, Failak, nós tínhamos um acordo!

— E eu tenho a certeza de que o Qobras há-de ter um melhor. Porque é que hei-de contentar-me com três milhões se posso ficar com os *dez* milhões e ter o Qobras a pagar-me ainda mais para te reaver a ti e ao artefacto?

— *Não!* — Volgan guinchou. Apesar de ter as mãos algemadas atrás das costas, atirou-se ao guarda-costas que o segurava, desequilibrando-o.

O outro guarda-costas rodopiou, largando o braço de Kari — enquanto o russo lhe enfiava um pontapé bem no meio do estômago. Volgan saltou por cima do guarda-costas quando este caiu e correu desajeitadamente para a quinta. Os soldados superaram a surpresa e levantaram as armas.

— Não disparem! — Gritou Hajjar. Mahjad pareceu aturdido, depois repetiu urgentemente a ordem.

Os soldados pararam por um instante, apanhados entre o instinto de treino e as ordens do seu superior.

Um instante foi tudo de que Chase precisou.

Agarrou o cano da metralhadora do soldado mais próximo, tirando-a com uma sacudidela da mão do homem aturdido e torcendo-lhe o pulso para dar a volta à arma enquanto apertava o gatilho com a outra mão.

Sentiu o calor da bala a atravessar o cano de metal quando a arma disparou, escaldando-lhe a palma da mão. O soldado cambaleou para trás, com a bala a trespassá-lo e a salpicar o Land Rover de sangue e tecido pulmonar esmagado.

Antes que qualquer um dos outros soldados pudesse reagir, Chase deu outra volta à arma, premindo o botão de selecção para o automático e soltando rajadas de tiros contra os soldados que tinham as Dragunovs. Eles caíram. Se os soldados que restavam disparassem contra ele, corriam o risco de acertar nos seus próprios camaradas, o que iria detê-los por momentos.

— Nina! — Gritou. Ela fitou-o sem compreender, de modo algum preparada para a sua letal tomada de acção. Ele esticou-se para lhe agarrar o braço, mas um dos soldados reagiu mais depressa do que os seus com-

panheiros e atirou Nina ao chão. Chase não podia disparar sem a atingir...

Mudou imediatamente de tática. — Hugo! — Gritou, fazendo sinal com a cabeça para o Land Rover. Castille estava já a seguir o seu exemplo, lutando com um soldado pela sua metralhadora.

Outro soldado bateu-lhe com a metralhadora na parte de trás do crânio. Castille desmaiou.

Chase virou a cabeça quando ouviu um arquejo de dor. Hafez estava a tentar levantar-se, mas um dos seus guardas voltou a atirá-lo ao chão com um pontapé. O outro estava a apontar a Chase com a sua G3...

Chase mergulhou para a parte de trás do Land Rover. Só teve tempo para fechar a porta com força antes de a janela rebentar, com as balas a trespassar o alumínio do 4x4.

— Eddie! — Gritou Nina, quando o soldado a pôs em pé, arrastando-a à bruta para longe do Land Rover. Ela debateu-se e deu pontapés, mas ele era demasiado forte para ela conseguir escapar. Outros dois homens prenderam Castille ao chão.

O soldado continuou a disparar, esvaziando toda a carga de munições no veículo.

Por um momento, tudo ficou em silêncio. Então, ele agarrou no manípulo da porta cravada de balas e abriu-a com um puxão.

O Land Rover estava vazio. O soldado ficou a olhar fixamente, confuso. Depois ouviu um barulho ténue e olhou para baixo.

Vinda da parte de baixo do banco, a granada de mão reboiou até parar.

Ele abriu a boca para gritar...

O grito nunca surgiu. A granada explodiu, projectando-o para trás numa tempestade de metal retorcido.

Os soldados que prendiam Castille foram apanhados na explosão, tal como o único guarda que permanecia com Hafez. Mas os seus prisioneiros, deitados no chão, escaparam ilesos quando os mortíferos estilhaços voaram sobre eles.

Encostado à roda de trás, do outro lado do Land Rover, Chase tapou os ouvidos com as mãos no momento em que a porta sobre ele explodiu pelas dobradiças. Ele viu-a rodopiar para longe como um gigantesco disco de praia e estatelar-se na encosta em baixo.

Chase olhou por debaixo do veículo. Os soldados mais próximos estavam todos feridos ou mortos, mas os outros recuperavam do choque da explosão. Pelo menos dez deles, todos armados.

Todos irados.

O longo casaco branco de Kari chamou-lhe imediatamente a atenção ao lado do helicóptero. Um dos guarda-costas de Hajjar segurava-a, e o co-

mandante iraniano cobria-a com a sua pistola enquanto gritava ordens aos seus homens.

Nina...

O soldado que se encarregara dela tinha os braços enrolados à sua volta num abraço apertado enquanto a arrastava às arrecuas.

Não podia arriscar um tiro, de maneira nenhuma. E, fosse como fosse, a sua G3 já só tinha umas poucas balas.

Pensando depressa, avaliou a situação.

De momento, Nina estava relativamente segura, apesar de prisioneira, mas não deveria demorar muito até que um dos iranianos se lembrasse de a usar como refém, obrigando-o a render-se. Hajjar e o comandante Mahjad falavam inglês — e tinham ouvido Kari a ordenar-lhe que, acima de tudo, protegesse Nina...

O que significava que, para a proteger naquele preciso momento, ele tinha de *abandoná-la*.

Agarrou na G3 e agachou-se sob a protecção do fumegante Land Rover enquanto recuava — depois levantou-se de repente e disparou de rajada as balas que restavam. Estava deliberadamente a apontar para cima, não a tentar atingir alguém mas sim a obrigá-los a baixarem-se, confundindo-os enquanto fugia, correndo para a íngreme encosta que descia para o fundo do vale.

Metralhadoras dispararam atrás dele quando os soldados abriram fogo.

O vale abria-se em baixo, com a curva ociosa das linhas de caminho-de-ferro a desaparecer dentro do túnel.

Uma bala passou a silvar pela sua cabeça, suficientemente perto para ele sentir a sua onda de choque. Saltou, saindo da beira da encosta, e voou pelo ar para aterrar em cima...

Da porta do Land Rover!

A porta deslizou ladeira abaixo numa saraivada de poeira e gravilha, com Chase a agarrar-se a ela como uma criança num trenó acelerado.

Ele sabia que a porta não o levaria longe — a encosta era demasiado rochosa. Mas não era preciso. Ele só necessitava dos metros adicionais que ela lhe podia dar antes que os soldados chegassem à beira da encosta e disparassem sobre ele.

Um rochedo surgiu em frente, projectando-se da ladeira como um dente estragado. Chase saltou novamente, atirando-se para o lado e batendo com força no chão, enquanto a porta se despedaçava na rocha e se desfazia como papelão. Tentou usar os pés como travão, mas a velocidade era muita e ele acabou por cair às cambalhotas pela ladeira. O cascalho salpicou-lhe a cara, cegando-o.

Disparos vindos de cima!

Algo o atingiu. Não uma bala, mas plantas, erva rija e arbustos espinhosos. O que queria dizer que estava perto do fundo. Mas a que distância?

Forçou os olhos a abrirem-se contra a poeira pungente... e viu o chão a desaparecer-lhe debaixo dos pés.

Com um grito que ecoou até ao cimo da encosta, Chase caiu no vazio.

*

Um dos soldados encolheu-se. — Au! Aquilo deve ter doído. — O forasteiro saíra disparado sobre a parte de cima da entrada do túnel dos caminhos-de-ferro e mergulhara em cima dos carris, longe da vista.

— É bem feito para aquele sacana! — Grunhiu o homem ao seu lado. Quer pertencesse ou não às forças especiais, uma queda daquela altura para cima do imperdoável aço e betão de uma linha de caminho-de-ferro era capaz de partir um osso ou dois, até mesmo de matar um homem.

Mahjad caminhou a passos largos até eles e olhou para baixo. O caminho que o inglês fizera pela íngreme encosta abaixo era fácil de seguir, havendo um trilho de poeira à deriva até ao túnel. — Vão buscar as cordas — ordenou. — Quero que três homens vão lá a baixo à procura dele. Se estiver morto, levem o corpo para o pátio de manobras. Se estiver vivo... — o seu rosto contorceu-se num misto de raiva e humor sádico — levem o corpo para o pátio de manobras.

— Sim, senhor! — Os soldados bateram continência, e três deles prepararam-se para descer a encosta.

Mahjad dirigiu-se novamente a Hajjar. O russo em fuga tinha voltado a ser capturado e estava agora sob guarda junto dos outros prisioneiros. — A culpa é toda tua! — Disse Mahjad ríspidamente, espetando um dedo na cara de Hajjar. — Não me disseste que ele era um assassino treinado!

— Nem eu sabia! — Vociferou Hajjar. — Pensava que ele era um ex-soldado que ela tinha contratado para guarda-costas! — Fez sinal para Kari, que olhou para ele de forma lancinante e com uma gélida aversão.

— Tenho quatro homens mortos e outros três feridos! Como é que vou explicar isto? *Como?*

Hajjar lambeu os lábios com nervosismo, transpirando mesmo com a brisa fresca. — Talvez... uma doação qualquer às famílias deles? E ao comandante encarregado?

— Eu dou-te a doação qualquer, Failak — grunhiu Mahjad. Parou por um momento. O nervosismo de Hajjar aumentou. — Uma doação *muito grande*.

— Eu trato de tudo assim que regressar à minha casa — disse Hajjar, aliviado.

Mahjad olhou-o com frieza. — É bom que trates.

— Dou-lhe a minha palavra. Agora — disse ele, lançando mais um olhar a Kari — tenho de ir. Preciso de tratar de um assunto urgente — e seria melhor que não fôssemos vistos juntos na cena deste... infeliz incidente.

Mahjad acenou relutantemente com a cabeça e os seus soldados afastaram Nina, Castille e Hafez, enquanto os outros entravam no Jet Ranger. Volgan, agora demasiado assustado para protestar, sentou-se no lugar do meio da parte de trás, com um guarda-costas de Hajjar em cada lado, e Kari foi obrigada a sentar-se ao seu colo. Com as mãos algemadas atrás das costas, pouco podia fazer para resistir enquanto o cinto de segurança era apertado à volta da sua cintura, prendendo-a efectivamente a Volgan.

Hajjar ficou com o lugar do co-piloto. — Oh, Menina Frost, — disse ele, esticando-se para trás para lhe segurar no queixo com a sua única mão — não é preciso ficar assim. Não vai ser maltratada — é demasiado valiosa. Pelo menos, se o seu pai colaborar.

Kari libertou-se da mão dele. — Você cometeu o pior erro da sua vida, Hajjar.

Ele sorriu-lhe com arrogância. — Ora, ora. Não há necessidade de tornar as coisas desagradáveis. Encoste-se para trás e desfrute da viagem. E se quiser ajudar o Yuri a *descontrair*... — olhou de relance para o empaquidado Volgan atrás dela — faça o favor de se acomodar. Estou certo de que ele irá gostar. O último prazer do homem condenado, há? — O sorriso arrefeceu. — Mas não se acomode de mais. Seria uma lástima se os meus guarda-costas pensassem que estava a tentar fugir e a alvejassem. — Um dos homens encostou-lhe a boca da sua arma, para dar ênfase.

— Não me esquecerei disso — disse ela, com desdém.

— Óptimo! — Hajjar virou-se para o piloto. — Vamos embora.

*

Nina observou com choque e incredulidade o helicóptero a descolar e a afastar-se. Do mundo académico de Nova Iorque a prisioneira do Irão no espaço de dois dias — o que raio acontecera à sua vida?

E agora Kari fora feita refém, e quanto a Chase...

Não conseguia perceber grande coisa do que os soldados diziam, mas, pelas suas passadas pouco apressadas, era claro que pensavam que ele estava morto.

Um grande camião militar chegou à quinta. Quando os soldados a

empurraram a ela e aos seus companheiros lá para dentro, teve de se esforçar por não chorar.

*

Chase respirou fundo pela última vez e preparou-se.

Acabara de conseguir virar-se no momento em que mergulhara sobre a borda e apanhara um pequeno afloramento de rocha com uma mão. Balançando como uma marioneta, demorou quase um minuto a levantar a outra mão e a conseguir segurar-se completamente.

Não que isso tivesse ajudado.

Estava pendurado mesmo por cima de uma das linhas de caminho-de-ferro. As pontas dos seus dedos dos pés estavam a uns bons cinco metros e meio da linha, o que, mesmo para um homem do SAE, não era um salto a considerar de ânimo leve, e não havia absolutamente nada para amortecer a queda. A única forma de a sua aterragem poder ser mais desagradável era se estivesse por cima de uma cama de pregos.

Mas não tinha escolha. Gritos e o ruído avisador de pedras a deslizar pela encosta diziam-lhe que estava prestes a ter companhia.

Portanto — *salto!*

Apesar de estar preparado para o impacto, dobrando os joelhos e rebolando, a dor não deixou de lhe trespassar as pernas como se tivessem sido atingidas por uma barra de ferro. Caiu pesadamente, arfando em agonia quando o inflexível metal do carril de caminho-de-ferro lhe embateu no peito. Lutando contra a dor, obrigou-se a rastejar para fora da linha.

Avaliação de danos. Ambas as pernas doíam como o diabo e o seu tornozelo esquerdo sofrera a maior parte do embate, mas não tinha nada partido. Ele conhecia *essa* dor.

Sentou-se, fazendo caretas a outra pontada de dor que vinha das costelas. Vendo o lado positivo, teria sido muito pior se não tivesse vestido o seu rijo casaco de cabedal. Depois de respirar fundo algumas vezes, concentrando-se, Chase pôs-se de pé...

E deixou sair um urro de fúria.

Não foi tanto uma expressão de agonia, mas sim uma maneira de a *libertar*, de a controlar. Algumas das técnicas de gestão de dor do SAE eram rudes e rápidas — mas funcionavam.

— Oh, *agora* estou furioso — vociferou.

Um barulho vindo de cima chamou-lhe a atenção. Não eram os soldados a virem atrás dele, mas sim o helicóptero de Hajjar a desaparecer sobre um cume. O imbecil com mão de gancho estava a levar Kari, planeando obrigar o pai dela a pagar um resgate.

O que fazer?

Kari Frost era a sua patroa — e ele duvidava que o pai dela fosse muito compreensivo se ele deixasse que alguma coisa lhe acontecesse. Um fracasso desses poria provavelmente fim imediato à sua carreira. Nunca mais ninguém o contrataria.

Por outro lado, como sua patroa, ela dera-lhe uma ordem muito específica — o motivo pelo qual fora originalmente contratado.

Proteger Nina Wilde.

E, se os soldados a tinham, também deviam ter Castille e Hafez. O camião que ele vira só podia ir numa direcção, de regresso à estrada, passando pelo pátio de manobras.

O pátio de manobras...

Se conseguisse lá chegar a tempo, poderia arranjar maneira de encontrar outro veículo, uma forma de os seguir.

E de os salvar.

Cerrando os dentes enquanto a dor lhe trespassava o tornozelo, Chase correu pela linha de caminho-de-ferro.

6

— Não se preocupe, — disse Castille a Nina enquanto o caminhão descia — Naos solavancos a estrada de terra — vamos ficar bem.

— Como? — Perguntou ela, estendendo os pulsos algemados. — Fomos presos, a Kari foi raptada e o Chase está *morto*!

Ficou surpreendida quando tanto Castille como Hafez fizeram ruídos divertidos. — O Eddie já sobreviveu a coisas piores — disse-lhe Hafez.

— O que é que poderia ser pior do que levar um tiro e depois cair de um penhasco?

— Bem, uma vez, estávamos na Guiana — começou Castille, antes de um dos soldados lhe gritar em farsi, espetando-lhe o cano da arma no estômago como ponto final. — Ai. Parece que estes idiotas preferiam que não falássemos.

— Estes idiotas — disse outro soldado, com rispidez — também falam inglês.

— Mas aposto que não falam francês — continuou calmamente Castille numa das suas línguas maternas.

— Aposto que não! — Respondeu Nina da mesma forma. Isso valeu-lhe a ela um grito irado de um dos soldados e a Castille outra pancada na barriga.

O resto da desconfortável viagem foi passado em silêncio. Nina manteve os olhos fixos em Castille, em vez de nos corpos estendidos no chão.

O caminhão acabou por parar com um chiar de pneus. Nina pestanejou contra a forte luz do dia quando os tropas a puxaram para fora.

Estavam no pátio de manobras que ela vira anteriormente, quatro longos carris paralelos que percorriam as linhas principais e que regres-

savam a elas em cada ponta. Havia um pequeno comboio no ramal mais próximo, com três carruagens de passageiros encabeçadas por uma ociosa locomotiva a gásóleo. Um comboio de mercadorias muito mais comprido aguardava noutra carril. Ela conseguia ouvir o balido de animais, ovelhas ou cabras, a sair dos vagões.

O comandante Mahjad estava de pé à frente dos seus prisioneiros, de mãos nas ancas. — O que é que vai fazer connosco? — Perguntou Nina.

— Levar-vos a julgamento pelo homicídio dos meus homens — disse ele. — Serão considerados culpados e condenados à morte.

— O quê?! — Guinchou ela. — Mas nem sequer fizemos nada!

— Não discuta — disse Castille. — Ele é falso, não vai conseguir convencê-lo... — Um soldado balançou violentamente a sua metralhadora e bateu nas costas de Castille, atirando-o ao chão.

— Têm sorte de eu não vos matar agora mesmo e dizer que estavam a tentar fugir — grunhiu Mahjad. Por um momento, pareceu estar a considerar a hipótese, mas depois emitiu mais ordens. Os soldados puxaram Nina e Hafez para a carruagem da frente do comboio, e outro par de soldados içou Castille pelos braços e arrastou-o atrás deles.

O interior da carruagem tinha um design antiquado, com um corredor estreito a percorrer um dos lados e uma fila de compartimentos com oito lugares no outro. Castille e Hafez foram atirados para dentro do compartimento mais recuado, com quatro soldados a entrarem com eles. O guarda de Nina começou a empurrá-la para dentro a seguir a eles, mas Mahjad disse-lhe qualquer coisa. O guarda conteve um sorriso desagradável, depois levou-a para o compartimento no outro extremo do corredor. Parecia ter sido em tempos a zona da primeira classe, mas essa época já passara há muito e os bancos estavam puídos e encardidos.

— Sente-se — disse Mahjad, entrando atrás dela. Nina pensou em recusar, mas, antes que conseguisse abrir a boca, ele obrigou-a a sentar-se no banco à janela e sentou-se diante dela. O soldado montou guarda do lado de fora da porta, visível através da sua janela estreita.

Ela pensou que Mahjad ia falar, mas, ao invés, ele limitou-se a ficar ali sentado, com o seu olhar inescrutável a percorrer lentamente o seu corpo. Ela tocou conscientemente no cabelo; o gesto chamou imediatamente a atenção dele, que fixou os olhos no rosto dela.

Nina apercebeu-se com horror de que não só estava sozinha no compartimento com Mahjad, como o soldado lá fora faria indubitavelmente vista grossa a qualquer coisa que acontecesse.

Ou pior ainda... tomaria parte nela.

Ela estremeceu. Mahjad reparou no pequeno movimento, com um

canto da boca a erguer-se malevolamente quando o comboio deu um solavanco para depois começar a andar.

*

Longas corridas forçadas não eram novidade nenhuma para Chase. Mas dar uma corrida com tanta dor era uma coisa completamente diferente.

A cada quarenta e cinco metros, olhava para trás, para os seus perseguidores. Quando chegaram ao túnel, ele já conseguira dar-lhes um avanço de cerca de trezentos e cinquenta metros. Mas eles estavam a aproximar-se: mais jovens, mais frescos, ilesos.

Ele ainda estava fora do alcance efectivo das suas metralhadoras G3 e, pelo que sabia sobre o treino de um soldado iraniano médio, correria pouco risco de ser atingido, mesmo quando estivesse ao seu alcance. Mas eles acabariam por se aproximar o suficiente para o derrubar. A menos que ele chegasse primeiro ao pátio de manobras.

O que iria fazer quando lá chegasse continuava a ser um mistério. Improvisar, decidiu ele.

À espera nos ramais estavam um comboio de mercadorias e um comboio de passageiros mais pequeno. Estacionado perto do último estava um camião militar.

O seu corpo foi bombeado com adrenalina, revitalizando-se. Era o mesmo camião que vira a dirigir-se para a quinta! Devia ter trazido os soldados — e, presumivelmente, os seus prisioneiros — de regresso ao pátio... o que significava que iam entrar no comboio.

Chase olhou rapidamente para trás. Os três iranianos estavam a cento e oitenta metros dele e ainda ganhavam terreno. Isso não lhe daria muito tempo, quando chegasse ao pátio, para...

Merda!

O comboio de passageiros estava em movimento! O som áspero do motor a gásóleo chegou até ele, com fumos sujos de exaustão a serem cuspidos para o ar da montanha.

Chegara tarde de mais! Considerando o estado da estrada em baixo, não tinha hipótese de acompanhar o comboio, nem mesmo se roubasse o camião.

Mas, de alguma forma, tinha de arranjar maneira de salvar Nina, já para não falar nos seus amigos.

O comboio ainda se deslocava devagar, para contornar as agulhas que o levariam à linha principal. Uma a uma, as carruagens serpenteavam pela curva. Chase puxou por si com mais força, ignorando a dor. Talvez ainda houvesse hipótese de o apanhar...

Não havia. Mal chegara às agulhas numa das pontas do pátio quando o comboio saiu da outra agulha, com o barulho da locomotiva a aumentar para um rugido rouco à medida que acelerava.

Agora, as suas opções eram o camião... *ou o outro comboio.*

Um soldado solitário estava de pé na parte de trás do camião, observando a partida do comboio. Ouviu passos a esmagarem o balastro atrás dele e olhou em volta — levando um pontapé certo no peito. Chase completou a manobra esmurrando na cara o homem caído. Ele não estava inconsciente, mas também não iria estar em estado de conseguir lutar nos próximos minutos.

Agarrando na arma do soldado, Chase olhou de relance para trás, para os seus perseguidores no carril, depois correu em direcção à parte da frente do comboio de mercadorias.

Ouviu o primeiro impacto de bala num dos vagões de madeira imediatamente antes de o estalido do disparo chegar até ele. Os animais baliram de medo. Ele deixou-se cair e rebolou por debaixo do vagão mais próximo, saindo do outro lado. Tinha alguns momentos de cobertura, mas não demoraria muito até que os soldados chegassem à parte de trás do comboio e dessem a volta a correr.

A locomotiva estava mesmo em frente, um bloco imundo de metal com uma cabina em cada ponta. Mas havia uma coisa que ele tinha de fazer antes...

Agachou-se no hiato entre a locomotiva e o primeiro vagão. O engate era do tipo universal; ele puxou a alavanca para o soltar com um forte estalido. Agora, quando o motor arrancasse, ele iria desligar-se automaticamente e deixar o resto do comboio para trás.

Olhou novamente para toda a extensão do comboio. Dois dos soldados tinham-no seguido pelo lado esquerdo, o que significava que só havia um do lado direito. Pulou para cima do engate e saltou para o outro lado do vagão, dando rapidamente a volta com a arma preparada. O terceiro soldado corria na sua direcção.

Num único movimento suave, Chase deixou-se cair em cima de um joelho, fez pontaria e disparou. Três tiros estalaram da sua metralhadora, mas ele acertou no alvo ao primeiro. O soldado tombou no chão.

Chase correu para a parte da frente da locomotiva. Uma cabeça surgiu da porta aberta — o maquinista a debruçar-se para fora para ver o que se passava. Percebeu muito rapidamente.

— Boa-tarde — ofegou Chase, apontando a arma ao maquinista. — Preciso de levar o seu comboio emprestado.

O homem chocado levantou as mãos, olhou desesperadamente em

volta, depois virou-se e, com um guincho ululante, atirou-se para fora pelo outro lado da cabina.

— Pelo menos pedi — resmungou Chase enquanto subia os degraus. A apertada cabina estava vazia, com o chocalhante som do motor em ponto morto a ecoar de trás de uma estreita porta de acesso na parede traseira. Através do pára-brisas, ele viu o maquinista em fuga a correr em direcção a uma cabina de sinaleiro perto do final dos ramais.

A alavanca maior no painel de instrumentos devia ser o acelerador. O que significava que a segunda maior era o travão.

Assim esperava ele.

Chase experimentou empurrar a alavanca do acelerador para a frente. A locomotiva deu um solavanco quando o barulho do motor aumentou — mas os travões mantiveram-na no mesmo sítio.

Soltou aquela que pensou ser a alavanca do travão. Houve um guincho metálico agudo e a locomotiva abanou. Empurrou imediatamente o acelerador para a frente. Os grandes motores a gasóleo atrás dele fizeram um som estridente, e os ponteiros dos manómetros do painel de instrumentos dispararam para a zona vermelha, mas ele ignorou-os e olhou pela porta aberta.

De facto, a máquina tinha-se desligado do resto do comboio, portanto, pelo menos, ele não iria arrastar várias centenas de animais com ele. Os soldados em corrida tinham quase alcançado a parte da frente do primeiro vagão...

Pegou na G3 e colocou-a no automático, soltando uma saraivada de disparos pela parte lateral da locomotiva. Um dos homens caiu de imediato, com uma nuvem de sangue a pulverizar-se do seu peito. O outro lançou-se para o carril em frente dos vagões parados. A linha de fogo de Chase ficou bloqueada pela estrutura rectangular da máquina.

Grunhiu com aborrecimento, depois devolveu a sua atenção aos instrumentos e ao carril em frente. O primeiro conjunto de agulhas aproximava-se rapidamente.

Por causa das brincadeiras de criança que fazia com os comboios de brincar do pai, Chase sabia que as agulhas deviam ser abordadas a baixa velocidade. Na verdade, tinha-lhe sido tirado o conjunto de comboios depois de a sua curiosidade, sobre o que aconteceria *se não fossem*, ter provocado a aparatosa queda no chão de um Great Western.

Mas ele não tinha muita escolha — tinha de apanhar o comboio de Nina.

Chase preparou-se. Toda a locomotiva balançou quando chocou contra as agulhas com velocidade a mais, com metal a chiar contra metal. O movimento violento repetiu-se também nas seis rodas da base do truque

traseiro sobre o desvio. Depois, a locomotiva endireitou-se, mas as agulhas que se seguiam já se aproximavam velozmente...

*

Por trás da locomotiva, longe da vista de Chase, o soldado que restava corria pelo carril. A máquina estava a ganhar velocidade, e o horrível guincho que fazia ao forçar a passagem pelas agulhas numa saraivada de faíscas quase o ensurdeceu, mas a raiva e o desejo ardente de vingar os seus camaradas fê-lo continuar.

Deu um salto desesperado para a parte de trás da locomotiva quando ela avançou, tentando agarrar o corrimão.

E conseguiu.

Recompondo-se, o soldado balançou para os degraus, depois trepou para dentro da cabina traseira.

*

Outro uivo de metal proveniente da parte de baixo da máquina deixou Chase à beira de um ataque de nervos, mas ele continuou a empurrar o acelerador para a frente, mesmo quando a curva apertada ameaçou atirá-lo para fora do banco do maquinista.

Mais um conjunto de agulhas e ele estaria na linha principal, atrás do outro comboio. Se obrigasse a locomotiva a dar tudo por tudo, não deveria demorar muito até conseguir apanhá-lo — e, se fizesse os cálculos certos, poderia igualar a velocidade e acoplar automaticamente a sua própria máquina à parte de trás do comboio, para depois sair da cabina e saltar lá para dentro.

Em frente, a luz reluzia do metal: qualquer coisa se movia.

O último conjunto de agulhas tinha mudado!

Chase olhou em volta e viu dois rostos assustados a olharem fixamente pela janela da cabina de sinaleiro quando ele passou a grande velocidade. O maquinista devia ter pedido ao sinaleiro para tentar pará-lo — e agora a sua locomotiva iria acabar no carril paralelo ao do outro comboio.

O que significava que, se viesse outro comboio em sentido contrário, ele chocaria de frente com ele!

Mas se eles pensavam que isso iria pará-lo, estavam muito enganados.

Com um último estrondo de metal em demasiado esforço, a locomotiva de Chase acelerou pelas agulhas até entrar na linha principal. Ele empurrou o acelerador o mais para a frente que conseguiu. Os ponteiros

voltaram a saltar, mas ele só se preocupou com o da velocidade. Trinta quilómetros por hora... quarenta...

Os carris em frente faziam curvas para a frente e para trás à medida que circundavam as montanhas. Ele ainda não conseguia ver o outro comboio. Mas não podia estar muito mais à frente.

Apanhá-lo não era o seu maior problema.

Entrar nele é que era.

*

Castille e Hafez trocaram olhares. Os dois homens tinham uma longa experiência com soldados e tinham estado muito atentos aos indícios de tédio e desatenção que quase inevitavelmente atacavam durante o serviço de guarda.

Os soldados que os guardavam estavam a mostrar os indícios. Eram dois para um, no que se referia aos seus prisioneiros algemados, e estavam armados, portanto tinham uma inata sensação de poder e superioridade que facilmente poderia passar a complacência. Quando os dois homens tinham sido empurrados para dentro do compartimento, as armas dos soldados estavam erguidas e fixas neles.

Agora, estavam em baixo. Bastaria um momento para que as erguessem novamente — mas Castille e Hafez só precisavam de um momento.

Só tinham de esperar pelo momento certo.

*

Quanto mais Nina tentava ignorar Mahjad, mais se apercebia do seu olhar fixo. A única coisa que podia fazer era virar-lhe as costas e inclinar-se para mais perto da janela, observando a paisagem montanhosa a passar pelo vidro sujo.

Mahjad mudou de posição. Nina olhou de relance para ele — e ficou paralisada de medo quando viu que ele estava a brincar com a Wildey de Chase.

— A minha vida seria mais simples se tu e os teus amigos *tivessem sido* mortos quando tentavam fugir — disse ele. — Menos papelada, menos perguntas dos meus superiores. Se calhar, é melhor matar-vos a todos antes de chegarmos e poupar-me a algum trabalho. — A arma deu a volta devagar, com a boca grossa apontada para ela. Ela encolheu-se no banco. — Mas... tu podias persuadir-me a mudar de ideias. A salvar os teus amigos.

— Como? — Perguntou Nina. Mas já sabia a resposta.

— Tu sabes como — respondeu ele, recostando-se no banco enquanto um sorriso malicioso de regozijo se abria no seu rosto.

— Você é doentio.

O sorriso malicioso intensificou-se. — Sou um homem razoável — disse ele, olhando para o relógio. — Vou dar-te uns minutos para considerares a minha proposta. Se decidires não aceitar a minha oferta... — o seu rosto contorceu-se num sorriso maléfico — mato os teus amigos. E *entrego-te* aos meus homens. Receio que eles não sejam... como é que se diz? Tão *cavalheirescos* como eu.

Paralisada pelo medo doentio que lhe ardia no estômago, Nina voltou-lhe novamente as costas, completamente perdida e sozinha.

*

A locomotiva ia agora a mais de setenta quilómetros por hora, e ainda acelerava. Chase fitava com atenção a paisagem em frente, em busca do primeiro vislumbre do outro comboio, enquanto acelerava por uma curva comprida.

Lá estava!

A cerca de seiscentos metros, mas ele estava a ganhar avanço.

Dois minutos para o apanhar. Talvez menos.

A lacuna entre os carris era de cerca de três metros. Mas a distância entre as partes laterais dos dois comboios seria menor, cerca de um metro e meio. Um salto fácil.

Pelo menos, seria fácil se os dois veículos não fossem a quase oitenta quilómetros por hora.

Chase tentou ver melhor a carruagem traseira do outro comboio. Era à moda antiga, com uma plataforma aberta na parte de trás, que ia dar a uma porta. Isso facilitava as coisas. Tudo o que tinha de fazer era calcular adequadamente o seu salto e saltar da sua locomotiva para cima da plataforma.

Era *tudo* o que tinha de fazer. Apenas saltar de um comboio em movimento para outro. Não havia problema.

Chase ajustou o acelerador, pendurando-lhe a metralhadora pela alça para controlar o botão de emergência. Se o fizesse abrandar exactamente antes de se afastar, a locomotiva deveria igualar a velocidade e tornar o seu salto mais fácil. Encaminhou-se para a porta aberta e inclinou-se para fora, para calcular a força do vento...

E foi atingido por trás, com o seu ombro a embater de forma agonizante contra a estrutura de metal enquanto um soldado surgia do corredor que ligava as cabinas dianteira e traseira.

A base dos carris passava em baixo como uma mancha, enquanto o soldado tentava empurrar Chase porta fora. Com um braço entorpecido

pelo impacto, a única coisa que podia alcançar para se apoiar era o corrimão na parte de fora da máquina, o que o fez balançar para ainda mais longe da cabina.

De onde viu os faróis de outra locomotiva, vindo directamente contra eles!

As mãos do soldado engancharam-se na garganta de Chase, apertando com força e obrigando-o a ir mais para a beira da plataforma.

Chase esforçou-se por respirar enquanto os polegares do outro homem se enterravam na sua traqueia. Precisou de toda a sua força só para se segurar ao corrimão, com a dor a trespassar-lhe o outro braço, que pendia com rigidez debaixo de si.

E, pelo canto do olho, conseguiu ver os faróis do comboio que se aproximava a tornarem-se mais brilhantes.

O iraniano chegou-se mais a ele, com os lábios puxados para trás num grunhido. — Morre, seu sacana americano!

— *Americano?* — Disse Chase, engasgando-se. Uma energia ressurgente foi bombeada para o seu corpo, e a sua mão livre saiu disparada, embatendo na cara do iraniano como um martelo. O sangue esguichou do nariz esmagado do homem enquanto a cartilagem estalava devido ao golpe. A pressão à volta do seu pescoço desapareceu de imediato quando o soldado caiu para trás, ofegando de dor.

Bateu com um joelho no estômago do soldado. O homem gemeu e rebolou para longe dele, e Chase levantou-se e endireitou-se. — Eu sou *britânico*, palhaço!

Uma buzina ressoou.

Pelo pára-brisas, ele viu a outra locomotiva a acelerar na direcção deles, com as rodas a cuspirem faíscas enquanto o maquinista puxava os travões com força. Rebocava um longo comboio com vagões-cisterna brancos cheios de combustível ou produtos químicos.

O comboio de Nina estava quase a passar ao lado dele.

O maquinista do comboio que se aproximava atirou-se da cabina. O comboio avançava na direcção de Chase como uma bala de canhão, com as luzes a refulgirem.

A carruagem traseira não estava bem nivelada em relação a ele, mas ele estava sem tempo...

O soldado sentou-se — e gritou.

Chase saltou e apanhou a barra de protecção na parte de trás da plataforma aberta. Tudo o que podia fazer era agarrar-se com as pontas dos dedos ao metal desgastado, enquanto...

As locomotivas colidiram.

A máquina de Chase embateu contra a outra, que foi atirada para cima com o embate. A estrutura da locomotiva que se aproximava desfez-se numa torrente de metal.

Depois, o chassis chocou contra o inflexível bloco de metal da enorme máquina a gasóleo da segunda locomotiva. A locomotiva de Chase pesava quase cem toneladas, mas, contra a força cinética de um comboio que pesava vários milhares de toneladas e se deslocava a quase oitenta quilómetros por hora, era como ir contra uma parede de ferro.

A locomotiva virou-se, com o seu extremo traseiro a voar para fora dos carris. Por um instante, andou pelo ar, virada ao contrário — depois embateu na outra locomotiva. As duas máquinas desintegraram-se com o impacto. Centenas de litros de gasóleo libertaram-se, incendiando-se.

A primeira cisterna, repleta de fuelóleo altamente inflamável, descarrilou e empalou-se em metal contorcido. O seu conteúdo jorrou para fora...

*

— Acabou-se o tempo — disse Mahjad. Inclinou-se para Nina, com o seu sorriso maléfico a aumentar à medida que se esticava para a perna dela. Repugnada, ela tentou afastar-se, mas não tinha para onde ir. — Então, qual é a tua...

Outro comboio passou a acelerar na outra linha. Mahjad olhou de relance para ele, depois voltou a olhar para Nina. Abriu a boca para falar...

Uma explosão abanou a carruagem.

*

Na sua carreira no SAE, Chase estivera no terreno desconfortavelmente perto dos alvos dos precisos ataques aéreos da NATO — mas o estrondo de fazer tremer a terra de uma bomba de quatrocentos e cinquenta qui-

los guiada a laser era um mero fogo-de-artifício em noite de Guy Fawkes, quando comparado com a colossal explosão ocorrida quando a primeira cisterna rebentou. O comboio a que agora se agarrava em desespero afastava-o dela a mais de oitenta quilómetros por hora, mas a detonação era ainda ensurdecidora e o calor libertado pela bola crescente de fogo atrás de si era suficiente para chamuscar os pêlos das costas das suas mãos.

Ouviu-se outro barulho, um horrível gemido à medida que as outras cisternas se empilhavam umas nas outras a apenas metros de distância. Estavam a descarrilar, com o efeito de concertina da colisão a arrancá-las do carril.

Mais uma explosão! A segunda cisterna do comboio foi pelos ares como a primeira, seguida pela terceira, passado um momento.

Merda!

Todo o comboio-cisterna iria explodir numa reacção em cadeia — e as explosões repercutiam-se pela linha a mais velocidade do que o comboio se deslocava, apanhando-o!

Se Chase não se abrigasse lá dentro nos próximos dez segundos, seria imolado — ou totalmente vaporizado.

Com os braços distendidos, os tendões rígidos como cabos de aço, içou-se com um grito que foi completamente abafado pelos estrondos ensurdecidores de mais cisternas a explodir. Quais pêlos chamuscados, qual quê!; ele sentiu a *pele* a arder quando rebolou pela parte de cima da barreira e embateu na plataforma de madeira. Levantou-se com um pulo e puxou o manípulo da porta.

Trancada!

A cadeia de explosões precipitava-se na sua direcção, um vento ardente que corria à frente das bolas de fogo em expansão. Chase encostou-se à porta, sem sítio para onde ir...

De repente, caiu, aterrando de costas dentro da carruagem e olhando fixamente para o soldado que acabara de abrir a porta.

Chase rebolou para longe da porta. Apanhado de surpresa, o soldado ficou especado a olhar para ele — depois ergueu o olhar e viu uma parede de líquido em fogo a aproximar-se da parte de trás do comboio.

Nem sequer teve tempo de gritar antes de as labaredas da última cisterna rebentarem pela porta, num jacto rectangular de chamas a abrir-se em leque e a rodopiar pelo interior. Completamente engolido pelo fogo, o soldado soltou um terrível guincho de pura agonia antes de tropeçar na direcção de Chase, esbracejando.

Chase rebolou novamente quando o inferno se agitou perto dele, mesmo a tempo de se esquivar ao combustível a arder que se soltava do soldado. Pôs-se de pé com um salto, ignorando o iraniano enquanto este

caía, contorcendo-se lastimavelmente. Agora que estava no comboio, tinha um trabalho a fazer.

*

Mahjad ficou aturdido com a primeira explosão, depois positivamente aterrorizado à medida que a cadeia de deflagrações que se seguiu se tornou mais ruidosa e mais próxima. Nina foi esquecida quando ele se levantou com um salto e abriu a porta do compartimento com um empurrão, brandando ordens pelo corredor abaixo.

Ela não fazia ideia do que se estava a passar, mas quase parecia que o comboio estava a ser bombardeado!

Poderia ser Chase, de alguma forma a vir atrás dela? Não conseguia imaginar *de que forma*, mas, fosse o que fosse que estivesse a acontecer, tinha assustado Mahjad.

Talvez isto lhe desse uma oportunidade para fugir.

*

Castille e Hafez trocaram mais um olhar quando um dos seus guardas aturdidos abriu a porta, com os gritos de comando de Mahjad a chegarem até eles vindos da outra ponta da carruagem. Desta vez, o olhar foi um sinal, uma confirmação de que estavam ambos no mesmo comprimento de onda.

Prepara-te!

*

Chase abriu a pesada porta deslizante e deu por ele no corredor de uma antiquada carruagem de compartimentos, um verdadeiro trabalho do Expresso de Hogwarts. Para seu alívio, os compartimentos por que passara estavam vazios. Se estivessem cheios de soldados, ele ter-se-ia metido num verdadeiro sarilho...

Passos!

Botas ecoavam no chão enquanto homens corriam para a outra ponta da carruagem, abrindo a porta de ligação com um baque. Afinal de contas, era um verdadeiro sarilho.

— Psst!

O soldado olhou em volta com uma expressão intrigada — que mudou para uma expressão de choque na fracção de segundo antes de um punho lhe embater contra a cara. Chase arrastou-o com força para dentro do

compartimento, dando-lhe mais um murro, pelo sim pelo não, antes de lhe tirar a arma. Com um movimento célere, mudou a G3 para automático e saiu disparado para o corredor, soltando uma saraivada de disparos contra os outros soldados. Eles tombaram.

Ejectou o carregador gasto, agachou-se novamente no compartimento para tirar os carregadores extras ao soldado inconsciente, depois colocou um e voltou a sair, de arma levantada. Castille, Hafez e — a mais importante — Nina estavam algures neste comboio, e ele iria encontrá-los.

*

Um dos guardas deles já tinha saído do compartimento, para, por ordens de Mahjad, descobrir o que se estava a passar mais abaixo no comboio, e agora os captores de Castille e Hafez olhavam surpreendidos em redor para o distante mas inconfundível som de disparos de armas automáticas.

Os olhos de Castille fixaram-se nos do seu amigo. — *Agora!*

Deu um salto do banco e virou-se, com as mãos algemadas a tirarem a arma das mãos do soldado à sua direita, enquanto enfiava o salto de uma bota na cara do homem sentado do lado oposto. Dentes saltaram com o impacto. Simultaneamente, Hafez atirou-se para a frente e deu um pontapé ao homem que estava do outro lado de Castille, atirando a sua arma para o ar.

Castille endireitou-se e virou novamente o tronco, levantando o cotovelo e batendo com ele na garganta do homem à sua direita. Sentiu algo a ceder com um horrível esmagamento molhado.

Quando se virou, Hafez bateu com o calcanhar na rótula do soldado que restava, com um estalido audível de osso a desfazer-se. O soldado gemeu de dor. Hafez saltou para a frente e agarrou na arma dele, dando-lhe uma cacetada na nuca. Ele caiu de cara no chão e ali ficou deitado, sem se mexer.

Os outros dois soldados não estavam em melhor estado. — Bom trabalho — disse Hafez, fazendo sinal com a cabeça para as figuras inconscientes.

— Tu também.

— É claro que eu tinha podido também com o outro, se ele estivesse aqui.

— Claro que sim, velhote. — Castille revirou trocistamente os olhos. — Agora só espero que um destes cretinos tenha as chaves destas algemas...

*

Chase correu para a segunda carruagem, passando pela porta fechada da

casa de banho e contornando o canto que ia dar ao corredor seguinte — mas encontrou mais quatro soldados a bloqueá-lo, de armas em punho!

Escondeu-se novamente ao canto, conseguindo disparar dois tiros. Um grito disse-lhe que atingira um alvo. Os painéis de madeira que revestiam a parede do corredor desfizeram-se, fazendo voar lascas para todo o lado enquanto eram atacados por uma tempestade de balas.

— Credo! — Ele protegeu os olhos da madeira partida. O constrangedor comprimento da G3 significava que ele iria ter problemas em disparar às cegas para o outro lado do canto, enquanto os seus adversários poderiam abrigar-se nos compartimentos e usar o seu superior poder de fogo para o manter retido até que os seus reforços chegassem.

Ou, apercebeu-se com horror, poderiam fazer o que estavam prestes a fazer e atirar uma granada para o meio do corredor!

Um dos homens gritou o equivalente farsi a «Lá vai disto!», com a *essência* da patilha de segurança a separar-se do corpo da granada de forma perfeitamente audível quando os seus companheiros pararam de disparar.

Chase demoraria vários segundos a encontrar abrigo do outro lado da pesada porta de ligação, e nessa altura já a granada teria explodido...

Nem sequer tentou. Ao invés, virou a metralhadora ao contrário e agarrou nela pelo cano, empunhando-a como um bastão enquanto rodopiava para ver o objecto oval verde-escuro a desferir um arco na sua direcção...

E para lhe bater com a coronha da metralhadora, dando-lhe uma pancada de volta ao corredor, como um jogador de críquete a marcar seis pontos!

Voltou a mergulhar para trás do canto quando ela explodiu. Todas as janelas ao longo do corredor rebentaram, com estilhaços de vidro voador a juntar-se ao carácter letal da zona da explosão, enquanto milhares de rolamentos e fragmentos do invólucro de aço da granada se desfaziam pela carruagem.

O vento proveniente das janelas partidas dispersou o fumo quase de imediato, quando Chase voltou a olhar para a passagem. Conseguiu ver vários homens mortos, ou, pelo menos, partes deles, mas não havia sinal de Mahjad — que devia estar na carruagem da frente com os prisioneiros.

Voltando a virar a metralhadora, Chase correu para a parte da frente do comboio.

*

— Granada? — Perguntou Hafez.

— Sim.

— Eddie?

— Decididamente. — Castille abriu as algemas do iraniano. — Preparado?

— Sempre.

— Então, *vamos!*

De armas em punho, os dois homens saíram agachados do compartimento, de costas um para o outro. Castille virou-se para a parte de trás do comboio, Hafez para a da frente.

Castille viu apenas as paredes de madeira do corredor. Disse «Está limpo», quando dois tiros soaram quase em simultâneo atrás dele. Um foi da arma de Hafez; o outro era mais distante.

Hafez cambaleou para trás, tropeçando em Castille quando um buraco sangrento lhe explodiu na coxa esquerda. Ao fundo do corredor, o soldado que fora destacado para a parte de fora do compartimento de Nina e Mahjad agachou-se de volta ao seu abrigo quando a bala de Hafez arrancou um pedaço de madeira da estrutura da porta.

Castille agarrou no amigo com o braço que tinha livre e puxou-o para o fundo do corredor, pousando-o cuidadosamente no chão.

O sangue jorrava da ferida. Hafez apertou-a com a mão esquerda. — Ai! Aquele filho bastardo de uma puta sifilítica *deu-me um tiro!*

Por experiência própria, Castille sabia que Hafez iria sobreviver ao ferimento — se recebesse os primeiros socorros em breve. Isso, partindo do princípio de que iriam conseguir ultrapassar toda aquela experiência... — Ainda consegues disparar?

Hafez levantou a metralhadora com uma mão. — Ainda não estou morto — e *recuso-me* a morrer antes de rebentar com os tomates daquele sacaninha! Vai, ajuda o Eddie!

Castille deu-lhe uma palmada no ombro e abriu as pesadas portas de ligação com um puxão.

*

Chase ouviu movimento em frente. Alguém se aproximava pela parte da frente do comboio.

Agachou-se dentro do compartimento mais próximo. Sustendo a respiração, esperou até ouvir passos e depois atirou-se para o lado de fora, de arma apontada.

Castille estava a menos de três metros de distância, apontando-lhe directamente uma arma.

— Edward!

— Hugo! — Chase soltou um suspiro de alívio. — É o costume, eu a dar-me a este trabalho todo para te salvar e tu a fazeres-me perder o meu tempo!

— Já me conheces, fartei-me de esperar pela tua lenta...

— Não se mexa! — Disse uma voz ríspida atrás de Chase.

Chase trocou um olhar com Castille. Os olhos do belga viraram-se para baixo. Chase fez-lhe um minúsculo aceno de cabeça em resposta.

— Largue a sua ar...

Chase deitou-se no chão enquanto Castille disparou um único tiro, que passou a poucos centímetros da sua cabeça. Do fundo do corredor veio um grito engasgado, seguido pelo baque de um corpo a cair no chão. Olhando em volta, Chase viu outro soldado caído contra a parede traseira cravada de balas, com uma arma em estertor na sua mão sem vida.

— Vieste salvar-me e eu acabei por salvar-te *a ti* — disse o belga com um sorriso matreiro.

— Ficamos quites. — Chase pôs-se de novo em pé. — Não posso acreditar que ele estivesse escondido na retrete! Onde está a Nina?

O rosto de Castille ficou sério. — Não sei, não a vi. O comandante levou-a para outro compartimento. E o Hafez está ferido, levou um tiro.

— Onde?

— Na perna.

— Não, *onde* onde?

Castille virou-se e fez um gesto em direcção à parte da frente do comboio. — Aqui em baixo. Anda!

Correram para a primeira carruagem. Hafez estava ainda no chão, abrigado. — Eddie! — Exclamou ele, com dores. — É bom ver-te! Como é que...

— Ouviste aquelas explosões todas?

— Sim.

— Foi assim. Onde está a Nina?

Hafez fez sinal com a sua metralhadora. — Acho que está no compartimento lá ao fundo, mas o merdoso que me fez *isto* — olhou para a sua perna ferida — está a protegê-lo. O Mahjad também lá deve estar.

Chase tirou um pequeno espelho de aço de um dos bolsos, inclinándolo-o para conseguir ver o fundo da passagem. Tal como esperara, o movimento atraiu um par de tiros, mas, no breve instante antes de recolher a mão, viu o que precisava. — Um gajo, último compartimento, agachado. — Acenou com a cabeça a Castille. — Alinhas?

— Fico com o lado mais distante.

— Nã-nã. Ficaste com o último gajo mau por mim. *Eu fico* com o lado mais distante. — Chase preparou-se para saltar para o corredor e assumir

uma posição de disparo contra a parede exterior. Isso dar-lhe-ia um melhor ângulo de disparo — mas também ficaria mais exposto.

— A minha psicologia invertida volta a funcionar — disse Castille. Levantou a metralhadora. — Pronto?

Chase fez o mesmo. — Lutar até ao fim.

— Lutar até ao fim — ecoou Castille.

Chase esticou-se e puxou o cordão de emergência.

Todo o comboio abanou violentamente quando os travões de emergência foram accionados, com as rodas a guinchar no carril. Preparando-se, Chase esperou que o comboio parasse...

— E *vamos!*

Castille inclinou-se a um canto e fez pontaria. O soldado, ainda a recuperar da súbita desaceleração, viu-o e saiu do seu abrigo para disparar. No mesmo momento, Chase surgiu e bateu contra a parede do lado oposto, dividindo a atenção da sua presa.

As metralhadoras dos dois antigos comandos dispararam ao mesmo tempo. Antes mesmo de ter oportunidade para disparar, o soldado estava morto, atirado de volta para dentro do compartimento como uma boneca de trapos.

Chase ouviu Nina guinchar de medo. — Anda! — Ordenou, correndo pelo corredor. Castille seguiu-o.

A porta do compartimento fora aberta com a pancada do corpo do soldado. Chase não parou de correr, mergulhando para a frente mesmo antes de chegar à porta e aterrando com uma cambalhota perfeita no lado mais distante. Um tiro de pistola fez um buraco na janela a centímetros dele.

Tivera um vislumbre do interior do compartimento quando passara a mergulhar, e fez um sinal silencioso com a mão a Castille quando retomou a posição. Uma refém, um gajo mau, em pé. Entrar aos três, dois, *um...*

Os dois homens atacaram pelo chão, de metralhadoras apontadas ao alvo.

Mahjad tinha Nina à sua frente, com o braço esquerdo envolto na cintura dela, a sua pistola do exército apontada constrangedoramente à porta. Na mão direita tinha a Wildey de Chase, com a boca encostada à têmpora dela.

Nina tremia. — Eddie!

— Larguem as armas! — Gritou Mahjad. — Vou contar até três. Se não largarem as armas até lá, eu...

Chase e Castille trocaram olhares rápidos como relâmpagos. — Três! — Chase disparou.

As duas balas atingiram a testa de Mahjad com pouco mais de um

centímetro de distância. A parte de trás do seu crânio reventou, e a luz do compartimento assumiu de imediato uma tonalidade escarlate quando a janela atrás dele foi salpicada de sangue. Caiu de joelhos, depois tombou para trás e bateu na parede com um baque pegajoso.

— Conversa de amator — disse Chase a um aceno de concordância por parte de Castille, antes de desviar a atenção para Nina. Inquietantemente, ela não reagira de forma nenhuma ao tiroteio, limitando-se a ficar ali parada. — Dra. Wilde? — Ela olhou-o inexpressivamente. — Nina!

Ela pestanejou. — O que foi?

— Nina, — repetiu ele — mantenha os olhos em mim, está bem? Continue a olhar para mim e dê um passo em frente.

— Está bem... — respondeu ela, entorpecida, dando o passo. A emoção começou a regressar-lhe ao rosto — mas não era medo nem choque. Em vez disso, era quase desconcerto. — Porque é que tenho de olhar para si?

— Ora, qual é o *problema* de olhar para mim?

Ela deu outro passo. — Bem, há...

Chase amouu. — Ora, obrigadinho!

— Nenhum! Não, não há nenhum *problema* com a sua cara! — Ela abanou as mãos num frenético pedido de desculpas. — Só queria saber porque é que quer que eu continue a olhar para si.

Ele pegou-lhe nas mãos, depois puxou-a rapidamente para fora do compartimento, passando por cima do corpo do soldado. — Só não queria que visse o fulano sem metade da cabeça, é só isso!

Ela olhou de relance para o soldado no chão, cuja perna estava estendida para o corredor. — O quê? Ao contrário do fulano com os ferimentos profundos no peito que acabaram de rebentar mesmo à minha frente?

Chase abanou a cabeça. — Há pessoas difíceis de agradar...

— Oh, meu Deus! — Guinchou subitamente, finalmente assimilando todo o impacto do que acabara de acontecer. — Você disparou contra ele enquanto ele tinha uma arma apontada à minha cabeça! E se o dedo dele se tivesse contraído, ou assim? Ele podia ter-me matado!

Castille saiu do compartimento, entregando a Chase a sua Wildey, antes de usar a chave para abrir as algemas de Nina. — Na verdade, isso raramente acontece.

— Pelo menos se os atingirmos na cabeça — acrescentou Chase. — Se os atingirmos no corpo, isso já é outra conversa. Choque hidrostático, espasmos musculares... Mas com um tiro limpo na cabeça, quase nunca. Ele não iria...

Bang!

Nina guinchou.

— Ah, — disse Castille, em forma de pedido de desculpas, olhando para dentro do compartimento para ver fumo a sair do cano da pistola de Mahjad — ele *contraía-se*. Eu devia ter-lhe tirado também a outra arma, *n'est-ce pas?*

Nina olhou furiosamente para Chase. — Eu disse *quase* nunca — queixou-se ele, enquanto verificava a sua arma e voltava a guardá-la no col-dre, dentro do seu casaco. — Seja como for, o disparo do gatilho de uma Wildey é muito mais forte do que a porcaria daquela pistolozinha chinesa que ele tinha... e porque é que estamos sequer a falar disto? Temos de sair daqui!

— Como? — Perguntou Nina, enquanto esfregava os pulsos magoados. — Ainda estamos presos no meio do Irão! E a Kari?

— Estou a tratar disso. — Chase olhou de relance para o soldado morto no chão. — Este é o gajo que tinha as nossas coisas todas?

Castille acenou com a cabeça, tirando um saco ao cadáver. — Toma.

Chase vasculhou-o rapidamente, tirando para fora um telemóvel. — Cá vamos nós! Só espero ter-me lembrado de carregar a bateria.

— O que é que vai fazer? — Perguntou Nina.

Ele sorriu. — Vou telefonar a uma pessoa amiga.